

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC – SP

Marcelo Francisco de Mello

A neurose obsessiva na mulher: entre a exceção e a castração

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2012

Marcelo Francisco de Mello

A neurose obsessiva na mulher: entre a exceção e a castração

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação do Professor Doutor Manoel Tosta Berlinck.

SÃO PAULO

2012

BANCA EXAMINADORA

Dedicatórias

Aos meus pais, Armando e Vera, que significaram meu mundo de tal forma que hoje sou capaz de questioná-lo.

A minha irmã, Andréa, que me ensina diariamente o que é ser mãe, esposa, filha, irmã, amiga. Uma mulher excepcional.

A Michelle Inoue, com minhas sinceras desculpas por todas as madrugadas mal dormidas, quando entre o sono e a vigília, me ouvia, com amor, a falar sobre o *pathos*.

Agradecimentos

Ao querido professor Manoel, pelo carinho e atenção com os quais me recebeu e orientou este trabalho. Obrigado pelos ensinamentos, por despertar em mim o desejo pela pesquisa, e por permitir que eu desfrutasse de seu incentivador convívio me tornando uma pessoa melhor. Depois de conhecê-lo a simples palavra “comentários...” assume total relevância.

A querida professora Berenice Carpigiani por ter iniciado meu contato com a psicanálise de modo vivo e apaixonante. Obrigado por ter aceitado o convite de participar de meu exame de qualificação e compor a banca examinadora, me sinto honrado com sua presença sempre amigável.

Ao querido professor Paulo por aceitar o convite de um desconhecido e participar de meu exame de qualificação e compor a banca examinadora, um gesto de amor e gentileza.

A Ernesto Duvidovich, que está sempre comigo, ao seu modo, na abertura de algumas portas. Quantas serão que ainda abriremos juntos?

Aos colegas do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC – SP, pelo auxílio, questionamentos e orientações sem as quais este trabalho não se realizaria.

Ao Grupo das sextas feira, que me acolheu e que me fez sentir-me pertencente.

Aos colegas com os quais divido consultório, pelo acolhimento e torcida. Em especial ao colega e amigo José Waldemar Thiesen Turna sempre presente nos meus momentos de indecisão e temor.

Ao meu mais novo amigo de infância Nelson Cristini Junior, sempre disposto para uma boa conversa e para ler minhas divagações. Mais um ganho inestimável que obtive no Laboratório.

A Thais Arruda Sagardoy, amiga de todas as horas sempre disponível a me ajudar em tudo o que for preciso.

Resumo

Este trabalho se inicia com um caso clínico, portanto seu método é eminentemente clínico e se insere na tradição da Psicopatologia Fundamental, disciplina que visa um resgate da subjetividade humana, pois entende que desde a criação da Psicopatologia Geral proposta por Jasper (1913) a subjetividade humana vem sendo preterida em detrimento de uma psicopatologia objetivista que visa à observação do sofrimento humano através de mecanismos tecnológicos de classificação. O método clínico é o método adotado pela Psicopatologia Fundamental, portanto a psicanálise é a casa mais confortável para esta disciplina.

Dentro deste referencial clínico-teórico, este trabalho versa sobre o acometimento da neurose obsessiva em uma mulher. Manifestação que encontra pouco respaldo na teoria vigente, o que viabiliza a importância desta produção. A construção da narrativa do caso exposto revela entraves teóricos, clínicos e transferenciais, os quais o autor realiza um estudo o mais detalhado possível. O desejo, sua causa, e sua impossibilidade de realização foram trazidos a baila, bem como a constituição do feminino no resgate da eterna questão: a anatomia é ou não o destino?

Palavras chave: Neurose obsessiva – Mulher – Feminina – Psicopatologia Fundamental – Psicanálise.

Abstract

This work begins with a clinical case, so its method is mainly clinical and falls within the tradition of fundamental psychopathology, a discipline which seeks a bailout of human subjectivity, believing that since the creation of the General Psychopathology proposed by Jasper (1913), the human subjectivity has been deprecated instead of an objectivist psychopathology that aims to observation of human suffering through technological mechanisms for classification. The clinical method is the one adopted by the Fundamental Psychopathology, so psychoanalysis is more suitable for such discipline.

Within this theoretical-clinical, this work refers to the involvement of obsessive neurosis in a woman. Such manifestation finds little support in the current theory, enabling the importance of this production. The construction of the narrative of the cited case reveals theoretical, clinical and transferential barriers, which the author conducts a possible detailed study the most. The desire, its cause and its impossible of accomplishment were brought to the fore, as well as the constitution of the feminine in rescuing the eternal question: anatomy is destiny or not?

Key Words: Obsessive neurosis – Woman – Feminine – Fundamental Psychopathology – Psychoanalysis

Sumário

Introdução.....	10
1. Relato do caso.....	13
2. A posição da Psicopatologia Fundamental.....	41
2.1. Reflexões sobre o método clínico.....	51
2.2. As dificuldades do método.....	54
3. O contato com a neurose obsessiva.....	58
4. Quebrando o gelo: o humano sai da casca.....	66
4.1. Pai, diplomata do governo do Pai no estrangeiro mãe e filho.....	76
5. Freud, a psicanálise e o feminino.....	94
5.1. Outras psicanálises e o mesmo feminino.....	103
5.2. Feminino, um sintoma frente ao <i>pathos</i>	112
5.3. Identificação-desidentificação: É possível um par?.....	119
5.4. A alteridade sempre na diferença.....	135
5.5. A mãe e a filha.....	143
6. Tudo é possível, desde que impossível.....	148
6.1. A causa e a angústia.....	154
6.2. O controle e a erótica.....	164
7. Conclusões.....	181
Referências Bibliográficas.....	184

Introdução

O presente texto é fruto das reflexões que nasceram de um atendimento clínico, uma mulher procura um analista indicado por um médico psiquiatra, pois encontra dificuldades para dormir, não havendo nada orgânico com esta mulher seu psiquiatra lhe indica um analista na suspeita de se tratar de um quadro depressivo.

Assim chega até mim Darci, uma mulher de aproximadamente quarenta anos de idade, e de imediato sua imagem gerou interrogações. Encontro uma mulher forte, que trajava calça marrom, camisa branca e um colete que na frente era marrom claro e nas costas estampado e botas nos pés que combinavam com o grosso cinto. Darci tem sobrancelhas finas, altas e bem arcadas, seu cabelo é curto, muito armado e com uma coloração escura, assim como seus olhos escondidos atrás de grossos óculos. Seu nariz é grande e bem definido e em seus lábios, tão finos quanto suas sobrancelhas, estavam um batom extremamente vermelho, mal delineado e um tanto borrado.

As primeiras inquietações surgiram, tratava-se de uma mulher masculinizada, de uma mulher homossexual, ou simplesmente de um estilo peculiar? Iniciamos, assim, nossa aventura a caminho de um desconhecido inédito presente em toda e qualquer subjetividade. Darci não é homossexual, nem em sua escolha objetal, ela é muito mais do que esta pequena questão preconceituosa, reducionista e machista.

Darci impôs questões muito mais interessantes, desconcertantes e importantes à medida que nossa aventura seguia. A cada encontro mais se delineava uma neurose obsessiva, até ai sem grandes novidades, entretanto, uma mulher obsessiva trouxe, e como, muitas inquietações. Algo não se encaixava, ficava fora do lugar, restava inconcluso. Em visita à

teoria percebeu-se que muito pouco há produzido no que se refere à neurose obsessiva na mulher. Seria possível uma transposição direta das construções acerca da neurose obsessiva nos homens para as mulheres? Cremos que não.

Darci nos alerta para o quão trágica pode ser a neurose obsessiva na mulher, a busca por encontrar um significante que lhe indique um assento fálico pode trazer a uma mulher uma identificação com o falo imaginário, catástrofe que lhe confere um ato de encenação deste imaginário. Quantas mulheres podem ser tomadas por homossexuais, masculinas, ou, o que é pior, consideradas loucas por sustentar esta identificação? Mas seria possível abandonar tal identificação, visto que é ela a produtora de um traço do caráter? (utilizando um termo de Octave Manonni).

Primeiramente Darci nos remeteu a uma velha indagação freudiana: o que é a mulher? Uma mulher nasce, ou se constitui durante o desenvolvimento libidinal? A anatomia é ou não o destino? Velhas questões de explicações confusas e insatisfatórias. Retrocedemos a elas, e retrocedemos ainda mais chegando ao mito freudiano da gênese do humano, seu manuscrito perdido nomeado em português como “Neurose de transferência uma síntese” (1915).

A partir daí avançamos, e chegamos a Lacan com seus aforismos: A mulher não existe – Não existe relação sexual – a mulher tem um duplo gozo. Mas foi com seu ensino do “Seminário XX – Mais, ainda” (1972 – 1973) em particular naquilo que se refere seu conceito de ‘não toda na castração’ que encontramos a possível conjunção da mulher com a neurose obsessiva. Uma conjunção potencialmente trágica.

Reencontrar o pai para desafiar-lo e restaurar-lo como pai, esta é a ordem obsessiva, mas Darci nos proporciona um discurso humano, e muito tocante do sofrimento de uma

mulher obsessiva que tem que primeiro fazer o pai a todo instante para então subtraí-lo daquilo que supostamente o Outro encontra como satisfação de seu desejo.

1. Relato do caso

A paciente chegou até mim por indicação de um médico psiquiatra que estava tratando-a de problemas de sono. Disse tratar-se de uma mulher de quarenta anos e que à primeira vista parecia estar em um estado de depressão, e, portanto, ele havia aconselhado a ela um acompanhamento psicoterápico.

Assim Darci entra em contato comigo. Em nossa primeira conversa por telefone ela me parece bastante resistente em marcar uma consulta, dizendo estar muito ocupada com assuntos particulares e não sabe ao certo se poderia assumir um compromisso; diz, também, necessitar muito de um tratamento psicológico, pois enfrenta problemas para dormir, relata não saber o que fazer. Conseguimos marcar um encontro para a semana seguinte.

Na data acertada Darci chega ao consultório com bastante antecedência. No horário combinado desço ao seu encontro. Vejo, então, uma mulher de meia-idade, bastante alta e de ossatura forte. Darci trajava calças de um tecido pesado na cor marrom, sua camisa era branca e por sobre a camisa estava um colete que na frente era marrom claro e nas costas estampado; calçava um par de grandes sapatos fechados que combinava com o cinto; seu salto, grosso e alto, aumentava ainda mais sua estatura.

Apresento-me, Darci se levanta e percebo uma postura muito ereta e altiva; recebo um aperto de mão mais forte que o natural. Darci tem sobrancelhas finas, altas e bem arcadas, seu cabelo é curto, muito armado e com uma coloração escura, assim como seus olhos escondidos atrás de grossos óculos. Seu nariz é grande e bem definido e em seus lábios, tão finos quanto suas sobrancelhas, estampava-se um batom extremamente vermelho, mal delineado e um

tanto borrado, na tentativa de se engrossá-los. Convido-a para subir e Darci me segue com passadas firmes e largas.

No trajeto entre a recepção e o consultório Darci fala do calor e coisas amenas, sempre com um olhar fixo e atento em mim e esfregando suas grandes mãos. Já acomodada, pergunto-lhe em que eu poderia ser útil ao que responde já ter feito terapia anteriormente e durante uns dez minutos passa a elogiar muito sua terapeuta anterior, mas que infelizmente, diz ela, não foi possível continuar devido a problemas de horário. Diz procurar novamente uma terapia com o intuito de autoconhecimento, e reclama ter de começar um novo processo psicoterápico. Pergunto-lhe por quanto tempo esteve em terapia, ela me diz que “fez” várias vezes, ao todo esta era a sexta vez que ela se encontrava com um terapeuta, e que com sua última terapeuta o processo havia durado oito meses mais ou menos.

Peço que conte um pouco de sua vida e Darci me diz que mora com o irmão caçula. Diz isso e fica em silêncio por alguns instantes, e depois prossegue dizendo ter um amigo com o qual sai para passear com bastante frequência, ela sorri e diz: *apesar de eu achar que prefiro ficar em casa* e conclui ser muito calma, já que a maioria de suas amigas já passou dos sessenta anos. Pergunto, então, em que ela trabalha, e diz que durante toda a sua vida trabalhou como telefonista em uma empresa estatal, mas que havia se aposentado há cinco anos devido a uma lesão por esforços repetitivos (L.E.R.). Darci conta que iniciou nessa empresa aos 19 anos de idade em uma cidade do interior, onde ainda residem seus pais, mas que pediu transferência para São Paulo há 15 anos.

Chegando a São Paulo, conta ela, morou com algumas amigas inicialmente, e depois com um companheiro; Darci diz isso e silencia. Espero alguns minutos e pergunto como se iniciou tal relação, e prossegue dizendo não saber ao certo, diz que o conheceu por intermédio

de uma amiga e que começaram a namorar, e após alguns meses de relacionamento ele a convidou para morar com ele, diz ela: *É natural não, duas pessoas se conhecem, namoram e depois se casam e ficam juntas para o resto da vida, mas comigo não deu certo.* Darci diz que seu relacionamento não prosperou, pois seu companheiro era um *estelionatário e mantinha outra família.*

A paciente me conta que sua vida obedece a uma rotina tranquila, diz ela: *Ah, minha vida não tem nada demais, eu levanto, arrumo a casa, tomo meu café, depois, depende, às vezes saio para dar uma caminhada, ou vejo uma revista, ou televisão. Faço o almoço. À tarde dou uma cochilada, porque nem sempre se tem que fazer alguma coisa na rua, como ir ao banco ou fazer umas comprinhas. E então espero o tempo passar, chegar a hora da novela, e depois ir dormir, para no outro dia fazer tudo igual. E é isso, nada demais.* Darci diz ter uma amiga que sempre a convida para ir a parques e praças; embora tenha recebido vários convites, ainda não aceitou nenhum.

Darci fica em silêncio, sorri e me parabeniza pelo dia do psicólogo, estávamos em agosto, diz saber a data, pois sua irmã, que mora no interior, é psicóloga, então Darci me avisa que terá uma consulta médica em novembro, portanto talvez falte em uma sessão nesse mês. Após alguns questionamentos meus ela me diz que faz um tratamento com um médico psiquiatra e completa: *tenho muito problema para atingir o sono profundo, qualquer barulho na rua eu acordo assustada achando que alguém está no meu quarto.* Darci diz tomar Donarem¹ há dois meses e que a medicação está auxiliando.

Indago por que ela ainda não aceitou o convite de sua amiga para ir ao parque. Darci me diz que essa amiga sempre a convida com pouca antecedência, e então ela não consegue

¹ O Donarem é a Trazodona, um antidepressivo derivado das triazolopiridinas. Indicado como antidepressivo para depressões de longa ou curta duração. Pode também auxiliar como indutor do sono e tranquilizante.

programar-se para ir. Pergunto se ela gostaria de me fazer alguma pergunta, e se gostaria de voltar na semana seguinte, e então combinamos, para a semana seguinte um novo encontro.

Nesta sessão Darci diz ter feito sua inscrição para um tratamento no instituto do sono, e conta que o prazo para ser atendida seria entre três e quatro meses e meio, mas na semana passada marcaram um encontro. Darci relata estar feliz com essa consulta e passa um longo tempo dizendo de seus problemas de sono. Sua dificuldade, relata: *é atingir o sono profundo, e qualquer pequeno barulho eu acordo em sobressalto*. Darci diz que procura ter uma rotina bem estabelecida, com horários bem definidos, diz que procura jantar sempre no mesmo horário e depois ir para cama assistir televisão, e justifica: *Procuro fazer sempre tudo igual para poder domesticar meu interior, e assim conseguir relaxar*.

Pergunto o que há para ser domesticado, Darci passa a rir e diz sentir que há uma fera dentro de si e que sua tentativa é deixá-la bem trancada. Falando isso Darci se cala. Passado um longo tempo, diz estar próximo seu aniversário, e que irá passá-lo na casa de seus pais, pois em todos os anos seu pai faz um churrasco para a comemoração. Darci diz não dar importância para datas comemorativas e que participa mais pelo seu pai do que por ela mesma.

Darci diz que em sua casa nunca houve comemoração de Natal, entrada de ano ou festas de aniversário quando criança, dizendo achar isso uma besteira, mas recorda com carinho que sua avó enfeitava a casa com objetos natalinos. Em seguida diz que as crianças não devem acreditar em Papai Noel por que é uma mentira e que isso apenas serve para se chantagear as crianças: *Esse papo de Papai Noel é só para fazer as crianças serem obedientes e comportadas na escola, para não deixá-las serem elas mesmas e festinhas de aniversário*

também não servem para nada, você acha que alguém vai se lembrar do aniversário de um ano? Claro que não.

Digo para a paciente que a importância de festinhas de criança não está no momento da festa, mas quando vemos fotos, nos contam sobre essas festas, de ter algo que nos conte a nossa própria história, e que nos dê uma referência. Darci fica em silêncio e me diz: *Autoconhecimento não é? Foi isso que eu disse querer encontrar aqui, acho que estou te entendendo.* E assim encerramos mais uma sessão. Na semana seguinte a paciente me deixa um recado dizendo que não poderia comparecer, pois teria uma consulta médica.

Passados 15 dias voltamos a nos encontrar e Darci me diz não querer mais realizar a consulta no instituto do sono, pois tem dormido melhor. Relata que a medicação receitada pelo psiquiatra tem sido suficiente. Pergunto o porquê de sua desistência e ela me diz não achar justo realizar o exame já que se sente bem, e que é melhor deixar o horário para outra pessoa que possa estar mais necessitada. Diz: *Estou dormindo bem, então fico pensando que se eu for fazer esse exame posso tirar a vaga de alguém que realmente está precisando, alguém que tenha apneia, por exemplo. Isso é muito sério, o Adão, aquele meu amigo, tem, é horrível ele quase se sufoca dormindo, daí ele fez esse exame. Acho que ele me assustou, falei com ele esses dias e ele me disse que o exame é horrível, a gente fica em um quartinho com as paredes de vidro e as pessoas ficam monitorando a gente dormindo.*

Darci diz isso e se cala. Pergunto-lhe se ela se sente insegura em ter alguém a observando enquanto dorme. Darci sorri e inicia uma longa e confusa explicação dizendo que não, pois são médicos capacitados, mas se fossem pessoas leigas ela se sentiria desconfortável. Neste relato Darci parece bastante indecisa, o que passa a irritá-la, e assim, cada vez mais, sua voz se eleva, e ela não consegue chegar a uma conclusão sobre a questão.

Pergunto, então, se o seu receio era de que *sua fera interior surgisse sem que ela tivesse o controle*. Darci se cala e nada mais me diz durante essa sessão.

Em outra sessão Darci aparece no consultório mancando, dizendo estar com uma dor muito forte no joelho e acredita que tal dor é reflexo de uma tendinite. Demonstra apreensão, pois, segundo ela, terá que fazer novamente uma infiltração. Dizendo isso passa a relatar tal processo, detendo-se aos detalhes dos efeitos colaterais da medicação usada neste tratamento. Darci passa aproximadamente 15 minutos nessa elaboração, após isso fica em silêncio.

Após ter concluído sua elaboração, Darci diz que sua amiga havia ligado na quinta-feira para que elas fossem ao parque domingo pela manhã. Darci diz ter aceitado o convite e passado a sexta e o sábado se preparando para o passeio, imaginando como seria e comprando coisas como chapéu, óculos escuros e protetor solar, que ela julgava serem itens necessários para o passeio. Entretanto, no domingo pela manhã sentiu fortes dores no joelho, o que a levou a desmarcar o programa e prossegue dizendo que esse passeio ficará para o próximo ano.

Pergunto por que deixar para o próximo ano e Darci me diz que as atividades seriam interrompidas no parque, ela se dizia interessada nas aulas de yoga e meditação que lá aconteciam: *É que só tem um mês e meio, aí eles vão interromper o programa para o final de ano, e não se tem certeza que vai continuar por causa dessas coisas de política, e se for acabar por que vou. Ir só por ir, um mês e meio só não adianta, não serve. Restrinjo-me apenas a dizer: Não serve?*

Darci me responde dizendo ter que avaliar todas as possibilidades e se cercar de todas as garantias para se sentir segura, e completa: *Já pensou se alguém estiver perdido num local selvagem, num deserto, por exemplo, tem que se subir numa montanha para ver se consegue*

enxergar alguma coisa, aí se tem que encontrar um abrigo, principalmente se começar a chover; eu procuraria uma caverna, daria um jeito de fazer uma fogueira, por que as noites no deserto são muito frias, então tem que se fazer fogo para se aquecer, e achar um abrigo, uma caverna seria bom, se bem que pode ter um urso na caverna, e aí ele vai te comer, batata que vai, afinal é um animal selvagem.

Ficamos em silêncio por alguns minutos até que lhe pergunto o que é selvagem, ao que ela responde: *aquilo que não se conhece, que ainda não foi domesticado e que é perigoso.* Pergunto, então, se a fera que ela diz ter dentro de si é selvagem, e ela passa a rir e me responde afirmativamente. Prossigo dizendo parecer que ela atribui algo que lhe é desconhecido como perigoso e ameaçador, e, portanto, o que tenta manter preso dentro de si é algo que a amedronta. Darci parece ficar pensativa. Em seguida pergunto se ela se sente *em um deserto a procura de abrigo e que no fim acaba devorada por um urso.* Darci sorri e diz que foi apenas um exemplo que ela imaginou, e se questiona em voz alta: *Que exemplo tenebroso eu fui inventar.*

Na semana seguinte Darci diz que tem pensado muito em nossas conversas, mas não sabe dizer o que tais pensamentos lhe provocam; diz ter pensado em ir ao parque mesmo sem saber ao certo se as atividades que a atraem continuarão a ser oferecidas no próximo ano. Ao dizer isso Darci se cala, e em seguida diz: *Tenho que tentar transformar o deserto em algo mais vivo.* Tento aprofundar o tema, mas não obtenho sucesso, pois Darci não me deixa prosseguir e desvia o assunto falando do que gosta e do que não gosta de comer.

Emudeço e passo a ouvir a paciente dizer que não gosta de jiló, rabanete e agrião, mas que seu amigo faz uma deliciosa sopa de jiló, dizendo: *Esses dias ele fez uma, estava meio frio e ele fez uma sopa, foi muito bom. Aí fiquei pensando nas pessoas que têm algum*

problema de saúde e não podem fazer o que querem. Por exemplo, as pessoas cegas. Deve ser muito ruim não poder enxergar. Um dia eu estava no metrô e tinha um cego, ele estava acompanhado de um funcionário do metrô, já pensou não poder andar sozinho pela estação, tudo é perigoso, ele pode cair nos trilhos, e aí já era. Aquele filme do Ray Charles, quanta coisa não é? Eu vi de novo esse filme esses dias, é um filme muito triste, ele perdeu a mãe, o irmão e ainda ficou cego, porque ele não nasceu assim, deve ter tido alguma infecção ou algo parecido. Você deve se lembrar de uma cena, em que ele leva a mulher dele para ver uma casa que ele havia comprado. De que adianta, ele tinha dinheiro para comprar tudo o que queria, mas ele não podia ver o que comprava, os outros que tinham que ver por ele, já pensou ter que depender dos outros?

Darci prossegue dizendo que ter que depender dos outros é muito ruim e, então, pergunto se em algum momento ela já necessitou de alguém. Ela diz que certa vez precisou de ajuda, pois estava de mudança de residência e pediu ajuda a uma amiga que a *traiu, porque na hora H não ajudou*. Nesse momento Darci interrompe o que vinha dizendo e diz que está muito feliz porque pagou a última prestação de seu apartamento e se diz impressionada como dez anos se passaram tão rapidamente. Interrompo sua elucubração e a parabeno pelo apartamento, e peço que continue contando sobre a traição de sua amiga.

A paciente sorri e diz não se lembrar o que vinha dizendo, então digo que ela estava contando sobre uma amiga que havia prometido ajuda, mas que não a ajudou. Ela me interrompe e diz: *Puxa, eu nem acredito que já se passaram dez anos desde que eu me mudei para este apartamento. Mas é assim mesmo, quando a gente vai ficando velha tem só que matar o tempo. Quem foi que falou que o homem mata o tempo e o tempo o enterra?* Digo não conhecer o autor dessa frase, e tento novamente que prossiga, ao que Darci me diz: *Que amiga?*

Sendo assim, permaneço em silêncio por um logo tempo, tempo em que Darci retoma sua surpresa com o término de seu financiamento, suas preferências alimentares e a película sobre a vida de Ray Charles. Mantenho-me em silêncio até que a paciente diz: *Ah sim, era disso que eu falava, da minha amiga não é? Mas não foi nada demais, foi quando eu estava me mudando, eu tinha contratado um caminhão de mudança, mas a firma me disse que não iria caber tudo numa viagem só, e eu não podia pagar duas viagens, eu estava muito apertada por causa da entrada que dei para o apartamento, então pedi para ela guardar algumas coisas, ela morava na frente do meu antigo apartamento, aí ela disse que sim, então contratei a firma de mudança, mas na hora ela disse que não ia dar para guardar essas coisas, eram poucas... Um armário e uma mesa com algumas cadeiras... Foi uma sacanagem.*

Falado isso a paciente fica em silêncio por alguns minutos e prossegue: *Sorte que eu tenho o Adão, eu liguei pra ele e ele me ajudou, fez umas três viagens com o carro dele e levou todos os móveis.* Darci diz se sentir muito bem sabendo que pode contar com esse amigo, e diz também se sentir muito sozinha aqui em São Paulo, já que sua família mora no interior, mas diz também que sente vergonha ao pedir auxílio a quem quer que seja, pois fica na dúvida entre dizer que está com um problema ou não. Pergunto se sua vergonha se relaciona ao fato de pedir ajuda ou de mostrar a alguém que tem algum problema. Darci fica em silêncio e volta a falar do fim de seu financiamento.

Espero a paciente e digo que apesar de sua família morar no interior, ela não está totalmente sozinha em São Paulo, pois, pelo que me diz, pode contar com seu amigo. Darci muda de fisionomia e sorri, diz nunca ter visto isso desta forma. Prossigo dizendo que muitas vezes não vemos o que está à nossa volta, pois ficamos presos a uma única forma de ver; Darci se surpreende e diz: *Nossa que estranho você ter dito isso, eu estava pensando justamente nisso, pensei no filme do Ray Charles, de ser cego para algumas coisas, e quando*

eu disse que nunca tinha pensado desta forma, e pensei em estar cega para essa possibilidade. Será que sou muito cega para outras coisas também? O jiló não é. É amargo por natureza, mas quando se sabe os macetes, como prepará-lo, ele fica gostoso. Será que a gente tem que saber uns macetinhos para conseguir ver certas coisas à nossa volta e assim deixar a vida mais gostosa também? Assim encerramos essa sessão.

A paciente continuava a se apresentar da mesma forma, com roupas sóbrias que lembravam, quase sempre, um estilo *country*. Usava frequentemente botas e cintos grossos, sua maquilagem continuava exagerada, criando certa desarmonia em seu rosto. Seu andar continuava largo e firme, assim como seu aperto de mão; dentro do consultório Darci se sentava de forma ereta e de pernas cruzadas e frequentemente fazia referência ao divã me perguntando se alguém se deitava ali e dizendo que nunca se sentiria bem ficar deitada na minha frente.

Em outra sessão diz que tinha uma tia que morava no litoral, e que estava com vontade de ir para lá. Essa sua tia já havia falecido e Darci conta com muito carinho da época em que a visitava. Conta com detalhes essa casa de frente para o mar, e diz que essa propriedade é, atualmente, de seu primo, e que não lhe faltavam convites para passar alguns dias lá. Entretanto, diz que nessa época do ano não seria um bom passeio, pois os dias ainda estavam frios e que seria melhor, então, esperar o verão. Pergunto se no verão passado ela foi e Darci fica um tanto constrangida e diz que não e prossegue se justificando: *Mas a cidade não é mais a mesma, antigamente a gente podia dormir com a janela aberta, agora não dá mais. Ainda é uma cidade pequena, mas não se pode bobear, a violência está em todo o lugar, se você deixar a janela aberta pode ser surpreendido por um ladrão. Digo: E com a janela fechada não se vê a beleza do mar.*

Darci passa parte da sessão se questionando sobre os ganhos e as perdas contidas em uma escolha, e sobre os riscos que se tem de correr para se conquistar algo. Após dizer isso fica em silêncio. Darci fecha os olhos e repousa a cabeça na poltrona, fica assim por alguns minutos até que para sua, e minha surpresa diz: *Deve ser muito ruim ficar velha e sem ninguém.* Ao dizer isso abre os olhos e prossegue: *Por que será que aconteceu assim na minha vida? A solidão me assusta. Ficar velha, sozinha e sem um companheiro, sem filhos. Não que filhos sejam garantia de companhia, por que se têm filhos para o mundo e não para a gente. Mas a solidão não é uma ideia agradável.* Digo que são escolhas que se faz e pergunto por que lhe é tão difícil manter as portas e as janelas de sua vida abertas. Darci diz não saber ao certo e diz: *Não sei ao certo o porquê disso, mas sinto como se os meus desejos e minhas vontades fossem impossíveis e proibidas.*

Dito isso, a paciente se mantém em silêncio até o fim da sessão, e nada mais falo. Devido a um feriado aviso a paciente que não nos veríamos na semana seguinte. Darci me agradece por ter avisado, caso contrário ela teria *dado com a cara na porta.* Ao dizer isso começa a rir e a repetir: *Cara na porta... com tudo isso que falamos hoje eu digo dar com a cara na porta, seria até cômico, se não fosse trágico.* Darci se despede de mim com seu forte aperto de mão e sai cantarolando: *Abre a porta e a janela, venha ver o sol nascer...*

Após uma semana de interrupção, Darci retorna dizendo que viajou para a cidade de seus pais e prossegue dizendo não fazer mais planos em sua vida, pois assim não é necessário criar alguma expectativa e não precisa lidar com possível frustração. Peço à paciente que conte alguma ocasião em que isso tenha ocorrido. Darci diz ter tido muitas frustrações em sua vida, mas não consegue seguir em frente, fica em silêncio e diz sobre a greve bancária: *Tenho a última parcela de meu apartamento para pagar, mas não consigo... Dez anos se passaram, toda vez que penso nisso fico admirada.*

Digo à paciente que dez anos se passam com ou sem expectativas. Darci diz de seu apartamento, do medo que teve em não conseguir pagá-lo, mas que planejou muito bem, calculou os juros e a possível desvalorização monetária. Dizendo isso fica em silêncio e depois prossegue: *Para comprar um apartamento é necessário que se faça um planejamento para não se ter surpresas, mas para outras coisas não precisa tanto planejamento. Para ir a um parque não é preciso tanto planejamento.*

Darci prossegue dizendo que não espera nada de ninguém, pois assim não vivenciará decepções. Diz ser uma pessoa extremamente correta e confiável em quem todos podem confiar; termina sorrindo e dizendo que se todas as pessoas fossem como ela o mundo seria um lugar melhor. Digo que ela não aceita falhas, nem dos outros e nem dela mesma, e pergunto o porquê de agir assim. Darci fica bastante irritada com minha pontuação, passa a me atacar dizendo que eu estou errado, e afirma, novamente, ser uma pessoa tolerante e flexível. Peço, então, que perdoe minha falha. Darci se cala, me observa, ficamos em silêncio por alguns instantes e encerro a sessão.

Na semana seguinte a paciente, sem aviso algum, não comparece. Passados 15 dias retorna no horário marcado, Darci se vestia de outra forma, trajava calças de *moletom*, tênis e camiseta. Seu rosto estava livre de maquiagem e seu cabelo estava cortado num corte *Chanel*. Cumprimentamo-nos com um, ainda muito forte, aperto de mãos e em seguida Darci diz: *Viu só como eu estou diferente hoje? Acordei de manhã e está fazendo um dia lindo, então resolvi vir caminhando para cá. Eu nunca faço isso e então resolvi fazer algo diferente do habitual. Vi coisas no caminho que eu nunca tinha reparado.* Digo, apenas, que é bom quebrar a rotina uma vez ou outra.

Darci prossegue dizendo que acordou naquela manhã com uma sensação diferente da habitual, e que normalmente acorda já cansada, pois desperta várias vezes durante a noite e não tem, segundo ela, um sono de boa qualidade. Entretanto, diz que nesta manhã acordou bem disposta, relatando não ter acordado uma única vez durante a noite. A paciente diz que está *extremamente feliz e bem humorada*.

Após um momento em que permanecemos em silêncio, a paciente me pede desculpas pela sua falta injustificada. Pergunto, então, o que a impossibilitou de comparecer à sessão, e ela relata que: *na verdade, pra ser bem sincera, não houve nada demais, eu não quis aparecer e pronto, não apareci e nem te avisei, sei que isso não está certo, mas eu não estava com vontade. Você está bravo comigo?* Ela me pergunta. Respondo com outra pergunta: *Você acha que cometeu uma falha, e está brava com você?*

Ela sorri e diz saber que agiu de forma errada, pois imagina que eu fiquei à sua espera, e por ela não ter avisado anteriormente que faltaria eu não pude disponibilizar seu horário para alguma outra pessoa que necessitasse, ou mesmo ter utilizado esse tempo para alguma necessidade particular, mas diz não se incomodar com isso, pois hoje se encontra em um bom dia. Após ter dito isso Darci se cala e eu digo: *Percebemos, com isso, que você não está livre das falhas*. Darci sorri e diz que enquanto falava de sua falta pensava nisso, e no que falávamos em sua última sessão; seu sorriso se desfaz, ela recosta a cabeça na poltrona e chora.

Minutos depois Darci diz ter ficado enfurecida comigo e que foi embora pensando em nunca mais voltar a me ver. Diz que fui injusto e agressivo com ela em nosso último encontro, e que sua falta injustificada havia sido uma forma de se vingar de mim. Nesse momento havia parado de chorar, tinha se sentado na ponta da poltrona e dizia isso com uma voz alta, firme e

acusadora e com seu indicador em riste. Darci prossegue dizendo que eu não permitia sua felicidade e, ao vê-la feliz, havia arrumado um modo de estragar seu bem-estar. Restrinjo-me a dizer que de fato eu percebia como ela estava diferente e que realmente se tratava de um lindo dia, Darci diz: *Ah... vá a merda você.*

Nesse instante Darci se cala e muda totalmente de tom e de discurso, passando a se desculpar por sua grosseria dizendo não ser verdade que eu era culpado por sua fúria. Diz ser verdade sua raiva em relação a mim em nosso último encontro, mas percebia que sentia mais raiva por não ter comparecido à sessão seguinte sem ter me avisado e que neste momento se sentia extremamente culpada por ter me acusado de destruir sua felicidade e por ter me destruído. Digo para ter uma atitude mais *sport* consigo mesma, aproveitando sua mudança de vestuário, pois assim ficaria mais fácil conviver com as próprias e alheias falhas. Assim encerro a sessão, a paciente paga por esta e, então, cobro a sessão em que ela não compareceu. Darci se surpreende e diz que não concorda com tal procedimento, mas entende eu estar lhe punindo; digo que ao contrário, estaria punindo se deixasse esta tão importante falta ausente. Darci sorri, me paga e se despede com seu forte aperto de mãos.

Na sessão seguinte a paciente diz se sentir impedida de realizar seus desejos e mais, diz que seus desejos não devem ser realizados. Darci não consegue explicar o porquê disso, mas relata sentir que seus desejos são: *elementos que respondem a seu eu mais profundo e que isso parece ser profano.* A paciente volta a falar de sua falta e diz que cumpre seus compromissos a risca e agradece por eu não tê-la punido por sua irresponsabilidade. Prossegue dizendo: *É essa maldita, ou bendita, mania minha de seguir todas as regras que me dá uma sensação, não sei explicar, mas é como se eu fosse ser vista de uma forma equivocada caso eu não seguisse algumas normas. Eu sempre fui ensinada a cumprir todas as coisas que eu me proponho a fazer, e tenho receio, às vezes, de não cumprir.*

Darci relata que quando era criança não se sentia da mesma forma, diz ter sido uma criança alegre e o sítio de seus pais estava sempre cheio de amigos seus e de seus irmãos; sorri e diz que era uma farra. Lembra-se dos carinhos de seus pais, principalmente os de sua mãe, recorda que ela passava muito tempo escovando seus cabelos carinhosa e vagarosamente e enquanto fazia isso cantarolava uma canção. Enquanto dizia isso Darci repousou sua cabeça no encosto da poltrona, seus olhos estavam fechados e suas mãos acompanhavam, até com certa delicadeza, os movimentos com a escova. Darci inicia um relato acerca de seus sentimentos e sensações vividas nesse momento, mas interrompe, arruma-se na poltrona assumindo novamente uma postura firme e ereta e se fixa em tentar recordar qual a canção que sua mãe cantava.

Faço algumas tentativas para que Darci retorne a dizer algo relacionado a seus sentimentos e sensações, mas não obtenho sucesso. Ela persiste, irredutível, a se lembrar da canção, e parece que minhas tentativas nem foram ouvidas por ela. Darci me convoca a ajudá-la a se recordar cantarolando uma melodia e pergunta se eu sou capaz de dizer qual é a música e eu nada respondo. A paciente insiste que eu tente, junto com ela, a descobrir que música se trata; permaneço em silêncio e passados alguns minutos encerro a sessão.

Nas sessões seguintes a paciente se apresentou de várias formas. Suas vestimentas transitaram desde seu habitual estilo *country* ao clássico, passando pelo *jeans*, moletoms, camisetas e tênis. As mudanças em seu cabelo acompanharam as de suas roupas, ora preso e com muito fixador, ora solto, ora encoberto por chapéus, boinas e bonés. A extravagância de sua maquiagem era substituída às vezes por apenas um batom, às vezes por nenhuma maquiagem. Seus cumprimentos também apresentavam oscilações na força de seus apertos de mãos, e, vez ou outra, cumprimentava-me com um beijo no rosto.

Era nítido o desconforto de Darci em relação a objetos relacionados à feminilidade; quando trajava saias não se sentava confortavelmente, pois era impossível cruzar as pernas amplamente; se estivesse usando saltos altos seu andar era desajeitado, pois os saltos atrapalhavam suas passadas largas. Ornamentos como brincos, colares e pulseiras, que até então eram inexistentes, apareciam agora em desacordo com a vestimenta escolhida. Durante alguns meses a paciente se apresentou assim.

Darci dizia estar se experimentando, e que toda e qualquer mudança lhe era algo fácil e natural, se não fazia algo era por que realmente não era de seu interesse, contava. Durante esse período sempre que eu tentava dizer alguma coisa ela me interrompia; seus assuntos se resumiam a se questionar e se justificar, não havendo espaço para qualquer espécie de reflexão. Basicamente seu discurso era: *Que mal tem ir ao parque? Não há mal nenhum, posso ir quando quiser, e eu vou. É só me dar na telha, me dar vontade, que eu vou.* Em outros momentos dizia: *Comprei este brinco, estava passando em frente a uma loja e os vi, entrei e comprei por puro impulso. Não tem problema algum comprar algo por impulso, tem? Não, não tem não.* Ou então: *Posso perfeitamente convidar alguns amigos e amigas para irmos a algum bar tomar uma cervejinha e bater papo. O que tem de mais eu pegar o telefone e ligar para eles fazendo este convite? Não há problema algum, e se eu sentir vontade disso irei convidá-los.*

Entretanto, em uma sessão a paciente conta que estava no metrô e sentou-se ao lado de uma pessoa que aparentemente era bastante religiosa. Darci diz acreditar que todas as pessoas têm um dom, e que o seu é inspirar confiança às pessoas à sua volta. Dando crédito a este dom Darci relata que começou a conversar com a jovem religiosa ao seu lado. Conta que essa jovem estava vivendo um dilema, pois tinha o desejo de se relacionar sexualmente com seu namorado, mas isto era contrário às convicções de sua fé religiosa. Darci diz ter pensado no

impacto que a igreja causa nas pessoas, atribuindo a certas condutas atos pecaminosos e conclui que isso afasta as pessoas de suas verdadeiras vontades.

Nessa sessão surge a possibilidade de dialogarmos sobre o que impede uma pessoa de seguir seus desejos. Darci estava receptiva ao que eu dizia, e parecia estar de fato ponderando sobre o que falávamos. Relata: *Ter uma religião, uma fé que afaste a pessoa daquilo que é sua natureza, que são suas vontades é meio contraditório, para não dizer que é uma idiotice.* Pergunto, então, se não é possível uma pessoa eleger uma religião justamente para que suas vontades sejam impedidas, e que ela não tenha que se responsabilizar por isso.

Darci diz na sequência: *Desta forma, afastamos a responsabilidade por aquilo que queremos, a proibição fica a cargo da igreja, assim não assumimos o medo que temos daquilo que queremos? Sabe que faz sentido isso, nunca tinha pensado desta forma.* A paciente fica em silêncio por muito tempo e em alguns momentos diz, para si mesma, palavras como: *Será que a gente pensa que o que queremos é pecado, é proibido?*, ou: *quantas igrejas será que eu tenho em mim?* ou ainda: *Será que eu tenho receio de ser vista como uma pecadora se eu seguir minhas vontades?* A paciente segue assim até o término da sessão; levanta-se e sai, pela primeira vez, sem se despedir.

Na semana seguinte ela retoma a sessão passada e diz que: *O papo sobre igrejas foi muito bom* e diz ter saído do consultório muito impactada, a ponto de perder o sono naquela noite; diz, também, para eu não me preocupar com isso, pois ela sempre teve problemas para dormir. Mas relata que sua insônia se deu de uma maneira diferente que a habitual: *Antes eu não dormia por ficar me lamentando de coisas que eu não fiz, ficava lá fritando na cama tentando entender. Agora, acho que estou começando a entender. E eu perco o sono pensando em coisas que eu quero fazer.*

Darci diz ter apreciado muito a ideia de existirem *igrejas* que a impedem de realizar seus desejos e relata estar, agora, em uma nova *santa inquisição* e que suas igrejas internas seriam as *bruxas a serem caçadas*. Pergunto se agora ela pensa naquilo que anteriormente pensava e a impedia de fazer o que desejava. Darci fica em silêncio por alguns instantes e passa a se justificar: *Mas pensar nessas coisas é muito bom, tenho percebido coisas que anteriormente eu não percebia. Pensar é uma forma de compreender a fera, o selvagem, você se lembra disso?* Alguns minutos depois diz: *Acho que entendi você está dizendo que agora eu vou ficar escondida tentando entender por que eu me escondo?*

Darci continuava a alternar suas vestimentas, mas sua maquiagem parecia ter encontrado uma maneira definitiva. Tinha, agora, uma coloração suave e o único excesso era na vermelhidão de seus lábios e sua tentativa de engrossá-los. Entretanto, continuava com gestos amplos, passadas largas e fortes apertos de mãos, que substituíram definitivamente o cumprimento com um beijo no rosto. Nas duas sessões seguintes a paciente não compareceu, mas justificou ambas. Na primeira, marcou uma aula de yoga e não percebeu que o horário era o mesmo que a análise, e diz que não poderia faltar, pois se tratava da primeira aula; na segunda, diz ter conseguido mudar o horário da yoga e, portanto, não seria impeditivo para dar prosseguimento em sua análise nas próximas sessões, mas nesta ela não poderia comparecer, pois havia passado o dia anterior em um parque e estava exausta.

Após duas semanas Darci comparece à sessão. Ao entrarmos no consultório a paciente me pergunta se pode se deitar no divã; digo para ela sentir à vontade e, então, ela se deita. Já deitada conta que pretende procurar novamente seu psiquiatra, pois não está dormindo bem; relata ter voltado a acordar em sobressalto com a sensação de que alguém está em seu quarto. Mas logo em seguida diz que não irá procurá-lo, pois não acha adequado tomar remédios, mas sim resolver o problema. Pergunto, então, qual o problema. Darci suspira e relata: *Eu já te*

contei que meu pai era policial, não é? Nós somos muito ligados, muito mesmo, e com minha mãe a coisa já é diferente, não me dou tão bem assim. Eu sempre me dei melhor com os homens do que com as mulheres, com meu avô também, eu me dava muito bem com ele. Eu e meu pai temos uma ligação muito forte, tanto que desenvolvemos certa telepatia. A gente sabe o que o outro está pensando, acho que desenvolvemos isso por causa da minha mãe, minha mãe sempre ficou com ciúmes da minha ligação com meu pai, daí ela me enchia o saco, e brigava com ele também. Para mim ela dizia que eu sempre ficava do lado dele, e para ele ela dizia que ele dava preferência para mim e deixava meus outros irmãos de lado. Então, para evitar essas chateações, a gente aprendeu a se comunicar com o olhar. É divertido isso.

Darci prossegue: *Quando eu era criança e o meu pai estava na ativa, ele era policial florestal, e ele trabalhava em turnos, acho que eram 36 horas de plantão e depois 24 horas de descanso. Eu me lembro dele saindo de farda, com aquelas botas até o joelho, de chapéu, eu achava lindo. Mas quando ele saía, eu ficava morrendo de medo de que algo acontecesse com ele. De que ele fosse assassinado, ou que sofresse um acidente com o jipe. Então eu não conseguia dormir, e tentava ficar acordada esperando ele voltar, então acho que estou esperando ele acordada, até hoje.”*

A paciente prossegue em seu relato: *Meu pai sempre foi uma pessoa maravilhosa, sempre foi meu herói, até hoje em dia que ele já está velhinho eu continuo a admirar muito ele, e nada, nem ninguém está à sua altura. Minha mãe também é muito boa, mas ela não entende sabe, ela brigava com ele e me dizia que eu ficava do lado dele, e eu respondia para ela que ele poderia ter defeitos como marido, mas como pai ele era perfeito, e como eu sou filha dele para mim ele é perfeito.*

Em continuidade diz ter ficado noiva aos 18 anos, mas desistiu de casar porque a mãe de seu pretendente era muito parecida com sua própria mãe: *Uma mulher carinhosa, mas muito autoritária, que, muitas vezes, se intrometia na minha relação com ele.* Darci parecia estar à vontade e bem relaxada, seu relato surgia do mesmo modo, suave e bem cadenciado, diferente de sua maneira intelectualizada e defensiva até então manifestada. Darci dizia que se sentia muito confusa em sua infância, não entendia, segundo ela, seus pais, que em alguns momentos eram carinhosos, em outros não.

Dizia: *Me sinto confusa, e até culpada. Lembro-me do pavor que sentia quando meu pai saía para trabalhar, tinha medo, quase certeza, de que algo de muito ruim aconteceria com ele e, logo em seguida, me sentia culpada por isso, por ter pensado que algo ruim lhe aconteceria. É estranho porque tenho a sensação de que às vezes, tanto meu pai quanto minha mãe, me queriam, e às vezes pareciam não gostar de mim. Às vezes meu pai me deixava deitar em seu colo, em outras me mandava embora, e minha mãe às vezes penteava meus cabelos, às vezes não.* Após dizer isso a paciente fecha os olhos e adormece no divã. Aproximadamente cinco minutos antes do término da sessão a desperto e pergunto se ela está bem. Darci diz que sim, se despede e vai embora.

Na sessão seguinte Darci passa a contar de suas relações com homens. Inicia por seu amigo Adão, dizendo que eles se amam, mas como amigos e que qualquer relação *erótica* entre eles está descartada, pois Adão é homossexual. Darci diz ter sabido disto desde que o conheceu, e sua relação com ele é simplesmente de amizade. Entretanto Darci diz existir um amor, do passado, ainda vivo. Conta: *Essa pessoa era um colega de trabalho, quando eu o vi pela primeira vez já me senti atraída, a gente teve um relacionamento muito bom durante quase três anos, mas eu sabia que não daria certo porque ele iria se mudar em breve. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde essa relação, que era maravilhosa, teria um fim. E teve,*

ele se mudou para o litoral e eu fiquei aqui em São Paulo. O que aconteceu é que essa pessoa era casada, tinha mulher e filhos, então eu não poderia querer uma coisa mais séria, e quando ele se mudou, ele foi com a família.

Darci fica em silêncio, mas prossegue agradecendo aos seus pais a educação que teve: *Sabe, eu agradeço muito os pais que eu tive, acho que foi por eles que eu não me tornei uma perdida na vida. Mas a minha mãe. As mães têm o dom de fazer a gente se sentir culpada, não é?* Em seguida passa a criticar seu pai: *Meu pai sempre foi muito autoritário, sempre foi assim, quando eu era pequena ele dizia não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, e quando eu era mocinha ele não deixava eu usar esmalte vermelho, ir para as festinhas dos meus amigos.* A paciente diz, com muita relutância, que em alguns momentos de sua vida sentiu muita raiva de seus pais, mas que percebe que eles estavam certos.

Em continuidade, a paciente formula: *Será que eu só me aproximo de homens que eu sei que não irão além, quer dizer, que eu sei que não vai acontecer nada mais sério por que eu mantenho as imagens dos meus pais muito fortes, e assim eu não quero me tornar uma esposa autoritária, como minha mãe, e que qualquer homem não será um pai tão dez como o meu?* Digo: *Talvez você não se encontre em igualdade com a imagem que você sustenta deles.* Darci diz: *É claro que nunca estou nem nunca estarei à altura deles.*

Em outra sessão Darci diz de hábitos que lhe proporcionavam alegrias, mas que devido a acontecimentos alheios à sua vontade, teve que abandoná-los. Disse de aulas de francês abandonadas, de livros deixados pela metade, de amizades perdidas. Entretanto, diz ter retomado o hábito da leitura, e relata estar lendo *O Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry. Diz ela: *Ler é uma delícia, você viaja nas páginas e na história, fica imaginando cenas, e se coloca como personagem da história. É um excelente hábito a leitura. Eu adoro*

principalmente os romances. Em continuidade, prossegue: É um livro profundo. Todas as misses dizem que este é o melhor livro do mundo, mas eu não sei não, não sei se as misses conseguem entendê-lo. Nada contra as misses, mas é preciso um pouco de sensibilidade para entendê-lo, e eu imagino que elas não têm. Elas podem ser perfeitas e femininas, mas não creio que tenham cérebro.

Pergunto, então, se feminilidade e inteligência são incompatíveis. Darci passa a uma gargalhada farta, e diz: *Não é bem assim não, mas acho que as inteligentes podem ser bonitas, mas as cocotinhas, as que têm medo das coisas e que precisam de homens a seu lado, certamente são muito pouco inteligentes.* Passados alguns minutos ela prossegue, dando à sua voz um tom triste: *Acho que a solidão faz a gente exercitar a inteligência, e neste quesito devo ser o Einstein.* Nesse momento a paciente se levanta e pede para encerrarmos a sessão.

Nas sessões que se sucederam Darci passou a descrever seus pais e sua infância. Sem se dar conta, inicialmente, descreveu seu pai extremamente rigoroso e, em alguns momentos, castrador. Passou a ficar claro o desejo paterno de um filho do sexo masculino e algumas incompatibilidades entre o que Darci percebia deste desejo e o que ela podia oferecer. Dizia ela: *Meu pai era policial florestal, então ele gostava muito do mato, de animais, dessas coisas. Eu gostava também, às vezes ia com ele caçar ou pescar, mas era uma catástrofe. Uma vez eu fisquei um peixe, mas não consegui tirá-lo da água e acabei deixando a varinha cair no rio, meu pai ficou uma fera comigo e disse que eu nunca iria ser capaz de pescar... ele pescava tão bem... e eu nunca consegui pescar como ele.*

Darci passou a descrever sua mãe como uma mulher carinhosa e atenciosa. Em várias ocasiões Darci se surpreendeu com a maneira que descrevia sua mãe. Em seu relato: *Já te contei de minha mãe escovando meus cabelos, era tão gostoso. Ela também, e isso quando eu*

era bem pequenininha, me arrumava, pintava minhas unhas, às vezes me deixava usar batom, adorava quando ela deixava eu passar batom, eu não conseguia direito ficava meio borrado, mas era tão bom, eu me sentia uma princesa. E eu ficava arrumadinha sentada no sofá de casa, e quando meu pai chegava, ele nem me notava, eu ficava tão triste. Ele chegava e ia direto para o quarto e depois, ou ia jantar, ou ia encontrar alguns amigos. E eu, eu ficava lá, tristonha.

A paciente permaneceu nesse movimento por algumas sessões. Tinha retornado a suas vestimentas iniciais, usando sempre botas, calças na tonalidade marrom e camisas, geralmente brancas. Ela seguiu dizendo que seu pai nunca a percebia quando ela estava *emperiquitada e fantasiada de menininha* e, quando eles estavam juntos em alguma atividade ou passeio, ela tinha receio de fazer algo que o desagradasse. Em suas palavras: *Eu queria estar com ele, sempre, mas eu tinha receio porque sempre fazia algo que não lhe agradava, ou não conseguia fazer o que ele esperava de mim, nunca consegui. Ele é uma pessoa muito boa, muito justa, e eu queria agradá-lo, mas nunca conseguia.*

Nesse período muito pouco pude intervir durante as sessões. A paciente chegava ao consultório, deitava-se e se punha a falar, ininterruptamente, até o fim da sessão, quando se levantava e ia embora sem se despedir. Em uma sessão Darci disse ser a primeira de três filhos: ela, uma irmã um pouco mais nova e um irmão quase uma década mais novo. Darci conta se dar muito bem com sua irmã, ela foi sua companheira de brincadeiras com boneca na infância, e que até hoje se relacionam bem; entretanto, o mesmo não pode dizer de seu irmão. Diz que ele a incomodou desde seu nascimento, e com o passar dos anos isso se agravou.

Quando era menina, sua irmã não aceitava os convites de seu pai para pescarias, caçadas ou passeios no campo, mas ela insistia em ir sempre que convidada mesmo com o

receio de cometer alguma falha. Darci diz não saber o por que agia assim, mas diz: *Era como se eu quisesse provar para ele minha capacidade.* Quando seu irmão alcançou uma idade em que era possível acompanhar o pai, Darci diz nunca mais ter recebido convite algum, e quando insistia em ir a resposta de seu pai era categórica: *Porque você quer ir? Você não é capaz disso.*

Darci chorava bastante durante as sessões, e continuava sem dar qualquer possibilidade de intervenção de minha parte. Ela continuava a vir, dizia tudo o que podia e ia embora. Quando iniciou sua adolescência, ela recorda, iniciou também seu desejo de estar com amigos e amigas, e também seu interesse em alguns rapazes, desejo que seu pai desde cedo sufocou. Para seu pai, todos os seus amigos tinham algum defeito e ele tratava de ironizá-los. Recorda ela: *Todos os meus amigos, todos sem exceção, meu pai arrumava um apelido, ou então arrumava alguma disputa entre eles. Eu achava engraçados os apelidos. Me lembro de um amigo meu que chegou em casa quando meu pai estava arrumando seu jipe, meu pai de cara o chamou para ajudá-lo e meu amigo foi, mas não demorou nem cinco minutos e meu pai falou que ele não entendia nada de mecânica, e já que ele não servia para aquilo ele podia entrar em casa e me ver.*

Numa sessão em que a paciente continuava a dizer essas coisas a interrompo e digo: *E até quando você vai se sentir incapaz, não merecedora do que pode fazer por si mesma?* A paciente tenta se justificar dizendo que não é assim, mas não a deixo seguir em frente. Na sessão seguinte Darci conta de seu relacionamento, diz ter morado com um homem durante quatro anos, diz que seu pai não aprovou tal união, pois eles não haviam se casado na igreja e que Deus não abençoaria uma união assim, mas ela havia decidido a não lhe dar ouvidos, e durante estes quatro anos viu seus pais poucas vezes.

Relata que no início tudo correu bem, mas que com o passar do tempo seu companheiro se mostrou *uma pessoa individualista, e por mais que eu tentasse nunca conseguíamos estar bem, eu só queria que ele me visse como pessoa boa o suficiente para estar ao lado dele*. Ao falar isso a paciente se cala por um longo período e diz: *Eu quero que meu pai me veja como alguém capaz*. Digo que ela não tem nada a provar, e que talvez ele tenha sido incapaz de perceber suas capacidades. Darci chora e diz: *Sinto-me tão aliviada, parece que saiu uma cruz de cima de mim*.

Nas sessões seguintes a paciente passa, novamente, a se justificar, mas agora em uma tentativa mais agressiva, respondia a seu pai. Dizia coisas como: *É claro, seu idiota, que eu não conseguia pescar, eu só tinha sete anos*. Ou então: *Se você nunca conseguiu perceber a criança maravilhosa que estava à sua espera em casa, a incapacidade é sua*. Darci agora, se vestia exclusivamente em trajes femininos, abusava dos decotes e ornamentos como brinco e colares, mas sua postura estava, mais do que nunca, rude e agressiva, o que não combinava com suas roupas suaves e delicadas.

Darci seguiu assim por alguns meses até que, paulatinamente, foi ficando mais tranquila. Pudemos, então, conversar sobre sua relação com seus pais, e nesse momento Darci relata que sua sensação quando jovem era de que seu pai fosse *intocável e inquebrável* e que sua mãe era uma mulher *ciumenta e intolerante*, mas, ao longo de sua análise, havia percebido que seu pai era e é uma pessoa que *não dá espaço para que ninguém possa ser o que quiser. Nada pode além do que ele decide. Ninguém é capaz de escolher por si*, e passa a encontrar em sua mãe uma mulher *sufocada, sempre à sombra dele*.

A paciente passa a se envolver em várias atividades sociais: matricula-se em um curso de dança, volta a fazer aulas de francês e yoga. Passa a ir, todos os domingos, ao parque com

sua amiga. Relata frequentes passeios e encontros com amigos em bares, restaurantes e em sua residência. Começa, então, um novo movimento de elogio à análise e a mim. Diz ela: *Estou em um momento maravilhoso de minha vida, tenho tido uma vida fantástica, e devo isso à terapia e principalmente a você. Não adianta ficar com essa cara não, é por você sim, você é maravilhoso.*

Minhas tentativas se davam no intuito de mostrar à paciente que suas conquistas deveriam ser para e por ela mesma, e não para mostrar a alguém suas modificações. Darci respondia: *Sim, não tenho que provar nada a ninguém, muito menos a meu pai, mas eu não conseguiria sem sua ajuda, e por isso serei eternamente grata.* Nesse ínterim Darci passa a se relacionar com um homem que ela conheceu em seu curso de dança; desta forma diminui a intensidade de seus elogios destinados à análise e a mim.

Darci parecia estar feliz e passou a zombar de si mesma, dizendo: *Meu Deus, não sei como ele* (referindo-se ao seu namorado, ela nunca disse seu nome) *aguenta. Esses dias eu fui fazer um jantar para nós, liguei para o Adão e pedi uma receita de molho; fiz uma macarronada, ficou horrível, muito salgada. No dia seguinte perguntei se ele gostou da macarronada asiática que eu fiz, ele me perguntou 'asiática'? Sim, me deu uma azia monstruosa.*

Dizia ela: *Estou tão feliz com esse relacionamento, tá tão gostoso e leve, sabe, eu não estou tentando ser perfeita, e também não quero que ele seja não. Estou aprendendo a rir de meus defeitos e dos dele também.* Darci procurava, nessas sessões, apresentar bom humor; dizia estar aprendendo a ser mulher: *É tão engraçado, aos quarenta e alguns anos, é a primeira vez que sinto vontade de fazer um jantar ou um almoço para alguém, e outras coisas também. Quero estar bonita, que minha casa esteja bonita, nunca dei bola para estas coisas,*

acho que estou virando mulher aos quarenta, não dizem que a vida começa aos quarenta? Então, acho que a minha começou agora, antes para mim era tanto faz, como tanto fez, agora tenho vontade dessas coisas.

Entretanto, Darci vem ao consultório em um dia que não teria consulta e pede para me ver. Desço e a encontro profundamente nervosa. Conta ela que seu pai teve um AVC e que estava muito mal no hospital. Darci diz estar se sentindo muito culpada por ter falado tão mal dele para mim. Passa a me culpar por ter mudado seus sentimentos, dizendo: *A culpa é sua, se não fosse por você eu continuaria a vê-lo como sempre vi. Agora ele vai morrer e eu não posso me perdoar por ter sentido ódio dele, e a culpa é sua, é sua.* Tento fazer com que ela suba ao consultório, entretanto não consigo. Darci faz seu desabafo e vai embora.

Nos dias seguintes tento entrar em contato, mas ela permanece irredutível em não querer vir ao consultório e muito menos falar comigo. Aproximadamente dois meses depois recebo um telefonema seu, desculpando-se pela maneira como me tratou e pedindo para eu vê-la; marcamos, então, uma nova consulta. Nessa consulta ela novamente se apresenta vestida à moda *country* e acompanhada de seu namorado. Ele fica à sua espera na recepção e nós subimos ao consultório. A paciente se desculpa pelo modo como agiu comigo e diz que vai se mudar para a cidade em que seus pais moram: *Vou para lá, minha mãe está precisando de mim e quero ter o prazer de ajudar tanto a ela quanto a meu pai, sei que não devia fazer isso, mas vou fazer, quero mostrar a ele que sou capaz de ajudá-lo sempre.*

Ela prossegue dizendo que já está tudo organizado, manterá seu apartamento em São Paulo para ter onde ficar quando vier passar alguns dias. Disse, ainda, que seu namorado estava morando com ela, e que não havia ficado satisfeito com sua resolução: *Ele não gostou, mas azar dele, é assim e pronto. Quem manda na gente sou eu. Eu vou para lá, se ele quiser,*

ele que vá comigo ou então fique, não estou preocupada com isso. Tento iniciar alguma reflexão, mas ela diz: *Não adianta, já estou decidida a isso, vim aqui apenas comunicá-lo disso, e te agradecer.* Desta forma encerramos a sessão e o processo, Darci me abraça e se despede.

Percebo que Darci havia deixado seus óculos no consultório, no dia seguinte recebo um presente seu, um livro de Saint-Exupéry. Tento entrar em contato com a ela, mas não consigo. Deixo, então, um recado em seu celular avisando que seus óculos estavam no consultório. Darci nunca retornou minha ligação e nem veio buscar seus óculos. Cerca de seis meses depois Darci deixa um recado dizendo que não havia se mudado de São Paulo, apenas me informando isso. Exatamente um ano após a interrupção, Darci deixa novo recado dizendo querer voltar à análise, mas iria esperar passar as festas de fim de ano e voltaria a entrar em contato. Em janeiro um novo e último recado em que Darci diz estar resolvendo alguns problemas particulares, mas que em breve ligaria para marcar uma sessão. Eu e seus óculos estamos aguardando.

2. A posição da Psicopatologia Fundamental

*Quero falar de uma coisa, adivinha onde ela anda, deve estar dentro do peito,
ou caminha pelo ar. Pode estar aqui do lado, bem mais perto que pensamos,
as folha da juventude é o nome certo desse amor.
Já podaram seus momentos, desviaram seu destino. Seu sorriso de menino,
quantas vezes se escondeu.
Mas renova-se a esperança, nova aurora, cada dia,
e há que se cuidar do broto, pra que a vida nos dê
Flor e fruto.
Coração de estudante, há que se cuidar da vida,
há que se cuidar do mundo, tomar conta da amizade.
Alegria e muito sonho, espalhados no caminho,
verdes, planta e sentimento.
Folhas, coração, juventude e fé.
(Milton Nascimento, Coração de estudante)*

A Psicopatologia Fundamental foi originalmente idealizada por Pierre Fédida durante a década de 1970, na Universidade de Paris 7 – Denis Diderot. Ela surge como uma doutrina que marca uma posição de entendimento subjetivo diante do *pathos* psíquico. Neste sentido, a Psicopatologia Fundamental distingue-se da Psicopatologia Geral inaugurada por Karl Jasper (1913), pois esta visa uma narrativa objetiva das doenças mentais, enquanto a Psicopatologia Fundamental privilegia o resgate da dimensão subjetiva e singular contida em *pathos* (BERLINCK, 2008).

A observação psiquiátrica, que encontra suas bases na disciplina fundada por Jasper, cria sistemas que têm por objetivo sistematizar e classificar o sofrimento psíquico dentro de uma padronização, distinguindo-se, então, o normal do patológico. O DSM e o CID são sistemas classificatórios que apresentam os sintomas particulares de cada patologia, isto é, o DSM e o CID apresentam um “rol” de sintomas que, quando apresentados em um indivíduo o posiciona em uma condição psicopatológica.

A Psicopatologia Fundamental, ao contrário, tenta buscar aquilo que de subjetivo se encontra no sofrimento psíquico. Neste sentido a clínica Psicopatológica Fundamental pretende um resgate da subjetividade que vem sendo abandonada em detrimento de uma tecnologia que se resume em criar, descrever e aplicar sistemas classificatórios, tais como o DSM e o CID. O modo mecânico e tecnológico com que esses sistemas classificatórios vêm sendo utilizados demonstra o evidente empobrecimento da psicopatologia, pois desde que Karl Jasper (1913) desenvolveu sua Psicopatologia Geral, a psicopatologia vem se tornando cada vez mais uma tecnologia voltada a criar, descrever e aplicar sistemas classificatórios, implicando-se cada vez menos com o *pathos* psíquico e com a subjetividade. Desta forma, a Psicopatologia Fundamental surge como uma tentativa de resgate da investigação do *pathos* psíquico, considerando para isso a subjetividade do humano.

Desta forma a Psicopatologia Fundamental, apesar de nova, se insere numa rica e antiga tradição que se origina na Grécia Antiga com Hipócrates e que se propõe a investigar o *pathos* psíquico, o que só se torna possível porque nesta clínica, o termo psicopatologia é tratado com o rigor e considerado naquilo que o atesta, isto é, um discurso (logos) acerca do *pathos* psíquico. Assim a posição do psicopatólogo é de inclinação, de debruçamento, de escuta do discurso manifestado por aquele que é afetado pela incidência de *pathos*.

Ao psicopatólogo não cabe um movimento de esquiva, de fuga ou de objetivação da subjetividade. Ao psicopatólogo não cabe, tampouco, uma posição descritiva e classificatória de uma sintomatologia; ao psicopatólogo é destinada uma posição que busca compreender o que há de subjetivo no discurso (logos) daquele que é afetado por *pathos*, assim sendo, Fundamental não é mero adjetivo de uma psicopatologia e sim parte integrante do nome de

uma disciplina. É Fundamental porque sem a Psicopatologia, isto é, sem o discurso sobre o *pathos* não há clínica - no sentido estrito do termo - possível.

A ocorrência de *pathos* lança o humano a um movimento sem que ele próprio possa assenhorear-se desse acontecimento, pois juntamente com *pathos*, e propiciado por ele, ocorre algo da ordem do excesso e da desmesura. O humano, afetado por um *pathos*, inaugura-se como humano, um ser que sofre de seu *pathos*, e cria a possibilidade de um discurso (*logos*) sobre *pathos*, ou seja, de transformar uma experiência pática em uma patologia.

A afetação que *pathos* provoca inaugura o humano no sentido de que cria um lugar – um *topos* – do sofrimento causado por *pathos*. O *topos* inaugurado por *pathos* é, no entendimento da Psicopatologia Fundamental, o aparelho psíquico, e o pático, ou seja, aquilo do qual o humano sofre e encontra-se submetido, é o fundamento do psíquico (BERLINCK, 2008).

Portanto, a Psicopatologia Fundamental marca uma posição diante do sofrimento psíquico e para entender qual é essa posição é necessário, antes, entender qual o significado quando se diz adotar uma determinada posição. Posição é um termo inaugurado no vocabulário militar romano e se refere à localização e distribuição dos exércitos no espaço de batalhas. Entretanto, há uma distinção do termo ao se considerar a civilização romana e a civilização grega.

Posição, para os gregos, mais precisamente para os atenienses, tinha um caráter mais relacional e considerava “a postura do corpo, a maneira, a pose como os moradores da polis – cidadãos e escravos, autóctones e estrangeiros – se relacionavam numa trama discursiva que se realiza, por excelência, na ágora, ou seja, no espaço da retórica” (BERLINCK, 2008).

Sendo a postura do corpo, o modo de apresentar-se na *polis*, extremamente valorizados, surge a necessidade do aprendizado de uma posição irrepreensível, aprendizado do *orthos* que mais tarde se desdobraria em ortopedia e ortodoxia. Com esta necessidade de aprendizado do *orthos* nascem as Academias, lugar onde os cidadãos atenienses aprendiam a posicionar-se adequadamente, a lutar com heroísmo e honra, e principalmente argumentar. Após um período de aprendizado da posição irrepreensível – *orthos* – ao cidadão era dado o direito de frequentar a ágora, onde pequenos grupos conversavam sobre diferentes assuntos concomitantemente. De acordo com Berlinck (2008):

A ágora, amplo sítio urbano, apresentava perigo para a linguagem, pois nele, em meio às atividades concomitantes e ininterruptas, as palavras se dispersavam entre os murmúrios e vozes; a massa de corpos em movimento nada percebia além de fragmentos dos sentidos que elas expressavam. Por isso, os cidadãos tinham que aprender a se destacar por meio da postura corporal, do uso educado da voz e pela capacidade de argumentação aprendida com filósofos, para se distinguirem dos escravos e dos metecos – os estrangeiros – que frequentavam este mesmo espaço. (p. 13)

Além da posição regida pelo *orthos* – posição irrepreensível - outras duas se manifestavam na *polis* grega, pois traziam em si uma experiência linguística distinta daquela, dispersa e truncada, exercida na ágora: são elas a posição do historiador e a do teatro, que davam à multidão uma experiência particular na linguagem discursada. O discurso do historiador na Grécia de Heródoto e Halicarnassos apresentava uma característica diferente daquela conferida na atualidade.

Atualmente um discurso histórico trata daquilo que uma sociedade acumula com o passar do tempo de diferentes formas. Livros, obras de arte, folclore e muitas outras formas de produção humana são meios de alcançar o passado, e de transmitir a história de uma civilização, e, assim compor o discurso do historiador. Entretanto, na Grécia Antiga, o

discurso do historiador privilegiava a palavra da testemunha. O discurso histórico apenas permitia discorrer sobre o que se viu ou o que se ouviu dizer. Desta maneira o discurso do historiador se limita, pois se insere em um período de tempo e alcança algumas poucas gerações.

Uma característica importante que está incluída nessa perspectiva do discurso do historiador, refere-se ao privilégio dado à visão e à audição. Entende-se que o discurso do historiador se contrapunha ao discurso mítico, este sim autorizado a transmitir um passado distante, as origens do mundo e o tempo dos deuses e heróis.

O que podemos compreender é que o discurso do historiador garante aos gregos, diante da crescente presença de estrangeiros na *polis*, um reconhecimento de si, uma memória que constantemente se constrói dado que nem *orthos* e nem *historiè* apresentam-se imutáveis. O discurso do historiador, relatando o que viu ou ouviu, conta aos próprios gregos quem eles são. Através das viagens o historiador observa e anota suas percepções para depois, em visita a *ágora*, relatar o ocorrido e enaltecer as distinções entre os gregos e os estrangeiros.

Há, além dessas duas posições - a do *orthos* e a do historiador - a posição do teatro. O teatro sofre profundas transformações no chamado século de Péricles quando há uma unificação dos antigos teatros de Atenas reunindo-se em torno de um espaço para milhares de espectadores sentados em semicírculos escavados nas rochas das encostas atenienses.

Péricles inaugura assim o teatro de Dionísio, criando um sistema de arquibancada que, separando os assentos, permita à plateia uma total visão e as livrava dos incômodos causados por pessoas que se movimentavam atrás, possibilitando, assim, uma total atenção ao que era encenado no centro. O teatro, nessa época, se distancia da *catharsis* e se aproxima da

experiência, pois não era permitido às peças encenadas uma retórica que vitimasse a plateia, deixando-a imobilizada e humilhando-a (BERLINCK, 2008).

Era necessário, então, uma distância a fim de evitar o desencadeamento de fortes emoções nos espectadores, por isso as tragédias encenadas se passavam em Tebas garantindo, assim, a distância necessária à produção de experiência e não uma *catharsis*. O enriquecimento, conforme se entendia na época, advinha dos pensamentos suscitados no público pela representação e não pela intensidade emocional, pelo excesso, causado pela *catharsis*.

Se na posição do *orthos* o objetivo era apresentar a irrepreensibilidade do corpo, buscar uma maneira, uma pose ideal, valorizando principalmente argumentar coerentemente com sensatez e brilhantismo tornando-se irrepreensível, na do historiador o objetivo se voltava em visitar a ágora descrevendo e informando o que foi visto e ouvido pelo historiador em suas viagens, garantindo aos gregos, desta forma, uma memória e o reconhecimento de si; na posição expressada pelo teatro o objetivo era a produção de experiência. Neste sentido Berlinck (2008) aponta que:

A posição do teatro se opõe, assim, à do *orthos* porque aquele não pretende convencer o interlocutor da irrepreensibilidade de sua posição, e sim apresentar um discurso mito-poiético epopeico que produza experiência. (p. 17)

O que podemos compreender a partir destas três posições – a do *orthos*, a do historiador e a do teatro – é que o orador e, também o discurso, estão no cerne delas, pois elas implicam uma posição adotada diante do discurso, do *logos*. No mito o orador não é responsabilizado pelo que diz, pois a linguagem que está atribuída narra feitos mágicos e de deuses; ao contrário, o logos do *orthos*, do historiador e do teatro, o orador é implicado uma

vez que liga elementos, e a responsabilidade é assim atribuída àquele que discursa. Manoel Berlinck (2008), mais uma vez acrescenta que:

A linguagem de *logos* liga os elementos. *Logon didonai* permite conexões: existe um público suspicaz, julgando os argumentos do orador. Em todas as formas de *logos* – de onde se deriva a lógica, cada vez mais querida dos filósofos e que encontra em Aristóteles seu grande mestre grego – o orador é identificado por suas palavras; elas lhe pertencem e impõe uma responsabilidade inalienável. O pensamento político grego moldava idéias de democracia em torno de aspectos de *logos*. Conforme assinalou Clístenes, liberdade de expressão e debate só fazem sentido se as pessoas estão cientes de sua imputabilidade; caso contrário, os argumentos não têm valor, as palavras carecem de importância. (p. 17)

Logon didonai é entendido como resultado de *logos*, pois *logos* deriva de *leigein* e tem seu sentido atribuído como associar, reunir fatos que podem ser verificados, portanto *logon didonai* refere-se à responsabilidade de prestar contas a um público crítico. Isto não se atribui ao mito, pois nele se conta uma história sobre a qual não há responsabilidade. O mito, portanto, refere-se a uma ratificação de compromisso social (BERLINCK, 2008) uma vez que nele há, de consenso, uma suspensão da crítica e da descrença.

Neste sentido, *pathos* sendo concebido como afeto, paixão, não é irrepreensível, portanto se opõe a *orthos*, a linguagem presente no discurso é uma linguagem do sofrimento e utiliza o recurso mito-poiético epopeico no sentido de produzir experiência, de criar um discurso (*logos*) acerca do *pathos*. Assim, a tragédia grega se mostra *pathos* – *logos*.

A Psicopatologia Fundamental tem seu interesse em um sujeito que é trágico, *pathos*, assumindo, então, o significado de paixão e passividade; esse sujeito trágico não se comporta como agente de suas paixões, não é racional nem senhor de suas ações. Esse sujeito trágico encontra sua mais perfeita tradução na tragédia grega. Para Manoel Berlinck (2008):

O que se figura na tragédia grega é *pathos*, sofrimento, paixão, passividade, que no sentido clássico quer dizer tudo o que se faz ou que acontece de novo, do ponto de vista daquele ao qual acontece. Neste sentido, quando *pathos* acontece, algo da ordem do excesso, da desmesura se põe em marcha sem que o eu possa se assenhorar desse acontecimento, a não ser como paciente, como ator. (p. 18)

Desta forma, o paciente é compreendido por um não poder operar, mas um poder tornar-se. Portanto, paciente é um ser mutável, contém matéria e está à mercê de algo que lhe mude a forma, ou seja, um agente. O agente não é necessariamente mutável, entretanto traz em si mesmo um poder de movimento e mudança, encontrando em um paciente a impossibilidade de modificar-se por si mesmo, mas também a característica de ser suscetível a mudança. Paciente não traz em si os meios próprios a uma mudança, mas carrega a possibilidade de se transformar mediante um agente. Berlinck (2008) aponta que:

É por conter matéria, isto é, indeterminação, que um ser se move. O fato de ter de mudar (de lugar ou de qualidade ou de quantidade) para receber uma nova determinação mostra que ela não possui todas as qualidades de uma só vez, e que a aparição destas depende da intervenção de um agente exterior. (p. 19)

Pathos é, portanto, agente de transformação, pois encontra um sujeito que é paciente de tornar-se, e é justamente nessa característica de poder tornar-se, de ter mobilidade, que *pathos* age. Não há, então, *pathos* quando há imobilidade; *pathos* é, igualmente evanescente, pois o paciente é mutável, assim sendo *pathos* se transforma. Sendo agente de transformação, ou melhor, *pathos* contendo em si um agente de transformação, pois encontra um paciente que é móvel, torna-se algo com o qual se deve aprender, fazer de *pathos* experiência. Berlinck (2008) nos diz:

Devemos até aprender a tirar proveito dele. Tirar proveito de *pathos* significa transformá-lo em experiência, ou seja, não só considerar *pathos* como transitório, mas também como algo que alarga ou enriquece o pensamento. Na tradição trágica, *pathos* rege as ações humanas que, em determinadas circunstâncias, constituem um acontecimento. (p.20)

E prossegue:

Quando isso acontece, *pathos* transforma-se em patologia, ou seja, um discurso sobre o sofrimento, as paixões, a passividade. Quando, entretanto, a experiência é anímica, ou seja, ao mesmo tempo terapêutica e metapsicológica, estamos, então, no âmbito da Psicopatologia Fundamental. (p. 20)

Desta forma *pathos* vem de fora, não está presente no corpo do paciente, uma vez que este é passivo, mas mesmo vindo de fora passa pelo corpo e desde aí se coloca como agente, como possibilitador de tornar-se, inserindo-se como afeto, paixão, sofrimento. *Pathos* passa pelo corpo e se expressa pela desmesura e pelo excesso; é, pois, parte da natureza humana e “melhor se traduz como brotação. *Pathos* brota no corpo sem dele fazer parte intrínseca e rege as ações humanas” (BERLINCK, 2008).

Manoel Berlinck recorre ao *O Banquete*, de Platão, e nos lembra que o médico, uma vez que as doenças físicas se apresentam como paixões – *pathos*, está diretamente em uma relação com o amor. É Eros, representante do amor, que se encontra enfermo e o médico, através de seu amor de médico, restabelece o equilíbrio do corpo para que Eros doente seja liberado do excesso de amor que o adocece. O amor do médico traz o equilíbrio, e isto é possível porque o paciente está sempre em movimento, e *pathos* é movimento, e como tal podem ser dosados, divididos; ou seja, “ajustar a intensidade patológica apropriada à situação desde a ajuda de um médico” (BERLINCK, 2008). Amor de médico é, então, amor justo.

Com isso entendemos que *pathos* pode dizer do sofrimento, das paixões, dos afetos, da passividade, desde que haja um médico que o escute e introduza a justa proporção do amor e mediante essa escuta, surge a possibilidade de *pathos* se tornar-se experiência. O médico escuta *pathos* e nessa escuta pode devolver o equilíbrio em Eros, pois o paciente que sofre de seu *pathos* não pode assenhorear-se desse acontecimento e, portanto, não pode sozinho transformá-lo em experiência. Mais uma vez é Manoel Berlinck (2008) que nos esclarece:

Pathos, então, designa o que é pático, o que é vivido. Aquilo que pode se tornar experiência. “Psicopatologia” literalmente quer dizer: um sofrimento, uma paixão, uma passividade que portam em si mesmos a possibilidade de um ensinamento interno que não ocorre a não ser pela presença de um médico (pois a razão é insuficiente para proporcionar experiência). Como *pathos* não pode ensinar nada, ao contrário, conduz à morte se não for ouvido por aquele que está fora, por aquele que, na condição do espectador no teatro grego do tempo de Péricles, se inclina sobre o paciente e escuta essa voz única se dispondo a ter, assim, junto com o paciente, uma experiência que pertence aos dois. (p. 22)

Assim chegamos, então, a compreender as bases da Psicopatologia Fundamental, que estão no teatro grego do tempo de Péricles. A Psicopatologia Fundamental se designa como uma posição diante de uma voz única sendo, pois, um inclinar-se sobre alguém que, através de seu *pathos*, enuncia sua tragicomédia, seu sofrimento, suas paixões e sua passividade. Esse posicionamento implica uma clínica, uma vez que considera e respeita a unicidade dessa voz que suscita experiência e terapia. É uma posição pela qual se distingue apesar de reconhecer outras posições baseadas no *orthos* e na posição do historiador; tais posições têm por base a postura corporal que cria outros *logos* (discursos) e por isso se destacam também como posições.

A Psicopatologia Fundamental compreende o *pathos* como algo que vem de fora e se apodera do corpo, sem ser parte inerente dele, fazendo-o sofrer. Acredita-se que esta

concepção esteja de acordo com a definição de doença, uma vez que o corpo em si não é doente; o corpo é natural e desta forma pode se tornar doente desde que seja atacado por algo que vem de fora e o afete, seja um ataque orgânico ou psíquico.

Outra característica imprescindível é o reconhecimento, por parte da Psicopatologia Fundamental, de outras posições que discursam sobre o sofrimento humano, garantindo à clínica psicopatológica fundamental movimento. Não ocupar o lugar do *logon didonai*, isto é, da posição irrepreensível, da ortodoxia, é fundamental para a escuta do *pathos* que se manifesta de modo singular e dá voz à subjetividade humana.

2.1. Reflexões sobre o método clínico

O método utilizado para a execução deste trabalho se fundamenta em uma vivência passada entre o analista e uma paciente. Desta forma entende-se que a clínica foi a chama inicial de algo que se transforma em um incêndio de questionamentos. Pensar a clínica como algo que inicia questionamentos implica valer-se do método clínico como móbil de uma percepção, isto é, encontrar em uma vivência a transformação para uma experiência.

O trabalho de um analista exige seu inconsciente, uma vez que é por meio ou a partir dele, que se inicia uma tradução analítica dessa vivência transformando-a em experiência. Assim, sua posição se apresenta como um buraco, permitindo ao paciente preenchê-lo, utilizá-lo no sentido de depositário, alvo de seu desejo. Isso só ocorrerá se o analista se apresentar com um “véu” que, cobrindo seu desejo, orienta o desejo do paciente para si, suportando daí a posição contratransferencial que entrará em jogo. (NASIO, 1999).

Surge então um paradoxo: como se situar enquanto buraco a ser preenchido pelo paciente e transformar uma vivência em experiência? O que entendemos é que o analista tem que se manter móvel e mobilizante, isto é, permanecer como fomentador. Berlinck (2008) aponta que esta posição “ocorre, decerto, que deve mover-se para agir sobre o paciente, mas como agente”. A posição do analista se aproxima, então, de agente, de combustível.

Mas também é destinado à clínica um objetivo: há algo que se deve alcançar. Neste sentido há uma ética, a experiência clínica não é natural, ela não se abstrai de uma direção. Ela é, como diz Lacan (1998) em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, uma política sem governo, isto é, uma ética sem partido. Essa ética propõe em uma escuta de algo que não se espera encontrar, mas que se escuta naquilo que surge do ato falho, do sonho e de outras manifestações do inconsciente.

Disto se obtém uma direção, uma busca por uma verdade que está para além de uma teoria. Almejar esta verdade só é possível com uma esperança, esperança no sentido de espera, espera de uma concepção desta verdade, concepção entendida tanto como posição de entendimento quanto geração e parição de algo novo. Daí nasce uma experiência.

Assim sendo, o método clínico é uma tentativa de ambos – analista e paciente – de transformação de uma vivência, que se dá transferencialmente, para uma narrativa de seu sofrimento, ou seja, de uma experiência psicopatológica.

Portanto, o pressuposto básico e inexorável do método clínico é a singularidade, a subjetividade, acreditar na existência de um ser único. Assim, aceitar e utilizar o método clínico é inevitavelmente ter pela frente algo inédito, algo que nunca se encontrará em nenhuma teoria, posto que é sempre o encontro com um ser único.

Estar como um buraco sobre o qual o preenchimento se dará pelo desejo do paciente é poder estar disponível para ocupar um lugar na fantasia do paciente, fantasia sempre singular e nunca estática. O método clínico, então, pode desenvolver uma metapsicologia desde que o clínico busque a constituição da fantasia, compreendendo como e por que ela se constitui.

Desta forma, o método clínico surge somente a partir do momento em que a singularidade se revela. O método clínico, para se constituir enquanto método, necessita de um evento, de um acidente, de algo que ocorra em um encontro clínico e que ponha em xeque a teoria.

Quando Freud anuncia ao mundo sua descoberta, isto é, quando ele apresenta os mecanismos que regem as ações inconscientes, não é mais possível a uma psicopatologia seguir o caminho proposto por Kant. O essencial da teoria freudiana não é a descoberta do inconsciente propriamente dito, mesmo porque desde a Grécia Antiga, e mesmo Kant, concebiam a ideia de uma parte obscura da mente humana. O essencial da teoria freudiana é ter desenvolvido um método de compreensão da parte obscura da mente humana. O método clínico é o método desenvolvido por Freud.

Desta forma a Psicopatologia Fundamental e a Psicanálise se orientam e avançam utilizando um mesmo espaço compartilhado, qual seja, o método clínico. Entende-se isso de acordo com Berlinck (2008):

A descoberta do inconsciente freudiano como manifestação do *pathos* e como algo que surge da violência primordial, bem como a consequente metapsicologia que é conhecida por psicanálise é a casa mais confortável existente na contemporaneidade para a Psicopatologia Fundamental. (p. 24)

O método clínico, então, está na base de toda metapsicologia, e isto se dá ao transformar uma vivência em uma experiência, um sofrimento em um discurso mito-poiético epopeico que, por ser experiência, como tal, é terapêutico.

Ainda delimitando as características propostas no método clínico, deve-se distinguir relato de caso e caso clínico. O relato de caso, ferramenta valiosa no sentido de se observar os caminhos seguidos em uma prática já concebida, volta sua atenção para a percepção consciente do ocorrido, mantém-se na posição do historiador na Grécia Antiga, ou seja, relata o que se viu. O caso clínico, entretanto, se insere em uma clínica da escuta levando em conta fenômenos para além dos observáveis pela consciência. Nesse sentido, o caso clínico provoca a verdade de uma construção.

O caso clínico é uma construção do clínico, portanto, é uma ficção. Ficção, pois se volta a uma vivência clínica pática e solicita uma construção. O caso clínico é a vivência clínica solicitando uma metapsicologia; é a psicopatologia do clínico. Em um caso clínico há uma vivência transformada em experiência: ao paciente um discurso mito-poiético epopeico, ao clínico uma metapsicologia, pois o *pathos* que afeta o paciente também incide no clínico e assim pode se tornar experiência para ambos.

2.2. As dificuldades do método

Sustentar a posição que o método clínico exige torna-se algo extremamente difícil e desgastante, pois o clínico é levado a se posicionar em um lugar de não saber sobre a subjetividade que a ele se apresenta. Considerar a subjetividade na clínica Psicopatológica

Fundamental apresenta inúmeras dificuldades e impõe riscos ao psicopatólogo, pois ao considerar a subjetividade, sendo ela particular a cada indivíduo, o clínico é implicado a se defrontar cotidianamente com algo que lhe é enigmático, desconhecido e, portanto, perigoso.

O paciente, visto como enigmático desconhecido e perigoso, é causador de angústias e inquietações no clínico; para evitar tais angústias, e desta forma evitar também a tomada de atitudes precipitadas, atitudes que muitas vezes servem mais ao afastamento das angústias do clínico do que às possibilidades da psicopatologia – discurso (*logos*) sobre o *pathos* psíquico, a clínica Psicopatológica Fundamental compreende que a proteção a estas angústias é possibilitada pelo neutro.

O neutro é aqui compreendido como um lugar (*topos*) na língua capaz de reduzir as precipitações diagnósticas e as angústias promovendo a possibilidade de um discurso (*logos*) sobre o *pathos*; desta forma o neutro é um agente, um promotor da psicopatologia, portanto, é um lugar que pode ser ocupado pelo clínico.

O lugar do neutro não é um lugar inanimado e não se refere a uma terceira opção diante das indecisões entre masculino e feminino. O neutro tende a uma abstração, uma indeterminação; não se trata de indiferença, pois ao neutro é conferido seu lugar proporcionado pela língua.

O neutro, tendo seu lugar próprio de neutro na língua, evita o dizer performático, isto é, um dizer que efetua a coisa dita. O dito performático anuncia seu efeito no momento mesmo em que é enunciado. No neutro, ao contrário, não há familiaridade, o enunciado neutro não anuncia seu efeito, desta forma o enunciado neutro pode ser considerado o contrário daquilo encontrado no enunciado performático.

Assim, o neutro nunca pode ser demonstrativo, pois ele é irruptivo, abre a possibilidade para o não familiar, para o risco não definido; um enunciado demonstrativo não se abre para nenhum risco, não irrompe. O enunciado demonstrativo se insere em função do código geral e do campo institucional em que é pronunciado, ou seja, serve para demonstrar aquilo mesmo que enuncia.

A língua portuguesa não dispõe do gênero neutro, o que dificulta o entendimento desta posição para o clínico que atua inserido nesta língua. Outras línguas como o inglês e o alemão possuem essa categoria o que facilita a inserção do clínico neste *topos*. Mas vale ressaltar que o neutro é a abstração, a totalidade, a indeterminação. O neutro não pode se distribuir em nenhum outro gênero. Apesar de se instituir como uma instância, como um lugar, como um *topos*, ele se relaciona ao não geral e também como o não particular. O neutro é, e, assim, exige outra relação que não depende de condições objetivas nem de condições subjetivas. O neutro se aproxima de uma posição e se afasta do gênero e de associações como passividade e atividade.

O ser desconhecido e perigoso que chega até a clínica é chamado de paciente, pois é passível de adquirir forma. O paciente chega ao clínico e o convoca nele por meio do enigma perigoso e desconhecido que lhe apresenta a necessidade de informação, isto é, de dar uma forma ao que se apresenta. Se o clínico proceder assim não ocupará o lugar do neutro, pois deste modo ele dará uma forma ao paciente impossibilitando uma psicopatologia.

Ocupando o lugar do neutro o clínico promove o que Freud evidenciou como necessário a todo o tratamento: a promoção da privação e da abstinência. O neutro, então, não dando uma forma ao paciente que se apresenta, permite que algo brote, que algo surja, isto é, o discurso (*logos*) sobre o *pathos* que lhe incide. O desconhecido é então manifestado

enquanto desconhecido, não estando a cargo do neutro possibilitar-lhe conhecimento; o neutro acolhe o desconhecido e o autoriza como desconhecido; a clínica, então, possibilita que o desconhecido seja afirmado, manifestado e até exibido, sendo desta forma desencoberto naquilo que o mantém desconhecido. O desconhecido, nessa relação entre o paciente e o clínico, se desencobriria, portanto, naquilo que o mantém encoberto.

A clínica Psicopatológica Fundamental, que se propõe a promover um discurso (*logos*) sobre o *pathos* psíquico considerando, desta maneira, aquilo que de subjetivo se encontra no sofrimento psíquico, exige do clínico a posição de neutro diante do enigmático, desconhecido e perigoso corpo que lhe chega carente e passível de se dar forma. Para o clínico, ocupar a posição do neutro não é tarefa fácil: muitos elementos interferem impedindo, dificultando e expulsando o lugar do neutro na prática clínica, pois o neutro é a própria autorização do não conhecido.

3. O contato com a neurose obsessiva

Produzir um texto referente à neurose obsessiva pode, a princípio, parecer uma tarefa sem grandes complicações, entretanto percorrer um caminho nas sendas teóricas e clínicas desta psicose apresenta, sim, grandes dificuldades. Dificuldades que emergem disfarçadas numa sintomatologia opaca, muitas vezes sem graça e, principalmente, numa transferência que se estabelece imobilizante e extenuante.

A dificuldade inicial de se escrever sobre a neurose obsessiva é justamente o que se escrever sobre a neurose obsessiva. O que ainda pode ser dito sobre a neurose obsessiva? Há, na literatura psicanalítica, um sem número de páginas escritas sobre o tema. Textos que trazem contribuições magníficas sejam elas teóricas ou clínicas, produções que muito engrandecem e auxiliam o encontro teórico ou clínico com a neurose obsessiva.

Entretanto, alguns textos trazem algumas características subjacentes interessantes que valem a pena voltarmos à atenção a elas para que possamos apresentar algumas dificuldades iniciais do contato com a neurose obsessiva. A primeira constatação que se pode fazer é que alguns textos falam da neurose obsessiva através da histeria, isto é, não se diz da neurose obsessiva de outro modo que não seja como contraponto à histeria. Não é dada à neurose obsessiva um estatuto próprio de enunciação, e ela permanece sem direito à voz e impossibilitada de vir à tona naquilo que é de seu cerne.

Outra característica que um leitor atento pode perceber em alguns textos é o tratamento, no sentido de como é apresentada a sintomatologia própria desta neurose. Ficam presentes nas entrelinhas um ar um tanto sarcástico e cômico, que tendem a tomá-la como ridícula e patética apresentando-a como algo digno de riso. Neste sentido a sintomatologia da

neurose obsessiva é tida como algo que de tão absurdo é menor e beira a irrealidade. Há uma espécie de caricatura que paira sobre o padecer obsessivo, uma caricatura cômica que provoca riso por sua ridicularidade.

Em alguns textos percebe-se, ainda, uma descrição extremamente detalhada, uma minuciosa tentativa de preencher as lacunas, de tampar todos os buracos. Textos que se apresentam extremamente estruturados e herméticos, anulando, e até extirpando, qualquer elemento que surja como ameaçador a sua pretensa organização. Uma tentativa de manifestar uma perfeita descrição da neurose obsessiva onde o não saber, a dúvida, é mantida de fora e privilegia-se a construção da própria descrição.

Resumindo, podemos constatar que a neurose obsessiva é, muitas vezes, descrita pelo viés da histeria, ou seja, descrita e apresentada em comparação e contraposição à histeria; sua sintomatologia é retratada com um ar cômico e enaltecida uma pretensa ridicularidade contida em sua manifestação, e também relatada de modo hermeticamente fechado não deixando espaço para questionamentos e desdobramentos.

Estamos, desde já, no contato com a neurose obsessiva. Entendemos que o fenômeno responsável por estas características, apresentadas por alguns textos, é particular e própria da neurose obsessiva, no que se refere ao impacto transferencial que dela decorre. Dito de outra forma, alguns textos que tomam a neurose obsessiva como objeto de estudo acabam por se tornar tão obsessivos quanto seu próprio objeto.

Nossas críticas apontam, portanto, para um modo transferencial específico estabelecido entre a neurose obsessiva e aquele que com ela se relaciona. O encontro clínico se dá da mesma forma, o enlace transferencial que se produz entre o paciente obsessivo e o

clínico não está salvaguardado destes mesmos fenômenos, ao contrário, é exatamente neles que se manifesta aquilo que pode ser dito sobre a neurose obsessiva.

Percebe-se, portanto, que na produção deste trabalho caminhamos no risco de sermos enlaçados pela neurose obsessiva, e assim produzir uma intelectualização descritiva e teórica sobre aspectos desta psicose. Fuga do confronto no sentido de apresentar uma cisão, uma divisão entre a clínica e a teoria.

Todo trabalho escrito acerca de um caso clínico é fruto de inquietações e questões que permanecem pulsantes no clínico, o trabalho escrito é uma tentativa de transformar tais inquietações, tais vivências, em experiência, o trabalho escrito é, portanto, a psicopatologia do clínico.

Percebemos no caso relatado que Darci estabelece uma transferência cuja penetração do clínico é dificultada, sua tentativa é de manter uma distância, confortável ao seu sintoma, de qualquer quebra em seu suposto controle de si e do mundo e o clínico representa esta ameaça. Assim suas defesas permanecem erguidas e o clínico fica mantido de fora neste modo transferencial estabelecido. Interessante pensarmos que nos propusemos, neste trabalho, a falar de Darci, mas até então, salvo o próprio relato do caso, pouco ou nada foi dito sobre ela.

Entretanto, quando levamos em conta os fenômenos da transferência ocasionados neste caso particular podemos compreender porque isso ocorre, e nisto está o que entendemos ser nossa contribuição à teoria e a clínica. Na clínica, Darci se mantém distante do clínico por este representar a ela o embate com aquilo que ela insiste em ocultar, nesta distância o clínico é mantido de fora. O clínico, convertido em cientista tem de início seu alcance reduzido, pois a distância estabelecida na clínica pelo modo transferencial estabelecido se mantém. Estando

de fora o clínico, o trabalho do cientista se torna árduo, pois sua ciência será dizer daquilo em que duplamente ele não se insere.

Entendemos que a clínica deve impor sempre algo novo e inquietante, um buraco se assim podemos dizer, de modo que o estudo teórico se debruce na tentativa, sempre posterior, de preencher este buraco com algo que acrescente e inove a própria teoria. Mas o que pode apresentar o clínico ao cientista como buraco teórico estando ele de fora do enlace transferencial? Talvez nesta questão residam outras duas questões cruciais, uma geral e outra específica ao caso. De modo geral o que pode suscitar de fenômenos contratransferenciais no próprio clínico não ser inserido no enlace transferencial? Outra questão, esta específica ao caso, o que Darci evita, como ela se defende e porque de seu controle? Estes são seus enigmas, os quais temos que elucidar.

Apresentamos no início deste capítulo críticas referentes a alguns textos que versam sobre a neurose obsessiva, entendemos, pois, que tais fenômenos se dão baseados de modo geral em elementos contratransferenciais produzidos pelo contato com a neurose obsessiva. A dificuldade em escrever e teorizar algo novo sobre a neurose obsessiva está, acreditamos, na contratransferência que com ela se estabelece.

Produzir um escrito permeado de tais fenômenos inconscientes se apresenta como um risco, risco que também se dá caso o encontro clínico ocorra da mesma forma. O risco encontra-se, então, em se produzir um texto enfadonho e repetitivo, e permanecer num movimento elíptico descrevendo aspectos tais como: o ódio, o amor e a ambivalência de sentimentos, as defesas contra o desejo manifestadas nos rituais, a dúvida que surge e impossibilita o gozo, ou então a circularidade do discurso, entre outras características manifestadas por esta neurose.

Na clínica o risco se repete. A transferência que se estabelece acomete o clínico em igual sentido, ele é lançado a sentimentos ambivalentes de amor e ódio em relação ao paciente, isto se dá pela sensação de impotência que a transferência escancara, ou seja, a impossibilidade da neurose obsessiva em encontrar uma saída outra que não seja a da impossibilidade, retira do espaço analítico, e conseqüentemente do analista, sua condição de promotor de subjetividade.

O clínico perde, então, sua função essencial de agente, pois não há nesta neurose trânsito libidinal que sirva de combustível e que fomenta a transferência rumo à associação livre. Nada é livre. Tudo, inclusive o clínico, se insere numa dicotomia dual entre: certo, errado; sim e não; pode ou não pode. Este ordenamento hermeticamente fechado impossibilita, ao menos dificulta enormemente, que algo irrompa e abra espaço ao não familiar, ao risco e à possibilidade de brotação.

Diante desta ordem defensiva o clínico é convocado constantemente a responder de uma posição que serve mais para afirmar tal ordem pré-estabelecida, ou seja, ao clínico é dificultado ocupar seu lugar de neutro, disto decorre um engodo que é próprio do atendimento de casos obsessivos. A circularidade do discurso e o movimento elíptico que o obsessivo adota, muitas vezes são vistos como associações e movimentações do paciente diante de algo que surge como inédito, o clínico se insere neste movimento iludido, acreditando na aderência e possibilidade do paciente questionar-se. Na verdade, quando isto ocorre, o clínico foi enlaçado na circularidade do discurso do paciente e adentrou em sua ordem defensiva, a aparente reflexão que ilude o clínico e as argumentações que daí surge nada mais são do que a própria neurose se manifestando.

Ao clínico atento, que percebe e evita entrar nesta dinâmica de elucubrações infrutíferas, não está garantido não ser afetado por outras manifestações da transferência. Se resguardar deste primeiro engodo mantendo-se afastado do enlace obsessivo o coloca diante de outros, não menos importantes entraves. A constante circularidade, que evita o paciente de entrar em contato com o próprio desejo, coloca o clínico em uma posição também de distância, o clínico é inserido de fora, pois o movimento elíptico se torna uma carapaça defensiva.

Dáí decorrem sentimentos ambivalentes do clínico em seu movimento contratransferencial, ser mantido de fora, e até mesmo evitado no encontro clínico, suscita sentimentos que vão da impotência à raiva, do descaso a frustração. Impotência, pois o clínico não consegue se inserir no movimento elíptico do paciente de outro lugar que não seja àquele que se insere em sua própria ordem defensiva, ou seja, o clínico fica de fora, ou se adentra corre o risco de se inserir na própria sintomatologia do paciente.

Percebe-se, portanto, a imobilidade do clínico e é compreensível que tal estagnação gere raiva e descaso e ridicularização como manifestações contratransferências, entretanto tais sentimentos nada mais são do que as defesas do clínico agindo no sentido de salvaguarda-lo de punição a si próprio por sua incapacidade frente ao paciente, frustração e imutabilidade do caso.

É, pois, neste fio tão cortante quanto uma navalha, que o clínico se situa frente à neurose obsessiva, observa-se dois posicionamentos opostos os quais o clínico pode ser lançado transferencialmente. O primeiro é ser totalmente inserido na circularidade discursiva do paciente e, desta forma, iludido por supostas associações, engendrar também um discurso

intelectualizado que barra o desejo; o segundo é não se inserir de modo algum transformando o encontro clínico em algo frustrante e estático o que também leva à morte do caso.

Em relação à especificidade do caso apresentado, ou melhor, em relação à Darci, para elucidarmos seus enigmas teremos que encurtar as distâncias impostas por ela e também por nós mesmos, para tanto este trabalho deve abandonar um posicionamento tópico, de modo que outros fenômenos venham à baila e que o encontro clínico, a clínica, seja privilegiada.

Freud nos mostra ao longo de sua obra que o aparelho psíquico se fundamenta em três diferentes níveis sendo eles o modelo tópico, o dinâmico e o econômico. O modelo tópico refere-se aquilo que pode ser entendido como lugares, ou seja, compartimentos específicos que se dispõem numa definida ordem e obedecendo a determinadas relações entre si. Na construção freudiana temos dois modelos tópicos, a primeira tópica distinguindo os sistemas pré-consciente, consciente e inconsciente; e a segunda tópica a partir de 1923 que dividia o aparelho psíquico em id, ego e superego.

Para se compreender o aparelho psíquico em sua dimensão dinâmica deve-se considerar a existência de conflitos intrapsíquicos, ou seja, forças pulsionais contrárias que exercem pressão sobre o aparelho e que acabam por produzir uma gama variável de sintomas e fenômenos. Desta maneira a energia pulsional que circula no aparelho psíquico não se apresenta de modo estático, podendo, portanto, ser suscetível a variações tanto em quantidade como em intensidade. Assim se mostra, então, uma relação econômica no que se refere à força e ação da energia pulsional.

Conforme já dissemos anteriormente, este trabalho se insere na tradição da Psicopatologia Fundamental e, portanto, considera a subjetividade e o *pathos* psíquico, assim sendo manter-se em uma descrição formal de um caso clínico, apresentando a generalidade

dos sintomas e os descrevendo dentro de um sistema teórico pré-concebido nada mais é do que afastar-se do pressuposto básico da própria Psicopatologia Fundamental.

Neste sentido, entende-se que para a produção de uma enunciação acerca da neurose obsessiva que evite o que anteriormente apontamos como presente em alguns textos que versam sobre o tema, nosso trabalho terá que percorrer um caminho diferente daquele que se mantém fixo aos moldes teóricos. A clínica se faz, então, a origem, mas também nosso destino, ou seja, de um encontro clínico, já apresentado anteriormente, partimos, e a ele retornamos como fonte de respostas às perguntas que ele próprio suscitou.

4. Quebrando o gelo: o humano sai da casca

*Hoje eu sonhei contigo, tanta desdita! Amor, nem te digo.
Tanto castigo que eu tava aflita de te contar.
Foi um sonho medonho, desses que, às vezes, a gente sonha,
e baba na fronha e se urina toda e quer sufocar.
Meu amor, vi chegando, um trêm de candango formando um bando,
mas que era um bando de orangotango pra te pegar.
Vinha nego humilhado, vinha morto-vivo, vinha flagelado.
De tudo que é lado vinha um bom motivo pra te esfolar.
Quanto mais tu corria, mais tu ficava, mais atolava,
mais te sujava, amor, tu fedia, empestava o ar.
Tu que foi tão valente, chorou pra gente.
Pedi piedade, e olha que maldade,
me deu vontade de gargalhar.
Ao pé da ribanceira acabou-se a liça
E escarrei-te inteira a tua carniça, e tinha justiça nesse escarrar.
Te "rasgamo" a carcaça, descendo a ripa.
"Viramo" as tripas, comendo os "ovo", ai!,
E aquele povo pôs-se a cantar.
Foi um sonho medonho, desses que, às vezes,
a gente sonha e baba na fronha, e se urina toda e já não tem paz.
Pois eu sonhei contigo e caí da cama.
Ai, amor, não briga! Ai, não me castiga!
Ai, diz que me ama e eu não sonho mais!
(Chico Buarque de Holanda, Não sonho mais.)*

Existem muitas teorias acerca do aparecimento do humano, umas mais fantásticas, outras se dizendo mais científicas, entretanto todas elas concordam que a linguagem é, em suma, o que torna o humano, humano. É intrigante pensar que Freud não tenha desprendido algumas páginas a este respeito. Sabemos que muito do que foi por ele escrito se perdeu no tempo, na guerra ou foi simplesmente descartado por ele mesmo. Entretanto, graças a Sándor Ferenczi que, contrariando o próprio Freud, ‘esqueceu’ um rascunho datado de 1915 em um baú de escritos sem ‘importância’, temos hoje um precioso texto referindo-se ao momento em

que o humano se mostra. Trata-se do chamado manuscrito perdido de Freud denominado em português de: “Neurose de transferência uma síntese”.

Esse trabalho se insere numa série de 12 escritos que Freud tinha a intenção de publicar em forma de livro e com o título de: *Subsídios à preparação de uma metapsicologia*. Além desse trabalho recentemente descoberto, pertence a essa série de artigos: “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos” (1915), “Luto e Melancolia” (1917), “Pulsões e os destinos das pulsões” (1915), “A Repressão” (1915) e “O inconsciente” (1915), além de outros sete que tomamos conhecimento pela correspondência mantida com Sándor Ferenczi por vários anos. Entretanto esse livro nunca chegou a ser publicado, e apenas os cinco textos relacionados acima se tornaram públicos; os outros sete se perderam misteriosamente, possivelmente destruídos pelo próprio Freud. Desses sete manuscritos um, entretanto, sobreviveu empoeirado por anos dentro de um baú na casa de Sándor Ferenczi.

Quando, em 1983, Ilse Grubrich-Simitis se detém nas correspondências entre Freud e Ferenczi com o intuito de organizá-las para publicação depara-se com um manuscrito e junto com ele uma pequena carta, ambos escritos por Freud. Pelo conteúdo da carta fica evidente se tratar do décimo-segundo ensaio da série metapsicológica pretendida e interrompida por Freud.

Esse manuscrito, como muitos outros escritos pelo psicanalista vienense, parece ser inesgotável, tamanha a amplitude que suas reflexões podem alcançar. Desta forma, então, inicialmente nos deteremos em reproduzir a ideia nele contida, para posteriormente tecermos os comentários que nossa reflexão permitir e relacioná-las com outras obras.

Freud argumenta, nesse manuscrito, que houve um momento na história em que o mundo externo era um ambiente amistoso, proporcionando toda e qualquer satisfação, mas as

privações desencadeadas pela era glacial, que cobriu a terra com uma imensa crosta gélida, transformaram esse meio, antes abundante, em um meio cheio de riscos iminentes.

A angústia acomete a humanidade, pois passam a existir ameaças concretas à preservação da espécie. Diz Freud que a perda de objetos externos, fontes de satisfação, causa uma inversão da libido para o eu, desta forma “o que antes era libido objetal se transforma em angústia real” (p. 75). Com a continuidade das incertezas em relação à continuidade da vida, o homem primitivo renunciou diante do conflito entre autopreservação e o prazer de procriar.

Os alimentos proporcionados por essa terra gélida não eram suficientes para garantir a subsistência e devido ao aumento constante das hordas primitivas; tampouco os meios individuais eram suficientes para trazer alento aos desamparados. Deste modo, o controle da natalidade se tornou uma espécie de dever social, com isso práticas sexuais sem o objetivo de procriação passam a ser aceitas e praticadas, gerando uma regressão da libido para fases anteriores ao primado dos genitais.

Após ter descoberto um meio de poupar sua libido, e limitar a procriação, diminuindo a atividade sexual pela regressão da libido para fases anteriores, e mantendo alguma satisfação em práticas sexuais perversas, o homem primitivo volta-se para a inteligência, numa tentativa de compreensão daquele mundo adverso, assegurando para si, através de suas invenções, um primeiro domínio sobre esse mundo.

A partir desse momento começa a existir uma linguagem incipiente, posto que, através de seu pensamento, ele desenvolve um sistema objetivo e causal que lhe permitia a manutenção da vida. A linguagem se tornava mágica, e seus pensamentos, garantindo sua subsistência, tornavam-se onipotentes. Surge, neste momento, o Pai da horda que após ter adquirido o poder de garantir a si e aos outros proteção frente ao mundo ameaçador, arrogava-

se domínio sobre eles. Suas determinações eram garantir-lhes a inviolabilidade de seu corpo e que a ele não fosse negado dispor das mulheres. No fim dessa época o homem primitivo se organizava em hordas isoladas, todas elas tendo um “homem sábio, forte e brutal, como pai” (FREUD, 1915; p. 77).

A partir de então Freud passa a argumentar sobre uma segunda geração que se inicia com os filhos do pai primitivo. O pai sábio, forte e brutal por ocasião da puberdade dos filhos, ou seja, quando eles se tornavam uma ameaça ao seu poder, tomava duas drásticas medidas: expulsava-os da horda ou podava-lhes a virilidade tornando-os inofensivos, e mantendo-os como trabalhadores auxiliares.

Questiona-se, então Freud, frente ao aniquilamento dos filhos, seja pela expulsão, seja pela castração, como se daria a continuidade da espécie. Responde que esse infeliz destino acometia os filhos mais velhos; os mais novos encontravam uma mãe mais protetora, devido à perda do primogênito, e também um pai velho e enfraquecido, portanto, tinham a chance de se tornar o líder sucessor nessa estrutura social. Aos outros filhos expulsos da horda restava apenas se organizar e lutar juntos pela sobrevivência. Tal convivência produzia sentimentos sociais e podiam se edificar na base de satisfações homossexuais.

É impossível ao leitor de Freud não relacionar este manuscrito ao o livro “Totem e tabu” de 1913. Entretanto, o manuscrito recém-descoberto refere-se ao início, além de trazer questionamentos diferentes, e “Totem e tabu” refere-se ao fim da horda.

No texto de 1913, Freud descreve o retorno desses filhos expulsos que matariam e devorariam o pai tirânico colocando fim a horda patriarcal. É perfeitamente aceitável a revolta e o ódio dos filhos em relação a esse pai tirânico e opressor. Chico Buarque de Holanda é muito feliz em sua música quando canta que ao pé da ribanceira acabou-se a liça e escarraram

em sua carniça e que havia justiça neste escarrar, pois a injustiça se relacionava à impossibilidade, imposta pelo pai primitivo, do encontro dos filhos com as mulheres e a satisfação de suas pulsões sexuais.

O pai outrora valente e forte pede piedade, e olha que maldade, deu vontade de gargalhar, assim está apenas na letra de Chico Buarque, mas poderia perfeitamente estar no texto freudiano. Com o fim da era glacial, e em “Totem e tabu” o assassinato do pai se dá após o fim dessa era; o mundo externo já não se apresentava totalmente ameaçador como antes, e talvez existisse a esperança por parte dos filhos, de retornarem a um estado anterior à era glacial, estado em que o meio supria toda satisfação e o contato sexual era constante.

Canibais que eram, além de matar o pai devoram-lhe a carne; cada filho ingerindo um pedaço de sua carne, adquire uma parte de sua força, ou seja, identificam-se com o pai e poderiam, agora, encontrar a regularidade sexual que provinha da possibilidade de ter acesso a todas as mulheres. Acontece que essa possibilidade acarreta sérios problemas: todos os irmãos tornam-se rivais; cada um queria, como o pai, ter todas as mulheres para si, entretanto, nenhum deles tinha a sabedoria e a força do pai a ponto de subjugar os outros. Mais uma vez o homem primitivo teve de renunciar ao seu desejo sexual a fim de manter a horda unida e assim manter a existência de todos. Realiza-se, portanto, a renúncia àquelas mulheres que desejavam e que motivaram o assassinato do pai. Desta forma os homens primitivos elegem o incesto como algo interdito e isso garantiria a permanência da espécie.

Embora o desejo de se livrar do pai primitivo tenha sido tão contundente a ponto de levarem a cabo seu assassinato, surgem sentimentos ambivalentes em relação ao pai, que era tirânico, opressor e cruel. Isso era sentido por todos na própria carne, quando eram expulsos da horda ficando a mercê da própria sorte ou permanecendo na horda como trabalhadores auxiliares podados de sua virilidade.

Entretanto, a admiração pela sabedoria de conseguir dominar um mundo adverso pela força de manter uma estrutura social que garantisse a existência da horda, pelo poder de ter o acesso às mulheres, só é descoberta após seu assassinato. Assim, o desejo de serem como o pai primitivo origina a identificação com ele e é representada pela ingestão de seu corpo..

Com a admiração percebida, e com o assassinato do pai já cometido, a culpa se instaura no homem. Freud (1913) diz:

Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalcada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez na forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo. (p.146)

Desta forma, imbuídos pela culpa, os filhos elegem um totem, um substituto do pai, o que fora interdito por ele em sua presença real, continuou interdito, mas agora em um interdito consensual realizado pelos próprios filhos. O substituto do pai funda-se no consenso de proibir o acesso a algumas mulheres, ou seja, o incesto. O sistema totêmico torna-se uma reconciliação com o pai assassinado, pacto este que reza a proibição do ato que causara o aniquilamento do pai real, e a manutenção de uma promessa de proteção, cuidado e indulgência. Assim, Freud diz que “a sociedade estava agora baseada na cumplicidade do crime comum”, e na culpa por este crime; originando uma moralidade que “fundamenta-se em parte nas exigências dessa sociedade e parte na penitência exigida pelo sentimento de culpa”.

Em “Totem e tabu”, Freud (1913) utiliza-se da construção do assassinato do pai da horda para, em analogia, tratar das neuroses e das relações dos neuróticos com seus pais.

Entretanto, no manuscrito descoberto “Neurose de transferência uma síntese” Freud faz claras afirmações a respeito de um tema que tem provocado insônia em muitos psicanalistas, e que se refere à filogenética.

Não restam dúvidas, conforme entendemos tal manuscrito, que Freud considera vivamente características filogenéticas no desenvolvimento psíquico do humano, características estas que encontram suas bases na era glacial. As diversas formas de constituição psíquica que Freud aponta como ocasionadas em diferentes pontos de fixação na história do indivíduo são nesse texto apresentadas, além de pertencentes à história de cada um, como uma lembrança de uma parte do desenvolvimento filogenético da espécie humana.

Assim a histeria de angústia, a histeria de conversão, a neurose obsessiva, a demência precoce, a paranoia e a melancolia-mania, teriam sua etiologia na história individual, mas também representariam uma lembrança da história da espécie humana.

O meio amistoso que proporcionava toda e qualquer satisfação se torna hostil, coberto por uma imensa crosta de gelo, provocando um retorno da libido, antes destinada aos objetos abundantes, para o eu, ocasionando a angústia. Em relação à filogênese contida neste argumento Freud (1915) diz:

Temos sustentado uma longa discussão a respeito de qual é a primeira: a angústia real ou a angústia nostálgica. Se a criança transforma sua libido em angústia real, é porque para ela sua libido é demasiadamente grande, perigosa, chegando assim à representação do perigo; ou, ao contrário, cede a uma angústia de natureza mais geral e por esta aprende a temer sua libido insatisfeita.

E continua:

[...] Contudo, a consideração filogenética parece reconciliar esta discussão em favor da angústia real e faz-nos supor que uma parcela das crianças traz consigo aquele temor primitivo da era glacial, o que agora induz tratar a libido insatisfeita como perigo externo. O excesso relativo de libido proviria da mesma base, possibilitando novas aquisições à angústia. Pelo menos, a discussão sobre a histeria de angústia falaria a favor da preponderância da disposição filogenética sobre todos os demais fatores. (p. 75)

Em relação à histeria de conversão também está proposto no manuscrito uma origem filogênica, e estaria relacionada ao momento em que o homem restringe sua atividade sexual com o intuito de diminuir a natalidade e assegurar a vida frente aos poucos recursos alimentícios que o mundo congelado oferecia. Nas palavras de Freud (1915):

Sob a influência das proibições regridem para a histeria de conversão os que estiverem com essa disposição, especialmente a mulher. Essas proibições pretendem desligar a função genital, enquanto impressões precoces, muito estimulantes, pressionam para a atividade genital. (p.76)

Em continuidade no texto, é a vez da neurose obsessiva encontrar suas bases no movimento seguinte do homem. Quando ele garante a vida aprendendo a poupar a libido diminuindo sua atividade sexual, ele se volta ao pensamento e a atividade mental. A relação parece indiscutível, mas Freud (1915) prossegue dizendo:

Ora, a neurose obsessiva repete as características desta fase da humanidade, uma parte da mesma de forma negativa já que a neurose, na configuração da formação de suas reações, também apresenta a resistência contra este retorno. São traços não modificados: acentuação exagerada do pensar; a energia gigantesca, retornando na compulsão; a onipotência do pensamento; a tendência para leis invioláveis. Porém, contra os impulsos brutais, os quais querem substituir a vida sexual, opõe-se a resistência de desenvolvimentos posteriores.

Estes partes do conflito libidinoso, paralisam a energia vital do indivíduo e consentem apenas naqueles restos de impulsos através da obsessividade, deslocados para insignificâncias. Assim como todo tipo grandioso do pai primitivo, que realmente sucumbiu nas relações familiares criadas por ele próprio, ressuscita depois como divindade, assim também sucumbe esse tipo

humano, o mais valioso para o desenvolvimento da cultura, em seu retorno, diante das exigências da vida sexual. (p. 77-78)

No tocante a demência precoce, Freud (1915) relata:

A demência precoce parece repetir este estado de coisas, e, principalmente, na forma hebefrênica, leva à desistência de qualquer objeto de amor, involução de todas as sublimações e volta ao auto-erotismo. O jovem comporta-se como se tivesse sofrido a castração; na verdade não são raras as autocastrações reais nesta afecção. Os outros aspectos da doença, como alterações da fala, os surtos alucinatórios, não devem ser referidos ao quadro filogenético, pois correspondem à tentativa de cura, aos diversos esforços para se recuperar o objeto, os quais, durante algum tempo, no quadro sintomático da doença, quase se destacam mais que os fenômenos da regressão. (p. 78)

O correspondente filogenético da demência precoce é claramente atribuído por Freud às consequências ocorridas com a segunda geração de filhos do pai primitivo. Aqueles que se mantinham na horda como trabalhadores auxiliares, mas podados de sua virilidade. No tocante aos filhos não podados em sua virilidade, mas expulsos da horda frente à ameaça que significavam ao pai, Freud diz ter possivelmente encontrado uma resposta filogenética às questões que lhe acometiam em 1905 quando escrevia “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Ele se questiona, nesse texto, sobre o que a homossexualidade teria de inato e sua resposta parece estar nesse manuscrito. Os filhos expulsos da horda, os não castrados, organizavam-se em grupos, a fim de manter a subsistência de todos, frente às adversidades do mundo, “tal convivência tinha de produzir os sentimentos sociais e podia estar edificada na base de satisfações homossexuais.” (FREUD, 1915, p.79)

Em continuidade Freud aponta que:

A paranoia recupera visivelmente as condições desta fase; melhor dito, a paranoia defende-se contra o retorno da mesma, na qual não faltam alianças

secretas e o perseguidor representa um magnífico papel. A paranoia tenta repelir a homossexualidade, que era a base desta fraternidade e, ao mesmo tempo, tem de expulsar da sociedade o acometido de homossexualidade e destruir suas sublimações sociais. (p.79)

A melancolia-mania, devido às suas características de oscilação entre depressão e euforia, teria, por sua vez, relações com a era primitiva do humano, entretanto com o evento que marca o fim da horda primitiva. A euforia pelo assassinato do pai primitivo é seguida pelo luto por sua morte; está posto, desta forma, a base filogenética da melancolia-mania. Nas palavras do próprio Freud (1915):

Assim, este grande acontecimento da história da humanidade, que pôs fim à horda primitiva e a substituiu pela fraternidade vitoriosa, daria origem às predisposições da peculiar sucessão de estado de ânimo que reconhecemos como particulares afecções narcisistas ao lado das parafrenias. O luto pelo pai primitivo emana da identificação com ele, e tal identificação provamos ser a condição do mecanismo da melancolia. (p. 80)

Dessa forma, Freud relaciona todas as afecções psíquicas, por ele denominadas de histeria de angústia, histeria de conversão, neurose obsessiva, demência precoce, paranoia e melancolia-mania, com um período particular da história da humanidade, em que o humano, frente às adversidades do meio externo, foi obrigado a encontrar meios que lhe possibilitassem a continuidade da vida.

Nesse período, o humano do homem primitivo sai do ovo, ou seja, sua inteligência inicia um processo de linguagem, em uma sistematização e controle do mundo novo que se apresentava hostil. Os homens primitivos passam a se organizar em hordas, todas elas tendo um líder, sábio, forte e brutal, que mantém com mãos de ferro a ordem social. Com isso, o pai primitivo impõe a lei da impossibilidade do acesso às mulheres; deste modo, lança o homem

primitivo àquilo que mais o fará humano: ao recalque de suas pulsões anteriormente saciadas pela regularidade sexual.

Não é possível, na dimensão deste trabalho, nos aprofundarmos nas tentadoras questões que Freud nos coloca acerca das afecções psíquicas e suas correlações filogenéticas vindas dos ancestrais primitivos da era glacial. Entretanto, o manuscrito de Freud deve ser considerado e suas questões, melhor dizendo, suas afirmações quanto a aspectos filogenéticos devem ser levadas em conta. Portanto, a posição que ocupa este trabalho pretende, naquilo que é possível, considerar tais questões.

Mesmo o próprio Freud (1915) nos adverte, nesse mesmo manuscrito perdido, que:

As coisas não se passam de maneira a que as constituições arcaicas retornem hoje em indivíduos, por exemplo, em proporções pré-estabelecidas, empurrando-os para a neurose através do conflito com as exigências atuais. Contudo, não alcançamos um ponto final; antes, estamos no princípio de uma compreensão destes fatores filogenéticos. (p. 82)

Entretanto, o que se percebe é que não houve avanços nos estudos dos fatores filogenéticos na base etiológica das afecções psíquicas. Ao contrário, os psicanalistas pareceram ter negado esta possibilidade, que se apresenta como angustiante; não há dúvidas, entretanto: para além das angústias oriundas desta possibilidade pode haver frutos.

4.1. Pai, diplomata do governo do Pai no estrangeiro mãe e filho

No capítulo anterior foi apresentado o texto freudiano datado de 1915 e denominado: “Neurose de transferência uma síntese”, discorreremos sobre as idéias nele contidas e as

relacionamos com outros textos freudianos. Nosso interesse se aproxima agora do objetivo principal de nosso trabalho, ou seja, a neurose obsessiva.

Se como psicanalistas trazemos em grande estima os textos freudianos, como psicopatólogos eles são de importância vital e não podemos, portanto, negligenciar o que Freud nos diz claramente em seu manuscrito descoberto, mas também sutilmente em toda sua obra, que nós humanos trazemos conosco uma espécie de memória filogenética, sob o risco de negligenciar uma parte importante do seu pensamento.

O argumento contido em “Neurose de transferência uma síntese” (1915) nos mostra que o que hoje são neuroses foram, anteriormente, durante a era glacial, recursos encontrados pela humanidade para assegurar a sobrevivência frente ao mundo escasso de recursos. Em outras palavras, o que o que nos acomete ontogeneticamente encontra suas bases na filogênese do humano. Desta forma, na história filogenética da humanidade encontraríamos os princípios daquilo que ontogeneticamente acomete os seres humanos como neuroses.

Então, se ontogeneticamente uma pessoa adoece de uma neurose obsessiva encontramos resquícios filogenéticos de seu padecer em um período muito particular da história humana, onde aspectos da obsessividade imperaram como atributos importantes à manutenção da vida. Deste modo a obsessividade se distingue da neurose obsessiva, e é dessa distinção que este texto pretende se ocupar.

O período obsessivo da humanidade é para Freud um momento de iluminação, momento em que o humano, por meio de seus próprios atributos, passa a desenvolver um modo de entendimento do mundo que, pela era glacial, se apresenta inóspito. É o período das pesquisas, do desenvolvimento do pensamento, da criatividade em seu pleno esplendor. A

riqueza deste período relaciona-se com a aquisição da capacidade interpretativa, pois o humano passa a compreender o mundo hostil a sua volta através de seu próprio eu.

Juntamente com o poder interpretativo recém-adquirido estão os princípios de uma linguagem incipiente. Pensar, criar, agir e transformar estas são magníficas invenções do humano durante sua fase obsessiva, mas de nada valeriam se juntamente com elas o humano não desenvolvesse a capacidade de recordar e transmitir suas novas experiências. Passa a existir, então, um encadeamento uma sequência um tanto mais lógica, um esquema que se torna o princípio e a base de uma linguagem.

De outro modo a neurose obsessiva, manifestação psicopatológica que acomete ontogeneticamente o humano, é a trágica empobrecida repetição deste momento fecundo. Se a fase obsessiva possibilitou ao homem sua inserção e adaptação ao mundo novo que se lhe apresentava, a neurose obsessiva caracteriza-se justamente por uma evitação, que pode ser entendida como um apelo. Lembremo-nos que Freud diz, tanto no manuscrito perdido como em *Totem e tabu*, que havia uma figura sob a qual se organizava uma determinada forma de estrutura social, é o pai da horda que garante a sobrevivência de todos e cobra-lhes por isso o preço da proibição ao acesso do objeto sexual. É por seguir o caminho do desejo sexual oprimido que os filhos se voltam contra o pai, assassinando-o e pondo fim à horda primitiva.

Até a descoberta deste manuscrito de Freud nunca publicado a imagem que tínhamos do pai primitivo era somente aquela contida em “Totem e tabu” (1913), ou seja, o pai primitivo era um ser odioso e desprezível, que subjuguava os membros da horda unicamente pelo seu prazer exclusivo de gozar de todas as mulheres, além de um componente sádico de gozar de seu poder, de sua força e de seu domínio sobre todos.

O manuscrito perdido descreve que uma imensa crosta de gelo congela a superfície da terra, congelando também um pouco essa imagem do pai primitivo que tínhamos. O pai do mito não é sádico, é sábio. O gelo representa no mito o perigo eminente da extinção da espécie humana; o pai do mito é aquele que desenvolve um sistema que garante o advir da espécie, portanto é admirado e admirável; o pai do mito protege os membros dos perigos e das incertezas do mundo hostil, transmitindo, além disso, um modo de subsistência, ele ensina, portanto é também amado e amável. Entretanto, o pai do mito ainda se assenhoreava do direito de gozar de todas as mulheres e por isso apresentava uma face odiosa. Freud, no manuscrito perdido relata que:

É possível que a natureza desconsiderada, ciumenta e egoísta, que as ponderações da psicologia popular atribuem ao pai primitivo da horda humana não existisse desde o começo, senão que, adaptando-se às necessidades, moldaram-se no percurso dos difíceis tempos glaciais. (p. 76)

Percebe-se, então, que a figura do pai primitivo ganha em complexidade, e também em ambivalência, diante desta perspectiva de um pai admirável e amado compreendemos mais facilmente a culpa e o remorso sentido pelos praticantes de seu assassinato. Os filhos, ao matá-lo, livram-se de uma figura que lhes impossibilitava o prazer, mas também matam sua sabedoria, sua proteção, ficando à mercê de sua própria sorte.

É este o pai conclamado pela neurose obsessiva, o pai convocado a todo instante a exercer seu pleno poder e saber é o pai primitivo, este pai todo poderoso que se inscreve no imaginário com sua total onipotência e onipresença. Refere-se ao pai imaginário, ao pai que

se insere na fusão mãe fálica – filho falo, é o pai que rompe o primeiro tempo do Édipo² e se instaura como um terceiro, como o objeto de desejo da mãe.

O pai imaginário é aquele que se articula na dinâmica do ser, não ainda na dinâmica do ter, o pai imaginário é fora da castração, isto porque a própria criança é ela mesma situada fora da castração. A díade mãe fálica – filho falo corresponde ao filho ser colocado, diante do desejo da mãe, como aquilo que lhe completa, neste sentido como o falo de uma mãe inserida ela própria na castração. Joël Dor (2011) neste sentido comenta:

Como o falo não está lá onde se o deveria supor, a criança, neste limiar do Édipo, mantém uma relação com o falo aparentemente estranha à castração, já que ela é, ela própria, o objeto fálico. Ora, semelhante objeto, em sua essência, é precisamente o objeto imaginário da castração. Resulta daí que a identificação fálica da criança é uma identificação estritamente imaginária. Nada há de se surpreendente no fato de que esta identificação fálica, que só imaginariamente subtrai a criança à castração, a convoque de volta a ela. (p. 44-45)

Estando, então, a criança situada numa posição estranha à castração, ou seja, de uma posição fálica imaginária, entendemos que a castração apenas pode inicialmente intervir de uma posição também estranha à castração, assim sendo aquele que se insere nesta posição imaginária não pode intervir de outra forma que não também imaginária. A presença da figura do pai real, sendo ela um objeto que vagarosamente a criança percebe como objeto para o qual se volta o desejo materno, assume um posicionamento imaginário introduzindo nela uma

² Uma descrição mais aprofundada da divisão lacaniana do Édipo em três tempos pode ser consultada em BLEICHMAR, H. “Introdução ao estudo das perversões”. De modo sucinto o primeiro tempo relaciona-se a formação mãe fálica – filho falo, momento fusional onde a criança é posta no lugar de falo da mãe, portanto é, ela própria, de modo imaginário, o falo. Trata-se de uma dinâmica do ser, ser o falo. O segundo tempo é o surgimento de um terceiro que incide um corte nesta relação, corte imaginário que pode, ou não, iniciar de modo simbólico uma função, trata-se no início ainda da dimensão do ser, mas que por seu turno desloca-se para a dimensão do ter. Dimensão esta que culmina com o terceiro tempo do Édipo onde o ter toma o lugar do ser, a criança não é mais o falo, tampouco o pai (como no segundo tempo), o falo não se é, se têm diante de uma conjuntura de fatores momentâneos e articulados.

incerteza em relação ao seu desejo, na medida em que abala sua anterior certeza do desejo da mãe. Inicia-se, assim, uma função, mais precisamente a função paterna que trataremos em seguida.

Portanto, o pai imaginário é aquele que separa a díade mãe fálica – filho falo colocando-se na figura do pai real como objeto de desejo da mãe, objeto que põe em dúvida a certeza da criança em ser ela própria o falo. Reforçamos que isso se dá no referencial do ser o falo e não ter o falo, questão que será retomada no terceiro tempo do Édipo. Diz Joël Dor (2011):

É, pois essencial na qualidade de pai imaginário que a criança vai perceber daí por diante este intruso que detém o direito, que priva, interdita e frustra: ou seja, as três formas de investimento que contribuem para mediatizar a relação fusional da criança com a mãe. (p. 46)

Sendo o pai imaginário pressentido com objeto rival, pois é aquele sob o qual se inclinará o desejo materno, a criança passa a viver imaginariamente a presença paterna sob o aspecto de um tirano totalitário que incita a criança a se questionar sobre ser o objeto de desejo da mãe, e também sobre o seu próprio desejo uma vez que ela, a criança, se vê impossibilitada de ser este objeto. Sendo assim, o falo é, no imaginário da criança, em um primeiro momento ela mesma, em um segundo momento o pai, entendemos, pois, que o pai imaginário é o pai fálico e, se fálico, fora da castração.

Um pai tirano, que frustra o desejo impossibilitando o acesso ao objeto fonte de satisfação, um pai que é, ele mesmo, aquilo que se deseja ser, por ser o que completa o Outro, e ainda um pai que sabe lidar com o desejo do Outro, é o pai imaginário. Podemos dizer, imaginariamente, o pai da horda, ou seja, o pai mítico. O pai da realidade, o pai de cada um de

nós, os pais de depois da horda primeva são meras sombras pequeninas do pai do imaginário, pois também se inserem como filhos do pai primitivo. O Pai nasce e morre com o mito.

Serge Leclair (1992) em seu livro denominado “O corpo erógeno”, mais precisamente no capítulo “Sobre a função do pai”, trata exatamente da distinção entre a figura do pai e a função paterna. Neste sentido comenta algo que nos pode ser útil para entendermos a humanidade do pai, o que chamamos de sombra pequenina do pai primitivo.

Ora, presidindo a organização libidinal, presidindo a esta constituição do corpo erógeno, temos evidentemente os chamados genitores, ou seja, o casal formado por um indivíduo mais ou menos macho e um indivíduo mais ou menos fêmea, mas que, biologicamente, são caracterizados um como macho e um como fêmea, para que cumpram a função biológica de reprodução que contribui para a preservação da espécie, para a autoconservação da vida.

Porém, caso levarmos em conta o que afirmei quanto ao corpo, à reprodução dos corpos, devemos considerar que os genitores estão constituídos do mesmo modo e que não funcionam com uma alma, mas também com um corpo erógeno, e que a operação de reprodução deve também ser considerada como a geração, geração da qual participam seus próprios corpos erógenos, isto é, clínica e praticamente, os diferentes modos de organização de cada um dos pais, ou seja, seus modos de defesa, seus modos de recalque, suas próprias neuroses, suas próprias organizações neuróticas, psicóticas, perversas etc. tudo isto está presente de modo ativo na concepção e, depois, na geração do corpo erógeno da criança, assim como nas relações libidinais entre os genitores, inclusive na posição que assumem diante do problema da reprodução e da geração: defesa, temor, exaltação desta função, desconhecimento ou exaltação da própria função erógena, ou seja, de toda a vertente libidinal. (p. 33 – 34)

O pai real, o pai de depois da horda, é tão filho quanto os filhos dos quais se torna pai, isto porque ele é também um indivíduo dotado de uma erótica, possuidor de um corpo clivado entre o biológico e o erógeno, ou seja, é um indivíduo também perpassado pela castração.

Perpassado pela castração significa ter executado o deslizamento entre o ser e o ter, deslizamento este que recorta e abre a possibilidade para uma erótica do desejo.

Percebe-se, então, que desta equação entre o pai real, que vagarosamente toma para si o desejo da mãe, e do pai imaginário que se inscreve como sendo aquilo que a mãe deseja, surge uma função simbólica que se ocorre a contento promove o deslizamento da posição do ser para o do ter, culminando, assim, no terceiro tempo edípico, mais uma vez é nas palavras de Joël Dor (2011) que isso se torna mais facilmente compreensível:

Com este novo deslocamento do objeto fálico vai se inaugurar o tempo decisivo do complexo de Édipo, no qual a instância paterna vai se desfazer de seus ouropéis imaginários para advir ao lugar de pai simbólico, isto é, um lugar no qual ele será investido como aquele que tem o falo. (p. 48)

O pai simbólico, portanto, é a instância que advém como uma função desta articulação; é a representação simbólica de todas as vicissitudes que podem ocorrer deste deslizamento, que é próprio ao falo, da alteração, da passagem de uma posição do ser para uma posição do ter. Uma das vicissitudes que pode daí surgir é a função paterna que culmina com a instauração do significante Nome-do-pai, ou seja, a lei de proibição do incesto. Outra vicissitude que pode daí surgir é a forclusão do Nome-do-pai, função própria dos mecanismos que regem a articulação de uma estrutura psicótica, também na perversão há uma negatização da função paterna, ou seja, nega-se sua função simbólica de se instaurar como representante de uma lei.

Tentamos dizer que pai simbólico é aquilo que articula uma função, sendo a função paterna uma de suas possibilidades. A função paterna trata de atuar simbolicamente naquilo

em que o pai primitivo se faz constantemente presente, ou seja, a função paterna, talvez sua maior herança, é a proibição ao incesto representada pela castração.

Para além de uma proibição, a castração exercida pela função paterna engendra uma clivagem, uma divisão que se representa por algo da ordem de uma abertura. Clivagem, pois incide entre o erógeno e o biológico, ou seja, a função paterna distingue o erógeno do biológico. Trata-se também de uma abertura justamente por esta mesma divisão, distinguindo o biológico de outra coisa cria-se a abertura para a existência desta outra coisa, coisa esta entendida como a instauração de uma erótica, de um corpo erógeno e, portanto, desejante.

A erótica, melhor dito, a concepção de um corpo erógeno é possível graças à abertura que a função paterna exerce como corte. Caso contrário não existiria a distinção do singular, do um frente à universalidade. Novamente Leclaire (1992) elucida:

É a função paterna que assegura de uma maneira concreta a articulação entre este universal e este singular, que assegura a clivagem entre o corpo biológico e o corpo erógeno – a clivagem, ou seja, determinado modo de articulação a partir de uma mesma superfície, de um mesmo conjunto de pontos, todos os pontos desta superfície entrando simultaneamente em um sistema biológico ou em um sistema erógeno (aliás, é ao mesmo tempo e não alternativamente) – sendo que é preciso que haja, de alguma forma, uma clivagem, isto é, que o sistema erógeno esteja de um lado e o sistema biológico, de outro. Quando não há clivagem, ocorre algo da ordem da loucura. (p. 39 – 40)

A presença do erógeno é, portanto, possibilitada pela distinção do singular em relação ao todo, é o recorte do individual, é o que lhe possibilita ser um. Assim, a função paterna trata de retirar o indivíduo da comunhão da universalidade e lançá-lo numa posição desejante, trata-se da falta que libidinisa um corpo o tornando um corpo erógeno.

Compreende-se, desta forma, todos os desígnios que envolvem, em psicanálise, o termo pai. Trata-se, portanto, de uma série de articulações de fundamental importância na constituição psíquica de um indivíduo, tratando-se, pois, de articulações bem podem ser exercidas por outro que não o homem progenitor. O homem enquanto pai deve como afortunadamente comenta Joël Dor (2011), “dar provas, num dado momento, de que possui aquilo de que todo homem é desprovido. O pai, enquanto homem, jamais pode dar outra prova senão dar aquilo de que é desprovido”. (p. 32)

Dor (2011) apresenta uma metáfora muito interessante acerca do pai encarnado, Diz ele:

No máximo, eles aparecem como diplomatas, até mesmo, de um modo mais geral, como embaixadores comuns. No sentido habitual do termo, o embaixador representa seu governo junto ao estrangeiro, a fim de assumir a função de ali negociar todas as operações entre eles. Não poderia haver uma definição mais adequada no que diz respeito aos pais, compreendidos na sua realidade e história. Aproximando-nos da metáfora, designemos então o pai, no real de sua encarnação, como devendo representar o governo do pai simbólico, encarregado por ele de assumir a delegação desta autoridade junto à comunidade estrangeira mãe – filho. (p. 12)

Uma vez realizado este percurso diante das nuances que revestem o pai, podemos adentrar no modo como a neurose obsessiva se relaciona com esta figura encarnada e com seus avatares do real, do simbólico e do imaginário. Anteriormente foi dito que a função paterna se inicia com a percepção da criança de que o desejo materno se volta para outro objeto que não mais ele próprio, na neurose obsessiva surge daí uma espécie de vacância, de espaço vago a ser preenchido.

Isso se dá par e passo a uma sensação que o neurótico obsessivo carrega de ter sido demasiadamente amado por sua mãe. A neurose obsessiva reivindica, de certo modo, seu lugar de objeto privilegiado frente ao amor materno, entretanto, nesta mesma reivindicação a neurose obsessiva autoriza e testemunha um investimento fálico operado sobre ele. Dito de outra forma, no ato de reivindicar tal lugar a criança anteriormente já se viu as voltas com a constatação de haver a existência de um lugar que não se encerra com ela. Reivindicando tal lugar o neurótico obsessivo carrega uma nostalgia do ser, de ter sido o objeto de desejo da mãe, isso se dá atrelado a uma espécie de vacância percebida no desejo materno voltado ao pai, disso decorre uma possibilidade de suplência de satisfação do desejo materno.

Parece, então que a neurose obsessiva executa com maestria a leitura ambivalente do desejo materno. Percebendo este buraco na satisfação do desejo da mãe, a criança se impõe à necessidade de supri-la. Paralelamente, se há desejo na mãe há de todo modo a investidura do pai simbólico convocando a criança à castração, mas a criança percebe, também, a insatisfação do desejo materno o que se constitui como um apelo, uma possibilidade convertida em necessidade, de um ato regressivo à manutenção de sua identificação fálica.

Aí repousa o gozo do neurótico obsessivo, gozo porque ele ocupa o lugar de objeto de gozo do Outro. Entretanto, a necessidade de ocupar esta vacância no desejo materno o distancia da demanda do próprio desejo, isto é, se a necessidade está implicada no ser fecha-se a porta para o ter, o que significa fechar a porta para o desejo. A anulação do desejo do neurótico obsessivo evita o choque com a castração na medida em que surge a servidão, colocando-se na vacância do desejo do Outro, anula-se o próprio desejo e o neurótico obsessivo se instaura como instrumento a serviço do desejo do Outro.

Entretanto, neste processo está colocada outra dimensão da neurose obsessiva que é o controle e a anulação do Outro, a neurose obsessiva instituindo-se como a satisfação do desejo do outro o anula naquilo que lhe é próprio ao desejo. A neurose obsessiva aprisiona o outro o impedindo de desejar outra coisa que não ele, para tanto o controle se instaura como algo que impede que o Outro lhe escape. Controlando o desejo do outro, o neurótico obsessivo pode se colocar como suplente da satisfação deste desejo. É um aprisionamento em uma gaiola de ouro, seria como se neurótico obsessivo dissesse: Você não precisa desejar, pois estou aqui para ser o que lhe basta, ou então se necessário for desejar, deseje apenas na medida em que eu lhe supra.

Deste modo, o recalque na neurose obsessiva se dá em relação ao próprio desejo, e não ao objeto. Não se é permitido desejar, uma vez que desejar significa acatar a falta, pois se deseja sempre aquilo que não se tem. Se a neurose obsessiva seguir os desígnios do próprio desejo lhe é impossibilitado assumir o lugar de suplente do desejo materno, portanto executa a neurose obsessiva uma cisão do amor, entendido como uma demanda do desejo, em relação à do objeto, entendido como um buraco a ser preenchido. Neste sentido acrescenta Alfredo Jerusalinsky (2003):

Pois bem, qual é o destino do recalque no neurótico obsessivo? Aqui temos uma questão interessante, o que é recalcado no neurótico obsessivo não é o objeto, de modo algum, não é a história. Ele lembra, não é o trauma o esquecido. Diferentemente do que acontece com a histeria, o recalque se aplica sobre o amor. O histérico é um escravo das paixões, e todo mundo sabe que o obsessivo faz questão de demonstrar que as paixões não o escravizam, que ele não sente absolutamente nada, que ele é objetivo.

Quer dizer que, se aquilo que aparece recalcado na histeria é da ordem de um saber sobre o objeto, na neurose obsessiva o que aparece é sob a forma de um recalque do desejo. A aspiração, o ideal do neurótico obsessivo é não desejar nada, não ficar a mercê de sua paixão. Justamente para não desejar nada é que não tem que

faltar nada, então, é por isso que ele anda na perseguição do preenchimento de todos os lugares. (p. 20 -21)

“Ele lembra, não é o trauma o esquecido”, nos diz Jerusalinsky, deste modo entendemos que a castração se faz presente, entretanto a cisão que se opera entre o amor e o objeto se dá marcada por uma cisão entre o pai imaginário e o pai real. Assim, o neurótico obsessivo ao mesmo tempo em que reconhece a ambivalência do desejo materno ele reconhece também o fracasso do pai, no sentido de que se há um buraco, uma ferida no desejo da mãe, também o pai é incapaz de supri-la.

A necessidade de suprir tal ferida se faz, então, como diz Charles Melman (2004), através de uma foraclusão da castração, não se tratando de modo algum de uma foraclusão do nome – do – pai, tampouco de uma negatificação do pai, mas antes da falta inerente ao pai. No dizer de Charles Melman (2004):

Lacan diz, em um de seus seminários, que o obsessivo é vítima de uma foraclusão da castração. Isso, devo dizer, é enigmático, porque a foraclusão só pode dizer respeito a um significante. E qual poderia ser o significante próprio da castração? Porque se cada significante é o símbolo de uma ausência, pode-se dizer que cada significante é um agente da castração. Portanto, a respeito do obsessivo, Lacan, em todo caso, não fala nem de recalque, nem de renegação (desmentido), nem de denegação, ou seja, de todos os processos neuróticos habituais. Primeiro, ele fala em foraclusão e, em seguida, de foraclusão da castração. Evidentemente que, **superficialmente**, poder-se-ia pensar então que não está longe da foraclusão do nome do pai e que haveria, portanto, uma certa relação entre a neurose obsessiva e a psicose. (p. 21)

Queremos enfatizar o caráter superficial, mencionado por Melman, de uma aproximação com a foraclusão do nome-do-pai. Aproximar a foraclusão da castração com a foraclusão do nome – do – pai, seria amputar da neurose obsessiva uma de suas principais

características, não é possível falar de forclusão do nome – do – pai considerando a culpa como algo preponderante. A neurose obsessiva reivindica seu lugar de objeto privilegiado frente ao desejo materno, para tanto se colocando de modo regressivo à manutenção de sua identificação fálica, isso não se dá livre da culpa de ocupar um lugar que não o seu, culpa de se saber infringir uma lei já conhecida e consagrada pela articulação do pai simbólico no que se refere ao interdito do incesto, culpa por matar o pai.

A culpa, na neurose obsessiva, é justamente o que atesta a inscrição da castração, a inscrição do significante nome-do-pai se deu, e o pai simbólico se constituiu. Ocupar o lugar de suplência no desejo materno é articulado na desarticulação entre o pai simbólico e o pai imaginário. Nesta cisão o pai simbólico é preterido em função do pai imaginário, a culpa se instaura desta desarticulação em relação ao pai simbólico, em relação ao pai imaginário o que se instaura é o ódio, isto porque em seu avatar de ser o falo o pai imaginário também se instaura numa lei odiosa e brutal. Novamente entendemos com DOR (2011) que:

A culpa vai então tornar-se a expressão mais direta desse privilégio quase incestuoso da criança quanto à castração. Fixado eroticamente na mãe, o obsessivo permanece continuamente cativo do temor da castração, o qual ele vai negociar, sintomaticamente, no terreno da perda. (p. 61)

O que acontece, portanto, é que o neurótico obsessivo se depara sempre com o pai imaginário grandioso que o impede de ocupar seu pretense lugar de objeto privilegiado. No constante encontro com este pai imaginário grandioso, o neurótico obsessivo lança-se numa rivalidade e numa competição em que sempre sai derrotado, pois é impossível destronar este pai fora da castração, entretanto, a manutenção desta impossibilidade lhe assegura não ser totalmente tragado no desejo materno, seu desejo e por isso seu temor concomitantemente. Em outras palavras, o neurótico obsessivo em suas relações está sempre procurando encontrar

o pai imaginário, o pai morto, para então desafiá-lo e sair sempre derrotado e, desta forma, encontrando a castração e se reconciliando com a culpa oriunda do assassinato do pai. Joël Dor (2011) mais uma vez elucidada:

Inversamente à histórica, quanto mais o mestre é insuportável ao obsessivo por ser suposto deter aquilo que ele cobiça, tanto mais este mestre lhe deve aparecer enquanto tal e assim permanecer. Se o obsessivo tem necessidade de um mestre, não se deve perder de vista que todas as estratégias de rivalidade e competição destinadas a desafia-lo surgem sempre apenas para melhor assegurar que este lugar é incontestável. Com efeito, é justamente porque o pai está em seu lugar que sua colocação à prova reiterada tem por objetivo assegurar-se da existência salvadora da castração, temperando, desta maneira, a erotização incestuosa com a mãe na qual o obsessivo está inconscientemente encerrado. (p. 62)

Percebe-se que a palavra de ordem, aquilo que impera na neurose obsessiva, é a ambivalência. Dissemos, anteriormente, que o neurótico obsessivo percebe com maestria a ambivalência do desejo materno, indo além, entende-se também, que o neurótico obsessivo compreende magistralmente o papel de diplomata que o homem pai encarna. E é, na embaixada familiar, com a figura do pai da realidade que se encenam todos os entraves que o neurótico obsessivo carrega com o pai simbólico e com o pai imaginário.

O ódio voltado à figura do pai se dá, segundo compreendemos, carregado de ambiguidades, ódio por ser ele a figura que traz a representação da lei, mas também ódio por não reconhecê-lo como a própria lei, por ser seu mero representante. Ódio pelo pai encarnado não ser, de fato, fora castração, ódio por ser morto e culpa por tê-lo assassinado. O neurótico obsessivo odeia o pai da realidade por perceber o engodo que sua figura representa, o pai da realidade se apresenta como sendo a lei, entretanto uma lei a qual ele mesmo esta submetido. Por outro lado o neurótico obsessivo implora pela existência desta lei e busca reencontrá-la, reinseri-la, ressuscitá-la e assim ressuscitar o pai.

Reafirmando a castração, a todo instante, o neurótico obsessivo obtura, ressuscita o pai enquanto lei. Assim, conforme foi dito no início do texto, a neurose obsessiva refere-se também a um apelo ao pai eterno. A neurose obsessiva parece trazer um ensinamento do pai primitivo, um ensinamento que o pai primitivo não ensina, mas o vive na própria carne, referente à face perigosa e destrutiva do desejo. O pai primitivo é aquele que segue sem interdito os desígnios do desejo, é senhor de todas as mulheres e subjulga todos os demais, e por isso é assassinado. O temor do neurótico obsessivo frente ao desejo pode encontrar suas raízes neste acontecimento com o pai primitivo, ou seja, seguir os desígnios do desejo conduz à morte.

A dúvida do neurótico obsessivo está posta nestes termos, por um lado ele percebe no pai a lei, por outro, por reconhecer o fracasso, ou seja, a morte do pai, ele questiona a mesma lei. ‘Ser ou não ser?’ esta é a questão insolúvel que Hamlet se faz, ser ou não ser a satisfação do desejo materno, este é o dilema insolúvel da neurose obsessiva. A questão imposta e que o neurótico obsessivo reluta em aceitar é, antes de tudo, é acatar e objeto de desejo, ou melhor, acatar o objeto causa do desejo, pois acatar este objeto causa é adentrar na erótica própria da sexualidade desejante. Para Charles Melman (2004):

Na medida em que o obsessivo não pode respeitar esta decisão primeira, que é a matriz de todas as outras decisões, ou seja, a renúncia ao objeto pequeno a, a secção, a separação dele, o obsessivo não pode mais tomar nenhuma decisão, já que não pode mais aceitar nenhuma iniciativa que significaria uma certa perda, uma certa renúncia. (p. 120)

Desdobra-se, também daí, a protelação e a insegurança da ação na neurose obsessiva. Seu saber é sempre insuficiente, pois a neurose obsessiva se faz temerosa de uma brecha, uma

brecha que traria consigo o lugar do buraco, da falta, do enigma do desejo do Outro, ou seja, buraco que atestaria a morte do pai, que viria, portanto, como um fantasma brutal cobrar-lhe de seu assassinato.

Seu saber sempre insuficiente retira-lhe de uma posição de poder, o que pode ser entendido como uma negação a sua virilidade, para o neurótico obsessivo há espaço apenas para que um se constitua como viril, restando aos outros, inclusive e, sobretudo a si mesmo, uma passagem para o lado feminino numa tentativa de escapar de uma ordem de descendência, de escapar deste um tirânico que é fora da castração³.

Manter-se na universalidade por meio da forclusão da castração, desautorizar o pai, rivalizando-se com ele, ser o objeto de satisfação do desejo da mãe, este é o intento da neurose obsessiva. Entendemos, pois, como um retorno ao estado de contato com a regularidade sexual, estado anterior à era glacial onde o mundo era um ambiente acolhedor de onde provinham todos os meios de satisfação.

Talvez seja radical em demasia, mas neurose obsessiva parece buscar o retorno a um estado não humano, estado anterior à horda primitiva e, conseqüentemente, um estado sem pai, ou melhor, estado universal e, portanto, natural. Entretanto, tal retorno é impossível, pois uma vez humano, por mais animal que o humano seja, é impossível à espécie um retorno ao pré-humano, ao animal. A era glacial traz consigo a separação irrevogável entre o humano e o animal, uma vez que impõe a necessidade de uma lei que funda uma cultura.

³ A isso se refere Lacan ao dizer que a mulher é não toda, isto é, não toda na castração uma vez que não funda uma linhagem, não funda porque não há do lado das mulheres o pelo menos um que escape à castração e origine uma ordem de descendência. Não há esta referência do ao menos um, condição simbólica da castração. Na versão feminina do universal, não há exceção, não há uma mulher toda. As mulheres não formam um conjunto, são contadas uma a uma porque não há exceção. Não existe A mulher; a mulher toda, plena, não existe. Voltaremos a tratar deste aspecto em capítulo posterior.

Tentamos tratar neste texto de uma ancestralidade, e relacionar a neurose obsessiva como uma vicissitude ontogenética de algo que filogeneticamente garantiu, e garante ainda, a continuidade da espécie, garantia posta na aparição de uma figura que impõe uma lei e um modo de subsistência. Figura do pai primitivo, figura estrangeira por ser mítica, mas que reveste o homem pai como representante, a exercer com muita, ou pouca, diplomacia sua lei e seu governo. De representar no estrangeiro do humano, nesta embaixada que se constitui como cultura, a lei que lhe fundamenta.

De outro modo, a obsessividade, conforme dissemos, está na base filogenética do desenvolvimento humano, e se volta, conforme diz Manoel Berlinck (2005), “para o entendimento e o controle do mundo hostil por meio do pensamento, da pesquisa, da linguagem e da criatividade técnica, é manifestação civilizadora [...]” (p. 09). Sendo assim encontramos também de modo ontogenético de outras formas que não apenas na neurose obsessiva, sua repetição empobrecida e trágica.

Entendemos que a neurose obsessiva utiliza os mesmos atributos da fase obsessiva, a ordem, o pensamento e a criatividade são convocados de modo extremo, mas não como atributos necessários a uma compreensão e domínio de um mundo inóspito, e sim como modos defensivos contra a assunção deste desejo que, quando manifestado, leva a morte do pai. O neurótico obsessivo defende-se de sua sexualidade, pois evitando a aparição de seu desejo, de modo regressivo, ele retorna ao domínio, mas também a proteção exercida pelo pai primitivo.

De acordo com o mito freudiano, devido à era glacial o humano perde o contato com a regularidade e com o objeto de satisfação sexual, desta forma, o humano desenvolve, também, a capacidade de orientar a libido para outros fins, encontrando outros destinos e objetos

distantes daqueles relacionados com o prazer sexual. A energia sexual represada encontra outras formas de vazão, encontra outros objetos de destino e, desta forma, se mantém circulante, entretanto isso não ocorre por uma defesa contra a mesma sexualidade, como na neurose obsessiva, mas antes como única possibilidade de manutenção do erotismo.

5. Freud, a psicanálise e o feminino

*Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria,
que o mundo masculino tudo me daria, do que eu quisesse ter.
Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara,
é a porção melhor que trago em mim agora,
é o que me faz viver.
Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe, quem dera,
ser o verão no apogeu da primavera
e só por ela ser.
Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória,
mudando como um Deus o curso da história,
por causa da mulher.
Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória,
mudando como um deus o curso da história
por causa da mulher.
(Gilberto Gil, Super-homem, a canção)*

O desenvolvimento da feminilidade e da masculinidade, durante muito tempo, não despertaram qualquer interesse do mundo científico ou reflexões mais aprofundadas do senso comum. O interesse sobre o assunto nasceu em Freud, juntamente com as descobertas propiciadas pela psicanálise nascente. Nos dias atuais é consenso, entre todas as ciências que estudam o desenvolvimento humano, que há diferenças no modo de subjetivação entre os sexos, o que implica a necessidade de aprofundamento nas questões do que atualmente é conhecido como gênero, mas nem sempre foi assim.

No desenvolvimento do pensamento psicanalítico, desde muito cedo, Freud atribuiu à sexualidade o ponto-chave no desenvolvimento psíquico humano, alegando que a sexualidade está presente desde o nascimento. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” Freud (1905) inicia sua elaboração sobre a maneira com que a sexualidade se desenvolve no ser humano. Nesse texto está descrito o corpo como fonte de prazer, e não somente as zonas genitais, isto é, o corpo é concebido como todo excitável desde o nascimento, havendo, de acordo com a fase de desenvolvimento, zonas mais ou menos excitáveis, sendo a adolescência a fase de desenvolvimento em que se concede aos genitais a primazia sobre todas as outras zonas erógenas.

Os primeiros questionamentos infantis relacionados à sexualidade se dão em dois sentidos: de onde vêm os bebês e as fantasias sobre a diferença anatômica entre meninos e meninas. São as respostas a estes questionamentos que permitem a Freud desenvolver as teorias sobre a inveja do pênis e o complexo de castração. No trabalho “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1908) Freud já aponta para uma fase de universalidade do pênis, e em relação às meninas diz ele:

O obstáculo que impede que ela descubra a existência de uma cavidade que acolhe o pênis é sua própria teoria de que sua mãe possui um pênis, como o homem. Não é difícil concluir que o malogro de seus esforços intelectuais o faz rejeitá-los e esquecê-los. Essas hesitações e dúvidas tornam-se, entretanto, o protótipo de todo seu trabalho intelectual posterior aplicado à solução de problemas, tendo esse primeiro fracasso um efeito cerceante sobre todo o futuro da criança. (p. 198)

Já nesse momento pode-se perceber a inclinação de Freud em designar a constituição da criança do sexo feminino sob o desígnio da falta e da inveja daquilo que anatomicamente lhe foi privado no nascimento, ou lhe foi tomado durante o desenvolvimento. A menina teria então no clitóris o equivalente ao pênis do menino. O menino também atribui ao clitóris o

valor de seu próprio órgão genital; o clitóris tanto para as meninas quanto para os meninos, seria um pênis em desenvolvimento. Evidencia-se, desta forma, a fase de universalidade do pênis, fase que posteriormente se significará na inveja dos genitais dos homens e do complexo de castração.

Em 1923, no escrito “A organização sexual infantil” Freud volta a tratar desse tema, e afirma novamente a fase de universalidade do falo dizendo que “ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é a primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (p. 158). Nesse momento Freud faz uma distinção entre pênis, órgão anatômico genital, e falo seu representante simbólico. Após essa fase de universalidade do falo, entra em jogo, com a diferença anatômica entre os sexos, o problema infantil da castração. Diz Freud (1923):

Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam o fato e acreditam que elas realmente, ainda assim, veem um pênis. Encobrem a contradição entre a observação e a preconcepção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco, e depois, lentamente, chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois. A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em si própria. (p. 159)

Nesse texto Freud propõe a ideia da castração ser entendida pelo menino como uma punição, isto é, “que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais – mulheres que, com toda a probabilidade, foram culpadas de impulsos inadmissíveis semelhantes ao seu próprio”. (p. 160). Percebe-se, já em cena, embora Freud ainda não mencionasse nenhuma distinção entre meninos e meninas, os elementos psíquicos envolvidos no complexo de Édipo. Parece que nesta altura de seu pensamento ainda estava

presente a ideia de que as crianças se ligariam afetivamente ao progenitor do sexo oposto, e veria no progenitor de seu mesmo sexo um rival que deveria ser combatido.

Em “A dissolução do complexo de Édipo”, texto de 1924, Freud começa a investigar mais profundamente essa questão, mas ainda não apresenta uma distinção do complexo de Édipo para o menino e a menina, o pressuposto de que a criança se ligaria ao progenitor do sexo oposto, encontrando no progenitor do mesmo sexo um rival, parece que ainda exercia um papel preponderante em seu pensamento.

Entretanto, nesse texto, Freud aponta que a castração está intimamente ligada ao complexo edípico, pois pelo investimento narcísico que o menino confere ao pênis e pela ameaça da castração, agora já confirmada pela diferença anatômica constatada entre meninos e meninas, o menino abdica de seu investimento edípico. No caso da menina o clitóris assume a função do órgão genital masculino, na esperança de que ele ainda irá se desenvolver tornando-se tão imponente quanto o pênis. Seguindo o pensamento freudiano, a menina crê que as mulheres possuem um pênis e somente em um momento posterior ela percebe que as mulheres não possuem e nem desenvolverão um pênis, e se percebem castradas desde sempre. Nas palavras de Freud (1924):

O complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, raramente vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai. A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza – ao longo de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho. (p. 198)

A distinção do complexo edípico começa a ganhar forma, pois fica claro que Freud tinha em mente que a ameaça da castração tiraria o menino de uma posição edípica ao passo

que a percepção das meninas de sua castração as lançariam para a trama edípica. Esse pensamento fica explicitamente exposto um ano após, em 1925, quando Freud publica um texto denominado: “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”. Nesse trabalho Freud diz que “enquanto nos meninos o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração”. (FREUD, S. 1925, p. 285).

Em “A sexualidade Feminina” (1931) Freud trata de maneira diferente o modo como se constitui a sexualidade na mulher. Ele aponta para um mesmo primeiro objeto de amor tanto para os meninos quanto para as meninas, sempre a mãe, fato que até então não havia sido elaborado de maneira efetiva, embora tenha sido tratado no texto de 1925. Indica também um duplo movimento libidinal que a menina deve realizar para encontrar uma sexualidade feminina normal: se, e apenas se, seguir o caminho de abdicar do investimento clitoriano, investimento este, segundo Freud, fálico, e investir a vagina como fonte de prazer; isto já havia sido tratado em textos anteriores, e no segundo movimento – este sim inovador – ela deveria desinvestir o primeiro objeto de amor, a mãe, para poder se apaixonar pelo pai, realizando assim a passagem para a posição feminina normal e heterossexual. Para tanto a menina deve, nas palavras de Freud: “reconhecer o fato de sua castração, e com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável”. (p. 237)

Freud apresenta três possibilidades de desenvolvimento de uma sexualidade na mulher: a do homossexualismo, que aconteceria quando a menina mantém a mãe investida como primeiro objeto de amor, repetindo, na fase adulta, a mesma escolha objetal; a negação da castração efetivada pelo complexo de masculinidade, isto é, a menina continuaria a investir o clitóris como fonte de prazer mantendo assim um posicionamento fálico e, a terceira, a que

conduziria a mulher a uma feminilidade normal, seria o duplo movimento libidinal: desinvestir o clitóris e investir a vagina, e trocar a mãe, como objeto de amor, pelo pai, conforme dito no parágrafo acima.

Portanto, a castração lança a menina ao complexo de Édipo, ao passo que para o menino o medo da castração, evidenciado pela diferença anatômica dos sexos, faz com que ele renuncie à mãe e finalize sua travessia edípica, se é que podemos dizer que há uma finalização. Com a percepção da própria castração, e também da castração materna, a menina entra no complexo de Édipo e volta-se para o pai, já que passa a reconhecê-lo como detentor do que lhe falta.

É de suma importância nesse texto a ênfase dada à fase pré-edípica, ou seja, a fase em que a menina permaneceria ligada à mãe, pois é a partir dessa relação que todas as outras encontrarão seus alicerces. Segundo Freud, nesse texto, o amor infantil está fadado ao desapontamento, pois por não se contentar com nada menos do que tudo, nunca obtém satisfação. E é na tentativa de satisfação que a libido abandona sua posição insatisfatória, a fim de descobrir outra nova. Entende-se que, no caso da menina, a catexia libidinal abandona o objeto mãe, pois não encontra nele satisfação absoluta, e se volta para o objeto pai na tentativa de obter sucesso em sua tentativa de satisfação.

Mesmo no desenrolar do pensamento psicanalítico, que abriu as portas para as reflexões sobre as implicações da sexualidade, demorou algum tempo para que questionamentos sobre o modo do indivíduo vivenciar o próprio sexo biológico entrassem em pauta e desdobrassem para as definições de identidade de gênero. Nos primeiros anos do desenvolvimento psicanalítico uma clara distinção entre sexo e gênero ainda não estava presente, segundo Ethel Person e Lionel Ovesey (1999) “historicamente há três formulações

psicanalíticas que tentaram dar conta das origens do gênero: os conceitos originais de Freud; uma primeira visão oposta colocada mais claramente por Horney e Jones; e, recentemente, uma nova teoria proposta por Stoller” (Person e Ovesey, 1999, p. 122-123).

A complexidade do tema fica clara em uma nota de rodapé acrescentada em 1915 aos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Nessa nota Freud (1905) tenta esclarecer os diferentes sentidos associados aos termos masculino e feminino, diz ele:

É indispensável deixar claro que os conceitos de “masculino” e “feminino”, cujo conteúdo parece tão ambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem pelo menos em três sentidos. Ora se empregam “masculino” e “feminino” no sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico, ora ainda no sentido sociológico. (p. 207)

Percebe-se, pela dificuldade de Freud tratar a questão, que abordar a sexualidade do humano apresenta-se como um tema de bastante complexidade, pois envolve variáveis que implicam diversos caminhos que, embora continuem a tratar da sexualidade, distanciam-se entre si. Isto se dá pelo fato de três grandes campos estarem presentes na constituição de um indivíduo. Todo homem, ou mulher, carrega em sua constituição influências sociais, biológicas e psíquicas. Estas três esferas do ser humano se entrelaçam criando uma constelação de possibilidades e fenômenos que nenhuma ciência isolada, ou em conjunto com outras, consegue abarcar em sua totalidade.

A construção freudiana aponta, de uma maneira não muito clara, para um estado masculino inicial, estado a partir do qual se constituirá, tanto para os meninos como para as meninas, após a descoberta infantil da ausência do pênis, a feminilidade. Isto é, a constituição psíquica se distinguiria entre masculino e feminino apenas após a constatação infantil de que algumas pessoas têm pênis e outras não. No trabalho denominado “Sobre as

teorias sexuais das crianças” (1908) Freud é claro em apontar uma fase de universalidade do falo, e em relação às meninas diz:

O obstáculo que impede que ela descubra a existência de uma cavidade que acolhe o pênis é sua própria teoria de que sua mãe possui um pênis, como o homem. Não é difícil concluir que o malogro de seus esforços intelectuais o faz rejeitá-los e esquecê-los. Essas hesitações e dúvidas tornam-se, entretanto, o protótipo de todo seu trabalho intelectual posterior aplicado à solução de problemas, tendo esse primeiro fracasso um efeito cerceante sobre todo o futuro da criança. (p. 198)

Existem aspectos intrigantes na construção freudiana, apontando para uma fase de universalidade do falo, fase onde meninos e meninas atribuem ao órgão masculino um caráter universal; após a descoberta de que não é assim, meninos passariam a tentar preservá-lo, e as meninas passariam a tentar obtê-lo. Percebendo a impossibilidade disso, as meninas desinvestiriam a mãe e se voltariam para o pai, neste desenrolar pode-se perceber um movimento ativo por parte das meninas, pois há um deslocamento do investimento objetal – da mãe para o pai. A atividade esteve muitas vezes relacionada, nos textos freudianos, à masculinidade, ao passo que a passividade esteve relacionada à feminilidade. Sendo, inicialmente, o órgão masculino o único a ser considerado tanto pelos meninos quanto pelas meninas, e havendo, no desenvolvimento da feminilidade, um movimento ativo de troca de objeto, pode-se pensar em um estado masculino anterior à descoberta da diferença anatômica entre os sexos e da aquisição da masculinidade e feminilidade.

Para Freud, as origens da constituição psíquica se dariam, inicialmente, de maneira correlata a ambos os sexos. Somente após a descoberta da diferença anatômica entre os sexos é que se iniciaria todo o processo de distinção e elaboração intrassubjetivas que desembocariam na distinção psíquica do que é ser homem ou mulher. Isto é, uma percepção real – a diferença anatômica – implicaria em uma distinção imaginária, uma imagem de

homem e outra de mulher, o que, por seu turno, demandaria ao indivíduo a necessidade de um posicionamento simbólico diante tanto da diferença anatômica quanto da distinção imaginária. Pensamos que a adoção de um posicionamento simbólico diante da diferença real e da distinção imaginária, lança o indivíduo a um posicionamento masculino ou feminino, com todas as suas infindáveis possibilidades e variações.

Desta forma percebemos se distanciar uma relação direta e simples entre corpo anatômico e posicionamento simbólico, ou seja, a maneira como o indivíduo se posicionará, diante da diferença anatômica entre os corpos e das questões imaginárias que daí possam surgir, não estão relacionadas de maneira inequívoca à anatomia de seu próprio corpo. Há uma enorme variedade de possibilidades que entram em cena neste processo de constituição subjetiva, e Freud chama a atenção para isso, lançando luz aos processos psíquicos que agem influenciando a adoção de um ou de outro posicionamento.

Apesar dos importantes avanços na compreensão dos processos psíquicos constituintes de uma posição masculina ou feminina, independentemente dos aparelhos sexuais de macho ou fêmea, Freud parte do posicionamento de uma ordenação sexual orientada pelo falo como base dos processos evolutivos da sexualidade humana. É em torno do falo que se constituirá tanto a masculinidade quanto a feminilidade. Para os meninos a angústia de castração estaria no cerne de um posicionamento masculino, ao passo que para as meninas a inveja do pênis seria central no desenvolvimento da feminilidade. Assim, pela presença ou pela ausência o pênis seria o cerne da sexualidade humana.

5.1. Outras psicanálises e o mesmo feminino

Contrariamente as ideias de Freud de que a masculinidade seria um estado natural, Horney e Jones, citados por Person e Ovesey (1999), postularam que a feminilidade precedia a fase fálica e era inata, tratando-a desta forma como primária. Horney questionava qual seria o motivo da troca, por parte das meninas, do objeto de investimento libidinal. Para Freud a ausência do pênis, na anatomia feminina, causava uma ferida narcísica que promoveria o desinvestimento materno e o investimento paterno, uma vez que a percepção da diferença anatômica coloca o pai como detentor do falo.

Horney, ao contrário, afirmava existir uma consciência genital do órgão feminino baseada em uma feminilidade inata. A troca de objeto de investimento não se dava com a intenção de conseguir do pai o pênis que a mãe lhe havia negado, mas sim por um movimento heterossexual. Portanto, a menina desejaria o pênis libidinalmente e não narcisicamente como diria Freud. Horney discordava de Freud sobre o motivo da troca de objeto de investimento; sobre a natureza da consciência genital, estando o desacordo, portanto, diretamente relacionado à gênese da inveja do pênis.

Suas ideias de uma feminilidade heterossexual inata eram baseadas em sua compreensão da origem das fantasias de violação; para ela, isso era devido a uma inata consciência da vagina, enquanto, para Freud, tais fantasias baseavam-se na universalidade do pênis, sendo o clitóris análogo ao órgão masculino. As fantasias de violação estariam, então, relacionadas à castração, isto é, para as meninas as fantasias de violação seriam formações psíquicas que explicariam o fato de não possuir o pênis; elas teriam sido violadas e castradas. Horney não desconsiderava a ideia freudiana de que as meninas teriam inveja do pênis;

apenas discordava de Freud nos caminhos que levavam a tal inveja. Segundo Person e Ovesey (1999):

Para Horney, a inveja do pênis não era a causa da menina se voltar para o pai, era o resultado de uma fuga defensiva dos desejos libidinais e edípicos. Deste modo, ela derrubou a base do argumento freudiano. Em essência, ela substituiu uma análise das relações objetais para o complexo de masculinidade nas mulheres por uma explicação baseada na inveja do pênis como um fato existencial da vida do sexo feminino. (p. 129)

Jones, por seu turno, também discordava de que a feminilidade teria seu processo de desenvolvimento iniciado com a descoberta da diferença anatômica entre meninos e meninas. Para esse autor a ligação erótica entre a menina e seu pai se originaria também em sua feminilidade inata, isto é, a partir dos estímulos internos emanados por uma constituição feminina inata. Percebe-se que para Jones o investimento da menina em direção ao objeto paterno não se dava na busca de sanar a ferida narcísica causada pela ausência do pênis, mas sim por um movimento de investimento libidinal.

A questão colocada nesse debate era tentar elucidar se uma mulher nasce ou se constrói, e que não foi suficientemente resolvida e silenciou-se no debate psicanalítico. Para Freud, a feminilidade seria um posicionamento que as meninas assumiriam quando da descoberta, crucial em seu desenvolvimento, de que não teria a posse de um pênis. Já para Horney e Jones haveria, na pequena portadora da vagina, uma feminilidade inata que se desenvolveria a partir de investimentos libidinais.

A resposta freudiana sobre a possibilidade de uma heterossexualidade inata, possibilidade que sustentava o pensamento de uma feminilidade primária proposta por Horney e Jones, já havia sido dada em 1905 em “Três ensaios sobre a teoria da feminilidade”, importante texto psicanalítico em que Freud afasta qualquer possibilidade de

heterossexualidade inata descrevendo os caminhos pulsionais que levam a uma escolha de objeto sexual. Freud demonstra que a pulsão não traz em si um objeto, sendo este produto de um desenvolvimento. Diz Freud (1905):

A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste. (p. 140)

Haveria no infante uma disposição à sexualidade, mas não um objeto pulsional estabelecido, isto é, a pulsão sexual estaria presente desde o nascimento, entretanto ela não estaria ligada a nenhum objeto. Desta forma Freud atribui uma bissexualidade natural, pois existiria, ao nascer, uma única pulsão que posteriormente se ligaria a um objeto masculino, feminino ou homossexual. Assim Freud invalida a possibilidade de uma heterossexualidade inata, distancia a sexualidade da genitalidade e afasta a ligação direta entre destino sexual e anatomia.

Distancia a sexualidade da genitalidade, pois nesse trabalho Freud apresenta sua elaboração sobre a maneira como a sexualidade se desenvolve no ser humano. Descreve igualmente o corpo como fonte de prazer e não somente as zonas genitais, isto é, o corpo é concebido como um todo excitável desde o nascimento, havendo, de acordo com a fase de desenvolvimento, zonas mais ou menos excitáveis, sendo a adolescência a fase de desenvolvimento em que se concebe aos genitais a primazia sobre todas as outras zonas erógenas. Portanto, a sexualidade não se restringe à genitalidade, ela abrange todo o corpo, inclusive, mas não só, os órgãos genitais.

É a partir do estudo dos invertidos⁴ que Freud inicia uma minuciosa observação acerca dos caminhos pulsionais que desembocam em uma escolha de objeto, ficando evidente a impossibilidade de existência de uma heterossexualidade inata, pois se há indivíduos que se ligam sexualmente a objetos do mesmo sexo, percebe-se que a escolha sexual não é intrínseca ao gênero o que validaria a hipótese de uma heterossexualidade inata.

Entretanto, quando Freud se debruça sobre os invertidos as questões se complicam ainda mais. Na sessão ‘A’ que trata da inversão, Freud se mostra pouco claro e desconfortável na utilização de certos termos. Ele trata da inversão em duas vertentes: pelo caráter inato e pela degeneração. No tocante à degeneração o autor a considera apenas quando: “(1) houver uma conjugação de muitos desvios graves em relação à norma; (2) a capacidade de funcionamento e de sobrevivência parecer em geral gravemente prejudicada” (Freud, 1905, p. 131). Perguntamos a que norma e a quais desvios Freud se refere?

Tornar-se homem, ou mulher, no sentido de identidade de gênero é, para Freud, um processo de aquisição subjetiva que independe de um aparelho sexual masculino ou feminino, "aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia”, dizia Freud (1933), em sua Conferência XXXIII, mas quando considera, no caso dos invertidos, um desvio em relação à norma, entendemos, então, que há certo caminho constitutivo da masculinidade ou da feminilidade a se seguir. Se a anatomia não assegura a masculinidade ou a feminilidade, ao menos parece servir de base para seu desenvolvimento.

No tocante ao caráter inato da inversão, seria válido “numa série de casos, enquanto noutros poderia ter-se originado de outra maneira” (Freud, 1905, p. 132). A inversão absoluta,

⁴ Inversão é o termo utilizado por Freud para classificar uma escolha de objeto homossexual.

aquela em que o objeto sexual necessariamente tem de ser do mesmo sexo, havendo aversão ao sexo oposto, traria consigo um caráter inato. Entretanto, Freud pondera afirmando que “a inversão pode ser eliminada pela sugestão hipnótica, o que seria assombroso numa característica inata” (Freud, 1905, p. 133). E prossegue:

Nem a hipótese de que a inversão é inata, nem tampouco a conjectura alternativa de que é adquirida explicam sua natureza. No primeiro caso, é preciso dizer o que há nela de inato, para que não se concorde com a explicação rudimentar de que a pessoa traz consigo, em caráter inato, o vínculo da pulsão sexual com determinado objeto sexual. No outro caso, cabe perguntar se as múltiplas influências acidentais bastariam para explicar a aquisição da inversão, sem a necessidade de que algo no indivíduo fosse ao encontro delas. A negação deste último fator, segundo nossas colocações anteriores, é inadmissível. (p. 133)

Percebe-se que Freud não se apresenta com sua clareza habitual, pois refuta que a inversão seja atribuída como um quadro degenerativo e totalmente inato. Contudo, alerta para a existência de algo no indivíduo que o impulsiona para a inversão, pois as influências acidentais não bastam à explicação. Vê-se que a teoria freudiana, no que se refere à constituição de um posicionamento subjetivo diante da diferença anatômica entre os sexos, conforme avança e se torna mais complexa, parece apresentar algumas lacunas e aspectos que possibilitam contradições.

Freud (1931) parte, em sua construção de masculino e feminino, como se apresentou anteriormente, de um posicionamento que parece estabelecer o masculino como origem, pois coloca o falo como ordenador, tanto da masculinidade quanto da feminilidade. Atribui, ainda, um movimento ativo de troca de objeto de investimento para se chegar à feminilidade – troca da mãe pelo pai – movimento ativo que foi relacionado à masculinidade. Em 1905, entretanto, apresenta a bissexualidade como sendo universal a todos os seres humanos. Como então podemos conceber a fase de universalidade do falo, fase em que há, tanto para meninos

quanto para meninas, a crença de que todas as pessoas possuem um pênis? Compreendemos que Freud diz de bissexualidade como algo em potência, isto é, como possibilidade da pulsão se ligar a objetos tanto masculinos como femininos, mas ainda assim parece contraditório que anterior a isso exista uma fase em que se pressupõe um só sexo.

Com a argumentação da bissexualidade, bem como a desvinculação inicial da pulsão sexual a um objeto, Freud (1905) inviabiliza qualquer possibilidade de vinculação de sexo anatômico com formas de sexualização, mas em 1931 parece dizer o contrário quando afirma que a sexualidade feminina normal será obtida somente com um desinvestimento do clitóris e um investimento da vagina, além de novamente ser necessário um movimento ativo de deslocamento do investimento. Nessa fórmula parece estar pressuposto que a anatomia feminina impõe uma determinação contrária ao que seria natural à pulsão. Se Freud propõe um desinvestimento de uma parte do corpo, e um investimento de outra, para a menina encontrar a feminilidade normal parece que a anatomia se impõe à constituição psíquica de uma forma de sexualização, ou, ainda, que no caso da menina o desenrolar natural da pulsão iria em direção contrária à sua anatomia.

Mesmo com a revolucionária afirmação freudiana de que a sexualidade não se restringe à genitalidade, seu modelo do desenvolvimento sexual infantil obedece a formações e caminhos distintos para homens e mulheres. O que Freud parece dizer é que para os meninos seu caminho em direção à masculinidade deveria obedecer a certas condições especiais, e para as meninas encontrarem a feminilidade também haveria caminhos distintos; entretanto, embora existam caminhos que conduzem à masculinidade e à feminilidade eles não estão garantidos simplesmente pela anatomia e assim, embora a anatomia crie caminhos para a sexualização ela não garante uma ou outra forma; parece ser este o pensamento freudiano que distingue anatomia de gênero.

Paulo Roberto Ceccarelli (1998) comenta que o modelo freudiano do masculino e do feminino, lacunar e fechado num sistema simétrico binário, reflete a dificuldade de Freud para falar destas noções. Diz ele que:

Por trás da atividade masculina, deparamo-nos com a passividade feminina; e o substrato de sintomas histéricos do obsessivo contém os mesmos conflitos desejo/angústia que Freud elucidou na histérica, o que nos obriga a repensar a pertinência do par masculino/ativo, feminino/passivo. Os rituais obsessivos de um menino, descritos por Freud numa nota de pé de página um pouco mais adiante neste mesmo texto⁵, podem então ser compreendidos como defesa contra o desejo de ser seduzido, logo de ser passivo. (p. 49 -56)

Esta afirmação de Ceccarelli parece vir na esteira de uma terceira teoria. A corrente defendida por Stoller coloca mais lenha à fogueira da discussão sobre identidade de gênero. Robert J. Stoller foi um psicanalista norte-americano que na década de 1970 escreveu uma obra bastante densa acerca dessas questões, colocando em xeque as teorias freudianas e propondo uma radical inversão. Freud apontava para uma teoria falocêntrica, pois é em torno do falo que se construirá tanto a masculinidade quanto a feminilidade. Estudiosos como Horney e Jones sinalizaram a tentativa de fazer do masculino e do feminino formas de constituições sexuais paralelas e independentes. Stoller, por sua vez, propõe uma total inversão do pensamento freudiano afirmando que a feminilidade seria o estado natural do humano.

Para esse autor, a relação objetal resulta da identificação e não do desejo, como evidencia Freud em sua construção, pois a ligação entre o infante e sua mãe é anterior à percepção de que a mãe lhe é externo a si. Para Stoler, portanto, a relação objetal entre o infante e sua mãe não pode emergir do desejo, mas sim de uma identificação primária, a qual

⁵ Ceccarelli baseia-se no texto freudiano intitulado: Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa, onde Freud relaciona masculino à atividade e feminino à feminilidade. Obras completas de Freud edição standard. Editora Imago 1996 Vol. III.

ele denominou de profeminilidade. Desta forma o problema do desinvestimento estaria colocado do lado do menino, uma vez que ele teria que se desidentificar da mãe para poder adquirir uma identidade masculina. Segundo apontam Person e Ovesey (1999), o conceito de desidentificação é creditado a Greenson que “teve a felicidade de perceber que o menino confundia o desejo de possuir a mãe com o de tornar-se a mãe” (p. 132).

Esta identificação originária do menino com sua mãe dificultaria a consolidação de uma identidade masculina, pois inicialmente o colocaria numa posição de identificação com a feminilidade. Com isso Stoller não refuta a concepção freudiana de que a mãe é o primeiro objeto de amor; o que ele propõe como profeminilidade relaciona-se a uma fase anterior, fase em que existe uma fusão entre mãe e infante, isto é, eles são um, um feminino, isso apresentando-se como um problema no desenvolvimento da masculinidade. Person e Ovesey (1999) comentam que:

[...] isso seria um problema especial, porque o menino deve tentar renunciar aos prazeres e à proximidade de segurança que a identificação com a pessoa de mãe confere, e deve formar uma identificação com o pai, que é menos acessível. (p. 133)

Diante disso, o percurso do menino em direção à masculinidade apresentaria dificuldades poupadas na menina, uma vez que sua identificação com a mãe a colocaria numa posição beneficiada para o encontro da feminilidade. Com esta teoria geral sobre os processos de aquisição de uma identidade de gênero, Stoller afirma que devido à fase inicial da profeminilidade, o desenvolvimento masculino seria mais complexo e isso deixaria o menino mais sujeito aos distúrbios de gênero. Neste sentido o caminho do menino rumo à masculinidade traria percalços a serem ultrapassados e o maior deles seria o processo de desidentificação com a mãe, e identificação com pai. Portanto, o processo de masculinização

exigiria um eterno esforço em sentido contrário à identificação primária, ou seja, a identificação materna.

Entendemos que uma identidade de gênero, isto é, o modo como uma pessoa vivencia seu próprio sexo biológico independe da anatomia, portanto, ser biologicamente um homem ou uma mulher não garante um posicionamento simbólico masculino ou feminino. Estamos de acordo com Freud no que se refere à distinção entre anatomia e sexualidade, mas não pensamos ser correta sua possível compreensão de que o masculino é um estado mais natural. Neste sentido acordamos com Horney e Jones que propõem masculino e feminino como construções paralelas, mas não concordamos, e aqui estamos com Freud, com a proposição de heterossexualidade inata. Tampouco concordamos com o que diz Stoller acerca da feminilidade natural devido à identificação com a figura materna, pois como apontam Person e Horney (1999) todo indivíduo deve se desidentificar da figura parental a fim de alcançar a própria autonomia, caso contrário seria a instauração de uma estrutura autística ou psicótica.

Apresentamos neste capítulo três vertentes distintas acerca dos processos psíquicos de aquisição de uma identidade de gênero, e todas as três apresentam aspectos contraditórios e insustentáveis. A primeira: as ideias originais de Freud, que tendem a tomar o masculino como ponto de origem, mas entra em conflito quando postula uma bissexualidade inata; a segunda: as ideias de Horney e Jones que pretendem avaliar a masculinidade e feminilidade como processos distintos, entretanto, seus argumentos se enfraquecem quando defendem uma heterossexualidade natural, e, por último as ideias de Stoller afirmando um estado de feminilidade inicial devido a uma identificação primária da criança, tanto do sexo masculino quanto feminino, com sua mãe.

5.2. Feminino, um Sintoma frente ao *pathos*?

O ensino freudiano nos mostra, de maneira contundente, que não há psiquismo sem recalque, pois o caminho desenvolvido pela psicanálise, do sintoma ao inconsciente, à pulsão e à sexualidade, a constituição psíquica se dá através da expressão dos conflitos entre o indivíduo e as pulsões que, por serem incompatíveis com a integridade ou com os padrões éticos do eu, e também da sociedade, tornam-se um desejo insatisfeito, ou seja, impedidos de se concretizarem, de se tornarem conscientes, portanto, sem a menor possibilidade de satisfação.

Esse desejo insatisfeito, não concretizado, faz com que a libido do indivíduo, não concretizada, ou que não se tornou consciente por ser impedida de se concretizar na realidade, procure encontrar outras saídas de satisfação no inconsciente, percorrendo, nessa tentativa, diversos caminhos, podendo regredir para fases anteriores ao desenvolvimento infantil e a atitudes anteriores para poder atingir a satisfação.

No inconsciente, além dos conteúdos que nunca se tornaram conscientes, e que por isso não são acessíveis à consciência, estão também conteúdos que foram excluídos da consciência, por meio da censura e, portanto, reprimido no inconsciente. Excluídos, pois são incompatíveis com a integridade ou com os padrões éticos do eu, e também da sociedade, este material não é esquecido ou perdido, mas não lhe é permitido ser lembrado. O pensamento ou a memória ainda afetam a consciência, mas apenas indiretamente. Há uma vivacidade e imediatismo no material inconsciente. Memórias muito antigas quando liberadas à consciência não perderam nada de sua força emocional. A maior parte da consciência é

inconsciente. Ali estão os principais determinantes da personalidade, as fontes da energia psíquica e as pulsões.

Essas maneiras que o inconsciente encontra para satisfazer os desejos reprimidos substituem comportamentos e sentimentos que são diretamente opostos ao desejo real; trata-se de uma contradição e, geralmente, é inconsciente do desejo real, isto é, o inconsciente encontra maneiras de satisfazer os desejos reprimidos muitas vezes de maneira contrária àquilo que o indivíduo aceita como seu próprio desejo.

O resultado destas forças contraditórias, de um lado os desejos inconscientes, e de outro os padrões éticos do eu e da sociedade, é um sintoma, uma produção que funciona como uma válvula de escape para uma satisfação sexual reprimida, para os desejos sexuais não concretizados, ou seja, uma substituição de algo que foi reprimido, que foi mantido inconsciente, impedido de transparecer, sendo evitado até mesmo que se reflita sobre ele; fazendo com que uma satisfação substituta repulsiva seja submetida a modificações, uma vez que o desejo reprimido não é totalmente censurado inconscientemente.

Esses sintomas são, geralmente, uma forma de satisfação de algum desejo sexual ou formas de reprimir que o desejo se concretize e, conseqüentemente, há uma formação de compromisso expressa entre o desejo e a defesa – o retorno da satisfação e a defesa contra ela mesma: o desejo insatisfeito que representa o reprimido e a força repressora que compartilhou de sua origem. É esse acordo entre as partes em luta que torna o sintoma tão resistente (Freud, 1916).

Em “O caminho das formações dos sintomas”, Freud (1916) esclarece que:

Pelo caminho indireto, via inconsciente e antigas fixações, a libido finalmente consegue achar sua saída até uma satisfação real – embora seja

uma satisfação extremamente restrita e que mal se reconhece como tal. (p. 363)

Na tentativa de se opor e burlar a repressão, o desejo sexual reprimido encontra as fixações necessárias nas experiências do início da vida sexual, que por ocorrerem numa época de desenvolvimento incompleto, identificado como o estado de desamparo e dependência absolutos – normalmente durante a infância e adolescência – podem ter efeitos traumáticos.

Segundo Freud (1916):

De algum modo, o sintoma repete essa forma infantil de satisfação, deformada pela censura que surge no conflito, via de regra transformada em uma sensação de sofrimento e mesclada com elementos provenientes da causa precipitante da doença. (p. 368)

Compreende-se, portanto, que o sintoma é produzido, inicialmente, como a substituição do desejo inconsciente. O trauma, gerado pela repressão, está na base do sintoma, entretanto só há trauma devido à repressão; sendo assim, para Freud, a repressão leva ao sintoma. Porém, a partir de dados da experiência clínica, ele conclui que o trauma é, na verdade, suposto ou deduzido, o que o leva ao abandono da teoria do trauma e à concepção da teoria da fantasia, em que o trauma é tido como parte da realidade psíquica do sujeito e fundamento da fantasia. O sintoma é, então, definido como a realização de uma fantasia de conteúdo sexual, ou seja, representa, na totalidade ou em parte, a atividade sexual do sujeito provinda das fontes das pulsões parciais, normais ou perversas.

Foi a partir das manifestações históricas que Freud pôde demonstrar que o sintoma tem um sentido, um sentido inconsciente, ou seja, o sintoma diz alguma coisa, mesmo que o indivíduo não perceba ou não saiba o porquê. E também serve como uma forma de concretizar seus desejos oprimidos, uma "satisfação real", reconhecida pelo indivíduo como

um sofrimento, por ser considerado geralmente algo repulsivo. O sintoma nada mais é que uma forma que o indivíduo encontra, inconscientemente, de satisfazer seus desejos sexuais oprimidos sendo também, de forma paradoxal, o seu sofrimento.

Essa satisfação real, reconhecida como sofrimento, é apontada por Lacan como a referência freudiana, na teoria do sintoma, ao real traumático, inapreensível, que escapa à decifração do sintoma e cujos indícios podemos encontrar na fantasia. Freud, ao buscar uma resposta para a questão de como o desejo sexual, oprimido e inconsciente, encontra uma forma “real” de satisfação pôde chegar a esses pontos de fixação, confirmando a importância da fantasia na formação dos sintomas:

Todos os objetos e tendências que a libido abandonou ainda não foram abandonados em todos os sentidos. Tais objetos e tendências, ou seus derivados, ainda são mantidos, com alguma intensidade, nas fantasias. Assim, a libido necessita apenas retirar-se para as fantasias, a fim de encontrar aberto o caminho que conduz a todas as fixações recalçadas. (FREUD, 1916, p. 375)

E conclui:

Partindo daquilo que, agora, são fantasias inconscientes, a libido movimentase para trás, até às origens dessas fantasias no inconsciente – aos seus próprios pontos de fixação. (p. 375)

Assim, o sintoma torna-se uma satisfação substituta de uma série de fantasias e de recordações de experiências traumáticas do início da vida sexual, como uma forma de não aceitar a realidade. A partir dos anos 1920, Freud avança no sentido de demonstrar que, para além do princípio do prazer há um real de gozo impossível de ser representado, demonstrando, assim, o caráter problemático da realidade psíquica que se expressa no sintoma.

Em “Inibição, sintoma e angústia” (1926), Freud apresenta o sintoma como "um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo de repressão" (p. 95). Entendemos, portanto, que o eu – parte supostamente organizadora do indivíduo – age de forma violenta aos desejos inaceitáveis, e demonstra sua eficácia e força no ato de recalçamento. Entretanto, sua impotência diante da magnitude do desejo também se apresenta, pois como consequência do processo de recalçamento, surge um sintoma, por meio do qual o desejo sexual reprimido encontra uma satisfação substituta.

Freud aponta que "o processo mental que se transformou em um sintoma devido ao recalçamento mantém agora sua existência fora da organização do eu e independentemente dele" (p. 100). Esta afirmação demonstra a falha do eu em tentar manter recalçados desejos incompatíveis com os padrões éticos do próprio eu, pois quando transformados em sintomas os desejos ganham autonomia e passam a agir à revelia do eu.

Como o eu representa uma organização na tentativa de restauração ou de reconciliação entre sua integridade e as exigências do inconsciente, mantendo um livre trânsito de influência recíproca entre suas partes, utiliza este mesmo mecanismo em relação ao sintoma, impedindo que os sintomas permaneçam isolados e buscando incorporá-los, fazendo uma adaptação do sintoma e tirando proveito da situação, o que resulta no ganho secundário proveniente da doença.

Para o eu, palco das representações e próprio representante do recalçado, torna-se, também, a via indireta de satisfação pulsional, pois concilia, em um sintoma, o desejo inconsciente e sua integridade; entretanto, trata-se de uma satisfação substitutiva, deformada e irreconhecível, sentida como sofrimento e geradora de desprazer e angústia. Nessa situação, a

angústia sentida pelo indivíduo é o sinal de desprazer que o leva a pôr-se em posição de defesa, desencadeando o recalçamento e a formação de sintomas.

Durante sua investigação, Freud introduz a relação entre a geração de angústia e a formação de sintomas, verificando que os dois processos se representam e substituem um ao outro. A partir da análise da fobia de Hans, Freud conclui que a angústia é a essência da fobia originando-se não do processo de repressão, mas do próprio agente repressor, ou seja, a angústia é à base do recalçamento e, sendo assim, forma os sintomas.

Segundo Freud, a angústia se manifesta como “um medo realístico; o medo de um perigo que era realmente iminente ou que era julgado real”. (p. 110-111). A angústia é, portanto, uma reação a esse perigo e o sintoma é criado inconscientemente para evitar o surgimento do estado de angústia. A formação de sintomas, dessa maneira, põe fim à situação de perigo. Freud conclui em “Angústia e vida pulsional” (1933) que:

Parece, com efeito, que a geração da angústia é o que surgiu primeiro, e a formação dos sintomas, o que veio depois, como se os sintomas fossem criados a fim de evitar a irrupção do estado de angústia. (p. 132)

A angústia é, portanto, uma resposta a uma situação de perigo. A reação de angústia sinaliza a presença de uma situação de perigo, e é para fugir a essa situação de perigo que de forma inconsciente, se criam sintomas. Freud considera a angústia um afeto, “um estado especial de desprazer com atos de descarga ao longo de trilhas específicas” (p. 156).

O desprazer, neste caso, tem seu aspecto próprio em função das experiências traumáticas que reproduz, e do acúmulo de excitação que, por um lado, produz o caráter específico do desprazer e, por outro, encontra satisfação nos atos de descarga, por "trilhas específicas", traçadas pelos pontos de fixação e retenção das situações infantis de perigo. A

pulsão, sob uma influência automática ou, como diz Freud, "sob a influência da compulsão à repetição" (p. 117), seguirá a mesma trilha que o impulso mais antigo reprimido.

Em “O mal-estar na civilização” (1930), Freud postula a autonomia e a prevalência da pulsão de morte. A pulsão de morte é a responsável pela repetição, fazendo com que se retorne sempre a um mesmo lugar, lugar de sofrimento e desprazer, o qual proporciona uma satisfação paradoxal que faz o indivíduo gozar de seu mal-estar; a necessidade de repetir a mesma coisa se forma e se manifesta, inconscientemente, na reprodução dos sintomas em resposta aos desejos oprimidos.

Entendemos que a noção de sintoma se define, para Freud, como uma formação de compromisso entre as representações recalçadas do desejo inconsciente e as exigências defensivas. O sintoma é a solução encontrada pelo indivíduo para o conflito entre estes elementos – cuja satisfação é censurada – e a defesa que visa manter a integridade do indivíduo diante do perigo do desejo proibido.

Para solucionar esse conflito há a formação de compromisso: nesse sintoma o que foi recalçado pode ser admitido na consciência, pois se apresenta descaracterizado, não apresentando risco. É uma forma de reconciliação entre a oposição dessas tendências.

Desta forma o posicionamento adotado pelo indivíduo em sua inserção no discurso sexualizado e sua capacidade de escolha objetal é um sintoma, uma formação de compromisso. Entendemos que o discurso que lhe é destinado, de acordo com a sua anatomia, trata-se de *pathos*, pois vem de fora, afeta-lhe no corpo e exige uma brotação. Esta brotação, se por um lado impulsiona a aparição de um aparelho psíquico, por outro retira de uma condição identificada com o objeto – ambiente de satisfação. Com a perda deste objeto inaugura-se o desejo de reencontrá-lo, desejo este que a interdição ao objeto logo trata de

reprimir. Recalcado, este desejo continua a exercer pressão no psiquismo, entretanto é, como foi demonstrado, impossível de se tornar consciente, retornando disfarçado em uma escolha objetual, ou seja, em um sintoma masculino, feminino e em inúmeras formas de sexualidade.

Acreditamos ter sido possível demonstrar o caminho que vem sendo desenvolvido em nosso trabalho. A posição sustentada neste texto é a de que a sexualidade objetual enquadra-se numa condição de sintoma, pois trata-se de uma formação de compromisso entre o desejo de reconquistar a identificação com o objeto-ambiente de satisfação perdido, e a impossibilidade desta reconquista devido à interdição deste objeto. Sendo um sintoma, é manifestação camuflada do recalque produzido por um discurso que o recorta, pois o sexualiza, discurso este que é *pathos*, pois vem de fora, afeta violentamente e exige uma resposta, uma brotação. Desta brotação surge uma escolha objetual, uma sexualidade genital que é uma busca do prazer perdido juntamente com o objeto-ambiente de satisfação.

Heterossexualidade, homossexualidade, transexualidade e qualquer outra forma de manifestação sexual, são formas de se tentar reencontrar a satisfação perdida, são maneiras de se posicionar diante da falta, são respostas a um discurso, que é *pathos*, e que, ao mesmo tempo, sexualiza e interdita a satisfação. A escolha objetual é uma improvisação diante do *pathos*, como relata Manoel Berlinck: “o *pathos* é sempre provocado pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso”.

5.3. Identificação/desidentificação: é possível um par?

*Quero ficar no teu corpo, feito tatuagem.
Que é pra te dar coragem,
prá seguir viagem, quando a noite vem...*

*E também pra me perpetuar, em tua escrava.
Que você pega, esfrega, nega, mas não lava...
Quero brincar no teu corpo, feito bailarina.
Que logo se alucina, salta e te ilumina
Quando a noite vem...
E nos músculos exaustos, do teu braço.
Repousar frouxa, murcha, farta, morta de cansaço...
Quero pesar feito cruz nas tuas costas,
que te retalha em postas, mas no fundo gostas
Quando a noite vem...
Quero ser a cicatriz risonha e corrosiva.
Marcada a frio, ferro e fogo
Em carne viva...
Corações de mãe, arpões, sereias e serpentes
Que te rabiscam, o corpo todo,
mas não sentes...
(Chico Buarque de Holanda, Tatuagem)*

Apresentamos, anteriormente, três vertentes que buscam explicar a constituição da sexualidade humana e, em particular, a constituição feminina. As ideias originais de Freud que tendem a tomar o masculino como ponto de origem, mas entra em conflito quando postula uma bissexualidade inata; a segunda: as ideias de Horney e Jones que pretendem avaliar a masculinidade e feminilidade como processos distintos, entretanto seus argumentos se enfraquecem quando defendem uma heterossexualidade natural, e por último as idéias de Stoller afirmando um estado de feminilidade inicial devido a uma identificação primária da criança, sendo do sexo masculino ou feminino, com sua mãe.

Em os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) Freud apresenta suas construções acerca da constituição sexual do humano. Se nesse texto ele apresenta dificuldades em delimitar com precisão o que teria a sexualidade de inato e de adquirido, ele refuta as ideias de Horney e Jones no que se refere a uma possível heterossexualidade natural. Entendemos, com Freud, que a pulsão sexual não está, desde sempre, ligada a um determinado objeto; sendo essa ligação fruto de uma intrincada conjectura de fatores

relacionada às experiências subjetivas de cada um. Dessa forma, não é possível a existência de uma heterossexualidade natural tal como defendiam Horney e Jones (1999).

O pensamento de Stoller, apesar de trazer uma nova forma de se pensar o feminino, apresenta inconsistência quando atribui apenas ao sexo masculino um trabalho de desidentificação com a figura materna. Ele defende um estado de feminilidade inicial tanto para meninos quanto para meninas, uma vez que há uma identificação primária do bebê com sua mãe. Aponta que o menino teria um trabalho a mais no caminho de encontrar a masculinidade, uma vez que teria um trabalho de desidentificação com a mãe, trabalho este a que a menina estaria poupada visto já estar, desde o início, identificada com o feminino.

Concordamos, a princípio, com Stoller no que se refere a uma identificação primária com a mãe, embora o manuscrito perdido de Freud anteriormente citado neste trabalho apresente um questionamento quanto a isso, pois podemos pensar, a partir desse texto, em uma identificação com o pai primitivo, o que revela a necessidade de aprofundamento nessa questão. Acreditamos que o processo de tentativa, tentativa nunca alcançada nas manifestações neuróticas, de desidentificação seja necessário a ambos para que se possa atingir um posicionamento diferenciado e, assim, um sujeito, na medida do possível, autônomo. Caso contrário, isto é, se a identificação primária se mantiver total, entraremos no campo da temática psicótica.

Entretanto, consideramos que uma desidentificação total também não se obtém, posto que a identificação é necessária na produção da neurose. Há, sim, uma tentativa incessante de desidentificação, e é neste intento que entra em cena as neuroses com seus recalques, sintomas, resistências e repetições.

Também a identificação primária com a mãe, denominada por Stoller de profeminilidade, não se constitui como algo inédito. Freud já apontava neste sentido no final dos anos de 1890. Ele dizia notar nas adolescentes em tratamento sinais que sugerem a permanência de uma identificação com as domésticas da infância.⁶

Toda identificação se constitui de modo inconsciente. O sujeito identificado não se reconhece identificado; ela, a identificação, só pode ser reconhecida por um movimento de desidentificação. Apenas com a desidentificação é que se pode perceber a identificação e esta deixa como herança um traço, uma marca em um sujeito que surge como uno. Desta forma, identificação e desidentificação só apresentam valor quando consideradas em conjunto. Neste sentido aponta Octave Mannoni (1992):

Veremos que o estudo da desidentificação é que é compensador, uma vez que a identificação jamais se torna consciente, a não ser pela desidentificação, ou, pelo menos, num movimento de desidentificação. (p. 98)

A observação e o estudo da desidentificação se mostra fecundo, para Mannoni, pois é a partir dele que se torna possível perceber os traços de caráter. Sabemos que o inconsciente pode ser alcançado apenas naquilo que dele surge no consciente, considerando também as camuflagens utilizadas neste surgimento. Os sonhos, os atos falhos e outras manifestações do inconsciente são possíveis justamente por esses mecanismos de camuflagens, que são os deslocamentos e as condensações. Assim, o estudo da desidentificação é fecundo, como aponta Mannoni (1992), pois é dele que se reconhece o inconsciente. Mas sempre há algo que permanece no humano identificado, é neste movimento que se mantém o psiquismo atuante.

⁶ Esta sinalização está presente numa carta a Fliess datada de 02 de maio de 1897.

Sendo a identificação inconsciente, é ali que ela permanece, e quando dela, algo surge no consciente já se iniciou um processo de desidentificação. Entretanto a identificação, uma vez desidentificada, deixa uma marca que Mannoni chama de *qualidade caracterial*. Neste sentido elucida Octave Mannoni (1992):

Mas quando se desidentificou, manteve-se, por assim dizer marcado – para toda a vida – com uma certa qualidade caracterial. O caráter, e mesmo o ego e o superego, assim se formam. (p. 99)

Entende-se, desta forma, que a identificação é um procedimento habitual e necessário na constituição do sujeito. É por meio de inúmeros processos de identificação e de desidentificação que um caráter vai ganhando forma, sempre sendo marcado pelo traço que permanece da identificação. Acrescenta Mannoni (1992) que “a identificação não constitui um fato patológico, mas um elemento essencial da formação de nossa personalidade – e que funciona com seu contrário, a desidentificação”. (p. 100)

A partir desta perspectiva a identificação ganha relevância, no sentido de elemento constitutivo da personalidade, sendo considerada em conjunto com seu contrário, a desidentificação. Indo um pouco além, tanto a identificação quanto a desidentificação tornam-se importantes como fatores de um produto, isto é, a importância das equações de identificação/desidentificação, relaciona-se ao resultado, ou seja, uma marca caracterial que delas surgem, o traço identificatório que sempre se mantém.

Considerando, portanto, que a identificação é um elemento essencial na constituição da personalidade, na medida do que ela, em operação com seu contrário – a desidentificação – produz, enquanto neuroses, assim somos levados a entender que a teoria da profeminilidade primária proposta por Stoller perde consistência. Identificação/desidentificação estão

presentes em todas as condições neuróticas, pois é a partir dos produtos desse jogo de identificação/desidentificação que importantes elementos da personalidade são produzidos, inclusive a própria neurose.

Para se tornar um, independentemente de que um se trate, é necessário o intercâmbio entre identificação/desidentificação, cujo produto é parte constituinte desse um. Permanecer em uma posição identificada com a figura materna é permanecer em uma posição desprovida de desejo, é permanecer aprisionado no corpo da mãe. Portanto, para que uma menina possa se identificar com a possível feminilidade da mãe é necessário que exista antes uma mãe, e para que exista uma mãe com a qual a filha possa se identificar é necessário que tenha havido uma tentativa de desidentificação com o corpo da mãe.

Dito de outra forma, para que exista uma mãe com a qual a filha, ou o filho, se identificarão é preciso que essa mãe exista como figura distinta da filha ou do filho, e para isso é necessário um traço desta relação com o corpo da mãe. Avançando, consideramos que a desidentificação com o corpo da mãe se dá pela ausência. A função materna encontra seu poder justamente na ausência da mãe, pois assim é permitido ao corpo do futuro humano a construção de outros objetos com os quais se identifique. Manoel Berlinck (2008) aponta que:

Para que haja identificação é necessário que o aparelho psíquico seja capaz de alucinar o objeto perdido e isso só ocorre posteriormente. Primeiro é necessário que o humano atravesse o terror, a dor e a depressão provocadas pela perda. (p. 101)

Pensamos que essa perda primeira que traz terror, dor e depressão ao humano refere-se a uma des-fusão, se assim podemos dizer, isto é, uma desidentificação do corpo da mãe. Também para que haja identificação há que haver um objeto perdido com o qual se identifique. Ora, se há um objeto perdido podemos pressupor que já nesse momento existam

dois. É com a perda desse objeto primeiro que se abrem as portas da busca incessante por ele, identificando-se e desidentificando-se com objetos outros que ocupam simbolicamente e parcialmente o espaço deixado pelo objeto perdido, ou seja, mantém-se uma parcela identificada que encontra objetos que substituam o objeto perdido com o qual eternamente o indivíduo se manterá identificado. Isto se dá obedecendo às marcas por ele, pelo objeto, deixadas, ou melhor, mantidas identificadas. Neste sentido entendemos juntamente com Manoel Berlinck (2008) que:

Em outras palavras, a catástrofe produz a perda de contato com o objeto de satisfação e uma retração da libido para o próprio corpo, que é vivida como terror, dor, depressão e angústia. Essas primeiras marcas no corpo, porém, não encontram um aparelho psíquico. Ao contrário, o narcisismo primitivo ocorre diretamente no corpo do hominídeo, sem uma intermediação psíquica e, se por um lado, contribui decisivamente para a evolução do aparelho, concebido como organização psíquica do vazio, por outro, produz angústia e conversão, que ocorrem diretamente no corpo, sem suporem, também, a existência de um psiquismo acabado que as contenham. Assim, só o retorno da libido desligada do objeto-ambiente de satisfação não é suficiente para produzir identificação. (p. 101)

A perda do objeto de satisfação provoca uma retração da libido para o corpo do nascente, pois não encontra ainda um aparelho psíquico capaz de metabolizá-la, razão pela qual ela é vivida como terror, dor, depressão e angústia. Entretanto, é pela catástrofe da perda do objeto de satisfação, ou melhor, pela marca deixada pelo objeto de satisfação perdido que se dará origem ao aparelho psíquico. A função materna é, portanto, produtora de desejo, que se constitui pela falta do objeto de satisfação, e é sustentado pela satisfação existente quando de sua presença. Para Manoel Berlinck (2008):

A função materna, assim conceitualizada, é uma presença da mãe ausente que se manifesta como causa do poder. É, assim, a fonte do poder que se inicia no humano, pela capacidade de constituir objetos reais, imaginários e simbólicos. O poder possibilitado por este objeto ausente, que na sua presença assegura um ambiente propício para a constituição do desejo, do

poder, é a função materna, isto é, o objeto que possui a capacidade do erotismo, de estabelecer Eros como trabalho, no corpo do hominídeo, transformando-o no humano, neste ser com poder. (p. 101-102)

Voltando a Freud, e mais especificamente aos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), aprendemos que não há, desde sempre, uma sexualidade natural no humano, pois a libido não se encontra naturalmente fixada em determinado objeto. Entendemos que numa fase inicial do desenvolvimento o indivíduo, que ainda não é um indivíduo, permanece identificado com o corpo da mãe, isso para qualquer um dos sexos biológicos. A ausência do corpo materno – objeto de satisfação – faz entrar em cena uma função: a ausência materna causa um retorno da libido para o corpo do pequeno ser e a partir daí a criança passa a se individualizar, pois desidentificando-se do corpo da mãe passa a poder criá-lo, identifica-lo em sua ausência, na tentativa de manter-se identificado e percebê-lo em sua presença.

O retorno libidinal ao corpo do infante traz consigo terror, dor, depressão e angústia, mas, além disso, traz também a possibilidade de erotização porque individualizado, desfundido do corpo da mãe, tornando-se excitável, isto é, um olhar que recai sobre ele encontra terreno fértil para a brotação. Isto porque a função materna cumpriu seu papel de instauração do desejo. Recorremos novamente a Manoel Berlinck (2008):

A teoria da função materna como fonte do humano, ser erótico com poder, supõe não só a ligação a objetos, mas a incorporação desses mesmos objetos no movimento próprio do narcisismo. Em outras palavras, a perda de contato com o objeto de satisfação significa a criação da função materna como “objeto a”, uma das vicissitudes do narcisismo primário. (p. 102)

Retornando aos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) consideramos que quando Freud denomina a criança de perversa-polimorfa trata-se justamente deste ponto, isto

é, o retorno da libido para o corpo do nascente permite-lhe uma erotização, permite a existência de Eros, mas, contudo, não há ainda um aparelho psíquico capaz de tal elaboração, tampouco uma vinculação objetal propriamente dita. Com isso o corpo se torna um todo excitável, uma fonte de inúmeras zonas erógenas autoexcitáveis.

Quando, na presença do objeto de satisfação, se tem assegurada a existência de um ambiente propício para a constituição do desejo é porque a libido materna se inclina a esse corpo excitável, o contém aplacando o terror, a dor, a angústia e a depressão causada pela invasão do retorno libidinal quando da perda desse mesmo objeto. A mãe, quando presente, erotiza esse corpo dando um sentido e um destino à libido que retornou ao corpo do bebê quando ele des-fundiu-se do corpo da mãe.

Freud (1905) descreve que “o ato de uma criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado” (p. 171). Parece ficar claro que o ato de chuchar é uma estimulação autoerótica que visa a reproduzir a satisfação obtida na amamentação, sendo é necessário primeiro que exista a falta do seio. No início, na fase de identificação primária não há esta distinção, boca e seio estão fundidos num conjunto boca-seio. O seio faz boca quando lhe instaura o buraco; quando esse buraco perde seu conjunto de satisfação, torna-se excitável, isto é, uma zona erógena. O buraco torna-se boca com o registro que a ausência do seio provoca, por isso entendemos que a presença materna dá um sentido e um destino à libido que retorna ao corpo do filho.

Nisto há um ponto importante porque se inicia uma linguagem, uma comunicação entre mãe e filho – particular evidentemente – e sem a presença da fala propriamente dita, mas uma comunicação sem dúvida. No mundo animal as fêmeas lambem seus filhotes para retirar a bolsa placentária que lhes impede a movimentação; a fêmea humana também lambe seu

filhote, mas em um sentido de lhe proporcionar uma língua, uma linguagem, que também lhe permitirá uma movimentação pelo universo simbólico da cultura.

Acontece que essa linguagem que inicialmente a mãe enuncia, mas que vai se expandindo conforme a criança evolui, faz parte de um discurso sexualizado, ou melhor, genitalizado do humano. Desta forma se, conforme aprendemos com Freud, a biologia não garante um posicionamento sexual, o sexo biológico do nascente impõe no Outro um posicionamento sexualizado que permeará o discurso que será destinado ao corpo nascente, existe um discurso destinado ao corpo do sexo feminino e outro destinado ao corpo do sexo masculino.

Masculino e feminino são compreendidos como discursos e, portanto, elementos que compõem o imaginário social. Em sua construção e enunciação criam-se lugares identificatórios os quais os sujeitos se organizam ocupando determinados lugares neste próprio discurso. Desta forma, homens e mulheres contribuem na construção dos discursos masculinos e femininos e acabam acomodando-se em uma posição criada pelo próprio discurso. (KEHL, 2008)

Aprendemos com Freud que a biologia não garante um posicionamento sexual masculino ou feminino, mas entendemos também que o sexo biológico do recém-nascido impõe àquele que discursa uma especificidade. Esse discurso é sexualizado, inicia-se antes do nascimento da criança e se orienta pelos ideais parentais que, além das fantasias imaginárias, baseiam-se também na anatomia do futuro ser. Um simples exemplo pode ser útil neste momento: temos uma clara noção de como agir diante de uma criança do sexo masculino ou feminino, isto porque a anatomia delas nos lança a um registro discursivo de masculino ou feminino. Entretanto, pode ser extremamente desconcertante estarmos diante de uma criança

hermafrodita; esse corpo nos lança em um buraco no discurso, não encontramos um registro discursivo que imponha a esse corpo um lugar imaginário. Ao menos nossa orientação discursiva atual ainda não encontra.

Portanto, o processo de se encontrar um destino e um sentido à libido que retorna ao corpo do infante quando da perda do objeto – ambiente de satisfação, é algo alheio a ele próprio, vem de fora dele, o recorta e o insere em uma ordem discursiva sexualizada. O recorta porque sua anatomia confere um determinado discurso em um momento em que ainda não se tem consciência da própria anatomia e, menos ainda, da ordem genitalizada do discurso.

Recorremos novamente a Manoel Berlinck (2008) que diz:

Pathos, então, não nasce no corpo, pois vem de longe e de fora. Mas passa necessariamente pelo corpo e se expressa pela *hybris*, pela desmesura, fazendo parte da natureza humana da *physis*, que melhor se traduz por brotação. *Pathos* brota no corpo sem dele fazer parte intrínseca e rege as ações humanas. (p. 20)

Neste trajeto de construção de discursos, sejam eles discursos masculinos ou femininos, os homens e as mulheres contribuem tanto como elaboradores de tais discursos, como também na posição de indivíduos que se identificam como integrantes deste ou daquele discurso. Desta forma, ao se relacionar diretamente homem ao masculino e mulher ao feminino corre-se o risco da precipitação. Em uma nota de rodapé acrescentada em 1915 aos: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud já se antecipava a isso, quando dizia: É indispensável deixar claro que os conceitos de “masculino” e “feminino”, cujo conteúdo parece tão ambíguo a opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõe pelo menos em três sentidos. Ora se empregam “masculino” e “feminino” no

sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico, ora ainda no sentido sociológico. (FREUD, 1905, p. 207).

Jacques Lacan (1998) em seu texto sobre o estágio do espelho descreve sobre “as inércias próprias das formações do eu”, o que se mostra muito proveitoso no entendimento de uma construção subjetiva de homem ou mulher. Ele demonstra como a criança se apropria de sua imagem corporal integrada e distinta de uma imagem especular, afirmando que para isso é necessário um olhar terceiro que o distinga e lhe aponte o que ser, pois o “eu” não é capaz de alcançar sua autonomia isoladamente, sendo essencial que esse olhar de fora o identifique. Esse olhar terceiro Lacan chamou de grande Outro, normalmente encarnado inicialmente na figura materna, mas que se estende a todo o campo da cultura. Esse olhar recorda o indivíduo e cria os limites entre o eu e o Outro, ou seja, possibilita e existência de um corpo distinto e diferenciado.

Com este ensinamento temos a perspectiva de que o eu se constrói primeiramente a partir do Outro, em especial a partir da imagem que lhe é devolvida pelo semelhante. Lacan marca o desconhecimento e a alienação como constitutivo do eu. Esse olhar terceiro é anterior à existência física da criança, e inicia-se no desejo primeiro dos pais; há nas fantasias parentais um corpo já existente e configurado de uma determinada forma e anterior ao nascimento do filho, tal como nos mostra Piera Aulagnier (1991) em seu ensinamento de corpo fantasmado. Nas suas palavras:

Mas este momento fecundo que é o estágio do espelho não é em si mesmo mais do que um ponto de chegada: para compreender o que aí se passa somos obrigados, apesar do lado hipotético de uma tal tentativa, a situar nosso ponto de partida tão longe quanto possível, na história daquele que nos fala: esta história não se inicia com ele; ela o precede e este preceder é fortemente determinante para aquilo que será seu futuro. Todo o sujeito se situa em um mito familiar: este mito, cuja importância pode ser demonstrada pelo lugar que ele ocupará no fantasma fundamental, lhe confere, na tragicomédia de sua vida, um papel que determina, antecipadamente, as

réplicas dos parceiros. Ora, são essas “réplicas do Outro”, este discurso que começa a ser dirigido, não para ele, mas para o personagem que ele encarna na cena familiar, que o constituirão como sujeito. (p. 54)

Portanto, é sobre este corpo “preexistente” que se inclinará a libido materna criando uma identificação prévia com a qual o sujeito real irá se confrontar, e isto certamente impõem um discurso identificatório manifestado à revelia e alheio ao sujeito.

Masculino e feminino neste texto são compreendidos como discursos e, portanto, elementos que compõem o imaginário social. Em sua construção e enunciação criam-se lugares identificatórios nos quais os sujeitos se organizam ocupando determinados lugares neste próprio discurso. Desta forma, homens e mulheres contribuem para a construção dos discursos masculinos e femininos e acabam acomodando-se em uma posição criada pelo próprio discurso. Entretanto, nem o discurso, tampouco os sujeitos identificados com um ou outro discurso, se encontram totalmente fixado; tais discursos estão em constantes construções e transformações, assim sendo, os indivíduos estão constantemente se rearranjando nas possíveis posições criadas pelo discurso. Neste sentido Maria Rita Kehl (2008) traz importantes contribuições:

[...] a inscrição dos sujeitos, homens ou mulheres, no discurso do Outro, não é rigidamente fixada. Ela passa por modificações ao longo da história que, se não alteram a estrutura da linguagem, alteram certamente o uso da língua e, com isto, os lugares que a cultura confere aos sujeitos. Que as mulheres, por exemplo, ocupem o lugar da inocência ou do pecado, da castração ou da onipotência, da sexualidade desenfreada e ameaçadora ou de uma vocação natural ao pudor e a castidade, depende, em última instância, das “práticas falantes” que por sua vez correspondem a tentativas de responder a deslocamentos ocorridos na sociedade ao longo do tempo – os quais, estes sim, escapam ao controle das vontades dos sujeitos.(p.24)

Ao longo da história é possível perceber transformações que se constituíram em novas formas imaginárias de posições possíveis dentro do discurso. Kehl (2008) transita nesta trajetória discursiva de transformações imaginárias do feminino, partindo do Antigo Regime, onde a diferença entre homem e mulher estava apenas – se é que se pode dizer apenas – no caráter biológico, ou seja, subjetivamente não existia um discurso identificatório do feminino ou do masculino. O discurso se dava em outra ordem; ou se era membro da realeza ou se era súdito. Há, então, um posicionamento no discurso fixo e imobilizado, determinado pelo divino, pois os reis eram escolhidos por Deus.

Com os ideais iluministas, que culminaram na Revolução Francesa, há uma quebra neste discurso de caráter divino. Os homens se libertam dos grilhões religiosos e sua autonomia e subjetividade emergem à cena. Assim há uma nova ordem discursiva em elaboração, surgindo um *topos* imaginário de masculino e feminino. A promessa presente nestes ideais era que com a emancipação dos homens (no sentido de humano, não no sentido de gênero) eles poderiam se situar como sujeitos desses discursos.

Acontece que os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade se constituíram em um engodo, que o modo de vida burguês prontamente denunciou. Com a família nuclear burguesa, o discurso do feminino se volta (ou retorna) à harmonização e à constância, pois a mobilidade social e a vida pública, inserida no discurso como ideal masculino, conferem a incerteza do papel social assumido, sendo a família e o lar o refúgio onde se encontraria o privado e o natural, família esta sustentada, em sua harmonização e constância, pelo feminino enquanto discurso produzido por homens e mulheres.

Aponta a autora que o conflito das mulheres que surge daí, conflito entre a promessa iluminista de “tornar-se outra” e as possibilidades impostas pelo discurso burguês, gera a

saída adotada pela mulher na passagem para a modernidade, seja ela a histeria tal qual Freud a compreendeu.

Há, portanto, um discurso construído por homens e mulheres que produzem o imaginário social acerca do feminino e masculino, mas com isso não podemos relacionar homem ao masculino e mulher ao feminino. O que faz um corpo biológico, seja ele de macho e fêmea, identificarem-se com um posicionamento masculino ou feminino é à maneira de sua libidinização, suas fixações e identificações e não sua determinação puramente genética.

Disso evidencia-se que há, no campo da cultura, a enunciação de um discurso que determina o posicionamento imaginário de masculino e feminino, e apesar de tal discurso não se constituir de maneira rigidamente fixada, e nem dos sujeitos com ele identificados serem estáticos, as transformações, tanto do discurso como dos sujeitos, se dão de modo muito lento e não sem conflito e padecimento.

Desta forma concebemos o discurso que o infante recebe como *pathos*, pois vem de fora e o afeta exigindo dele uma resposta frente a este *pathos*, o discurso que torna o chamado por Lacan de pedaço de carne, em ser humano, é um discurso psicopatológico. Diante deste *pathos* o pequeno projeto de sujeito é conclamado a produzir uma solução que o defenda da violência e da angústia que *pathos* provoca, isto é, *pathos* exige dele uma brotação.

O que daí brota é, para a Psicopatologia Fundamental, o psiquismo. Nas palavras de Manoel Berlinck (2008):

O psiquismo, o aparelho psíquico, é, na óptica da Psicopatologia Fundamental, um prolongamento do sistema imunológico. Ele se constitui graças à violência originária e é uma resposta defensiva do organismo a ela. *Pathos* é sempre somático, ocorre no corpo; e a psique é, na tradição socrática, estritamente corporal não havendo, nunca, solução de continuidade entre essas duas instancias. (p. 23)

Portanto, aquela linguagem que se desenvolve entre mãe e filho(a) e que dá um destino e um sentido à libido que a ele retorna e que está inserida numa ordem discursiva genitalizada pode ser considerada *pathos*, uma vez que, vindo de fora, o afeta no corpo de modo violento e exige dele uma brotação, sendo esta brotação o aparelho psíquico.

Para além desta característica de brotação, este discurso – que é *pathos* - traz consigo outro elemento indispensável na constituição do psiquismo. Conforme dissemos, este discurso insere o sujeito em uma ordem sexualizada, pois o discurso é sexualizado, e exige dele, do infante, um posicionamento, uma brotação no sentido de se situar nele. Tomando esta condição pelo sentido inverso há, nesta brotação, algo da ordem da abdicação; para se tomar um lugar na ordem discursiva abdica-se de outras e também, e principalmente, abdica-se do todo, da possibilidade impossível, mas desejada de se manter no todo, ou seja, de manter-se identificado com o objeto – ambiente de satisfação, o que em absoluto não invalida a manutenção desta identificação. Pensamos que as repetições apresentadas pelos neuróticos são, em suma, a tentativa de manutenção desta identificação com o objeto – ambiente de satisfação.

Nesta perspectiva este *pathos*, este discurso que vem de fora, afeta violentamente o corpo e exige uma resposta, além de fazer brotar o psiquismo, exige também uma abdicação, melhor dizendo, o recalque. O recalque inaugura o inconsciente e é fonte constante de conflito, pois lança o indivíduo na eterna busca impossível de reconquistar o objeto – ambiente de satisfação perdido.

5.4. A alteridade sempre na diferença

*Não existiria som Se não houvesse o silêncio
Não haveria luz Se não fosse a escuridão
A vida é mesmo assim, Dia e noite, não e sim...*

*Cada voz que canta o amor não diz
Tudo o que quer dizer,
Tudo o que cala fala
Mais alto ao coração.
Silenciosamente eu te falo com paixão...*

*Eu te amo calado,
Como quem ouve uma sinfonia
De silêncios e de luz.
Nós somos medo e desejo,
Somos feitos de silêncio e som,
Tem certas coisas que eu não sei dizer...*

(Certas coisas, Lulu Santos)

Principalmente em “Totem e Tabu” (1913) e em “Neurose de Transferência uma síntese” (1915), Freud nos apresenta sua visão mítica da origem do humano. Entendemos se tratar da origem do humano, uma vez que, estes textos, versam sobre a origem do desejo, mas também sobre a origem do recalque que funda o aparelho psíquico.

Vemos nestes textos, um detalhado e profundo estudo sobre as relações entre Pai e filhos nesta incipiente estrutura social; muito já foi dito a esse respeito no desenrolar deste trabalho e, portanto, não voltaremos a tratar disso. Entretanto, parece-nos fundamental voltarmos às mulheres da horda primitiva e as suas heranças, pois a esse respeito não há muito trabalho realizado. Freud parece ter passado o resto de sua vida estudando e escutando suas mulheres em seu divã; observações que se iniciam com a questão: o que quer a mulher? e,

que terminam para Freud, com a definição de que ela é o continente negro, o lado obscuro sobre o qual não se lança luz.

E Freud está certo. Há na mulher um lado, um ponto onde não é possível chegar, um indizível sobre a mulher. Posterior a Freud, Lacan segue este caminho com algumas importantes modificações que culminam com algumas de suas enigmáticas afirmações: A mulher não existe, Não há relação sexual, A mulher tem um duplo gozo.

Facilmente podemos perceber que na mulher se encerra um enigma muito caro a psicanálise e aos psicanalistas. Entretanto, entendemos que do lado da mulher se inicia um enigma que ela mesma não terá resposta. Freud passou a vida a escutar as mulheres na esperança de que elas revelassem a resposta para tal enigma. Lacan, por seu turno, seguiu o psicanalista vienense, mas deteve-se nas variações do gozo, ou melhor, nos modos de gozo. Isso levou Lacan a postular que a mulher é não toda na castração e que há um gozo a mais na mulher. Desta forma, já sabemos de antemão, que este texto será inconclusivo; se nem Freud ou Lacan chegaram a algum resultado conclusivo, não será este texto que irá se arriscar a dizer o contrário. Mas, se entendemos em certa medida o ensino de Freud – o ensino da psicanálise – temos que nos afastar das conclusões e situarmos melhor a dúvida, ou seja, talvez, duvidar melhor. Este trabalho é, portanto, uma tentativa de compreensão da dúvida, nada além disso.

Com a mulher se inicia um enigma, pois a mulher inaugura a instância do Outro, na medida em que instaura a obscuridade no humano. Não queremos afirmar que a mulher é o Outro, mas sim que ela inaugura o lugar do Outro. Retornando brevemente ao texto mítico de Freud encontramos, embora isso não seja manifestado explicitamente, as bases para a construção deste pensamento.

Com a Era glacial, o humano se torna bípede para alcançar os alimentos que se encontravam longe do gelo que cobria a terra. É bastante plausível que, devido ao frio, tenham passado a cobrir seus corpos com peles de animais para mantê-los aquecidos. Desse modo, está posto a perda com a regularidade sexual mencionada por Freud: o homem primitivo perde, com a era glacial, o acesso visual e olfativo da genitália feminina, desta forma ele passa a não saber se a fêmea se encontra receptiva ao coito. Esse parece ser o primeiro impedimento que sofre o humano e que se desdobra em várias outras consequências.

Perder o contato com o objeto de satisfação inaugura o anseio por este objeto. Tendemos a dizer que anterior a Era glacial ainda não existia um objeto, pois o humano não estava no campo do desejo, isto é, o acesso livre e desimpedido à satisfação não impunha uma necessidade capaz de criar um objeto que a satisfizesse, não havia campo para o prazer. Com a Era glacial isso muda, pois o humano perde o contato com a satisfação, o que o leva a descobrir a necessidade de algo que não se têm. A necessidade do prazer surge agora como algo perdido.

A fêmea passa então, a ter que emitir outros sinais, não mais aqueles naturais ao seu corpo de que está receptiva; assim o homem primitivo passa, respectivamente, a ter que aprender a “ler” estes sinais, a interpretar o que a fêmea lhe transmitia. Surge dessa forma um enigma no sentido de criar o lugar do não sabido do discurso. Podemos seguir adiante e dizer que o Outro se instaura como esse lugar que impõe sempre o enigma de não se saber a respeito, o buraco da não resposta. A fêmea inaugura esse lugar, o lugar do enigma, mas não está livre da repercussão que ele causa.

O Outro se impõe a ela, pois ela também não sabe como entender os impulsos de seu corpo. Antes ela não precisava se ocupar em transmitir os sinais de sua receptividade; o

macho estava sempre presente e em seu acesso visual e olfativo se certificava de sua receptividade. Esta incógnita funda o lugar do Outro, pois abre espaço para o não saber, para a dúvida, para incompreensão, para o mal entendido, mas também para a mentira, dissimulação e principalmente para a sedução e para o prazer, pois passa a existir o jogo entre o desejo e o Outro.

Não distante, esta primitiva sociedade se organizava em torno do Pai primitivo, alguém que dispunha de pleno controle sobre tudo e sobre todos. A importância desta figura está em criar o lugar da exceção. Entendemos que é pela exceção que se cria um conjunto, pois sem exceção não há aquilo que especifica um conjunto.

Somente podemos conceber a ideia de um conjunto, se existir algo que lhe escape e aponte uma característica não apreendida na totalidade e que funda um conjunto, isto é, somente pela diferença, que o igual se pode perceber como igual. Caso contrário, não existindo a diferença, o indivíduo permaneceria em um todo indistinto, não haveria um conjunto. Este que escapa ao todo cria um limite, pois o todo já não é mais tudo; este que escapa recorta do todo um conjunto, mas também cria a possibilidade da existência mesma do conjunto.

A perda do contato com o objeto de satisfação talvez não representasse nada caso não existisse o Pai primitivo que escapa a esta perda. O Pai, por manter o acesso a todas as mulheres, se mantém fora da castração e, por se manter fora, a faz notar. Os filhos castrados encontram na figura do Pai, a exceção que faz com que eles se reconheçam no conjunto dos castrados.

Este que escapa é o ao menos um. O Um fora da castração faz notar a castração naqueles que agora se mostram pertencentes a uma classe. Este ao menos um é, portanto, o

fundador da classe homem. Deste modo podemos utilizar o artigo “o” homem uma vez que ele está inserido em um conjunto fechado, limitado pela figura deste ao menos um que foge ao conjunto, mas que traz à cena a especificidade do conjunto. Neste sentido, que é o sentido dado por Lacan (1972 - 1973) em seu “Seminário XX: Mais, ainda”, não se pode dizer o mesmo em relação à mulher.

Não existe do lado da mulher este Um que escapa à regra e faz com que uma classe se instaure. Desta forma Lacan não encontra como dizer A mulher, pois esta não existe, uma vez que não há aquela que funda tal classe; é neste sentido que Lacan diz que A mulher não existe. A mulher, em equivalência ao Pai primitivo, não existe. Deste modo não há, do lado da mulher, A mulher que escape à regra e, assim, funde a classe “a” mulher.

O Pai primitivo escapa e aponta a especificidade do conjunto homem, seja ela a castração, isto não há do lado da mulher, o que corresponde dizer que a mulher é não toda na castração. Contudo, dizer que a mulher é não toda na castração não significa dizer que ela não está na castração. O todo está para Lacan no sentido da universalidade, o todo se mostra fora do conjunto, isto é, o conjunto homem se faz pela castração que o Pai fora da castração, ou seja, no todo, aponta.

A mulher é não toda, pois de seu lado não há o fechamento do conjunto, isto é, não há A mulher que viria fundar uma especificidade do conjunto mulher. Entretanto, o Pai primitivo afasta a mulher da totalidade uma vez que ele assume esta distinção, ou seja, a mulher forma um conjunto, mas um conjunto sem especificidade. Quando o Pai primitivo funda o conjunto homem, não há mais possibilidade para as mulheres permanecerem na totalidade, uma vez que isto teria que englobar também o conjunto homem, e o Pai primitivo.

O não toda, assim referido, corresponde a um lugar em relação aquilo que afirma um conjunto, neste caso, o Pai fora da castração e este funda uma classe, a classe homem; a mulher desta forma se distingue do todo, pois não há mais condições de universalidade. Entretanto, não se funda do lado das mulheres um conjunto, pois, conforme vimos, não há deste lado uma mulher que aponte uma especificidade deste conjunto, ou seja, A mulher, a mulher mítica, A mulher em equivalência ao Pai primitivo.

Podemos entender isso se voltarmos ao mito freudiano. O período anterior a Era glacial corresponde à totalidade, não há, neste período, distinção qualquer que crie uma especificidade de um conjunto. O contato constante de todos com o objeto fonte de satisfação não cria a exceção; podemos falar de distinção biológica entre macho e fêmea referente à procriação, mas não podemos especificar características que formem conjuntos.

Com a Era glacial funda-se o enigma do Outro, o não saber do Outro e o Pai primitivo emerge deste enigma. Dissemos anteriormente da sabedoria do Pai da horda, entendemos que tal sabedoria se relaciona com o fato deste enigma não lhe afetar, ou, ao menos, dele não considerar a dimensão do Outro, sabedoria em subjugar o Outro se mantendo alheio ao enigma que ele representa. Assim, entendemos que a sabedoria do Pai, não se trata de conhecimento ou algo que o valha, mas antes, de saber não se afetar pelo Outro e, deste modo, se manter total.

Isto é o que lhe faz ser a exceção; não se afetar pelo enigma do Outro, o possibilita agir como se tal enigma não existisse. Entretanto, o enigma existe para todos, mas não para ele; dessa forma, ele se impõe como o ao menos um, e vem apontar uma característica geral, seja ela a castração, do lado do homem e, do lado da mulher, um conjunto aberto que se insere, mas não todo, na castração.

Compreendido isso, entendemos não haver proporcionalidade sexual, uma vez que a exceção que funda o conjunto homem não se encontra posta na mulher. Assim, o dizer enigmático de Lacan de que não existe relação sexual se apresenta, segundo entendemos, relacionado à esta falta de equivalência, de proporção, entre o conjunto fechado e regulado pela castração entendido como “o” homem e, de outro lado, o conjunto aberto inserido, mas não todo, na castração.

Desta forma, a castração mostra a especificidade de um conjunto e a abertura de outro, observando tal constatação pelo inverso. Entendemos que a castração existe justamente pela exceção a ela, isto é, a castração se evidencia pelo não castrado, pelo Pai da horda, o que equivale dizer que o conjunto homem se funda orientado pela posição fálica. O falo é o elemento que regula este conjunto, mas também o elemento que deixa o outro conjunto permanecer em parte aberto.

Portanto, no homem há um gozo fálico, o que não equivale em absoluto dizer que é um gozo sem limites, ao contrário, o gozo fálico é o gozo regulado pela posição fálica, é o gozo realizável dentro do conjunto fechado e constituído pela castração. O falo é, portanto, o elemento que regula o gozo.

Entretanto, há no lado da mulher algo que escapa desta regulação, isto porque falta do lado da mulher a mulher que teria esta função de regulação. Assim, há do lado da mulher um gozo que escapa a regulação fálica, um gozo suplementar do qual não há o que dizer, pois escapa a regulação. Um gozo da parcela que não está toda na castração, diz Lacan (1972 - 1973) em seu “Seminário XX – Mais, ainda”:

Há um gozo dela, desse *ela* que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. (p. 100)

Neste sentido, existiria na mulher um gozo a mais, um gozo suplementar, um gozo além daquele orientado pelo falo; mas disso não há como dizer uma vez que não há especificidade, ou seja, uma característica trazida pela exceção que apontaria o fechamento deste conjunto.

Estamos diante de um gozo Outro, um gozo que não se sabe, que se mantém enigma. Entendemos como o gozo da obscuridade humana, um gozo sem limite que sempre escapa, posto não existir regulação, não há nada que o limite e, assim, lhe dê consistência.

A essência faltante do humano é muito discutida, desde o “O Banquete” de Platão, é e disso que se trata o texto freudiano “Neurose de transferência uma síntese” (1915): a perda do gozo completo, da perda do objeto fonte de satisfação. A mulher inaugura este enigma do campo do Outro e, o pai primitivo, fora deste campo, mantém a totalidade, mas também insere a castração que funda o conjunto homem através da imposição fálica. O falo retira da mulher a condição de permanecer na totalidade, mas não a insere totalmente na castração, uma vez que não há A mulher, em equivalência ao Pai primitivo, que viria a apontar uma especificidade do conjunto mulher.

A mulher está, então, sempre na busca deste equivalente fálico: esta é a tese freudiana que estrutura o Édipo na menina, que autoriza o ódio pela mãe por ela lhe ter privado do pênis, o próprio desejo de se tornar mãe, enfim, de encontrar a especificidade de seu conjunto, de encontrar o falo que regularize o seu gozo, insistência em encontrar o Pai mítico, que lhe retire totalmente da parcela da universalidade que a mantém neste gozo suplementar que lhe suga em direção ao Outro.

Vale ressaltar, agora com uma maior precisão, a não relação direta entre homem masculino, mulher feminino. Entendemos, conforme já dissemos, que homem e mulher estão relacionados à anatomia dos corpos, enquanto masculino e feminino estão entendidos como uma posição ocupada diante desta divisão de conjuntos já discutida.

5.5. A mãe e a filha

Com Freud passamos a compreender melhor a relação conturbada existente entre uma mãe e uma filha. Seus apontamentos indicam uma relação oscilante entre o amor e ódio: Freud designa que toda a mulher quer, em última instância, ser um homem, e assim, a filha tende a culpar a mãe pela falta anatômica de seu corpo. Freud atribui valor significativo ao pênis, órgão da anatomia masculina e, embora considere o valor simbólico do pênis, talvez não lhe dê o valor necessário.

Estamos defendendo ao longo de todo este trabalho, que a condição humana surge da catástrofe, da perda do contato com o objeto fonte de satisfação, do estar na totalidade e em conexão com o Outro; toda a forma de estruturação psíquica está posta na maneira como cada indivíduo irá se relacionar, e se defender do enigma do Outro e, conseqüentemente, da sua não totalidade.

Assim, masculino e feminino podem ser considerados modos de estruturação psíquica diante da falta sendo, portanto, um sintoma que surge diante da castração, esta sempre simbólica que atesta e confirma a impossibilidade de total conexão com o Outro. Contudo Freud (1931/1933) irá abordar a castração, referente às mulheres, no sentido da ausência real do órgão masculino; deste modo, seria esta percepção que conduziria a menina ao complexo

de Édipo, a menina iria ao encontro paterno buscar esta parte do corpo que a mãe lhe privou, fazendo com que o afastamento desta, surja carregado de hostilidade e ódio.

Ter tomado os dois sexos pelo mesmo modelo em uma simetria inversa, talvez seja o único ponto da teoria freudiana onde caiba a existência de críticas. Freud utiliza um mesmo caminho para especificar o desenvolvimento masculino e feminino, muita embora o tenha tomado em um sentido de mão dupla: do Édipo à castração para o menino e da castração ao Édipo para a menina.

Ao longo do tempo, outras observações surgiram e, conseqüentemente outras teorizações, mas todas elas tentaram dentro da mesma simetria: a masculinidade é primária, o pênis é determinante, ou a feminilidade é primária, o seio é determinante. Permanecemos assim, na mesma busca por algo determinante, algo que situe o masculino e o feminino dentro de um mesmo conjunto. Deste modo Jones, Horney, entre outros, tem o mérito de considerar a inveja do pênis não mais irredutível.

O pênis, enquanto órgão, perde sua razão determinante, uma vez que outros objetos surgem em possibilidade de ocupar seu lugar. Assim tais objetos, incluindo o pênis, assumem um papel não mais de determinação, mas sim signos que em si carregam um desejo. Deste modo acrescenta Maria Torok (1964):

Não parece inútil, depois desses autores, enfatizar o seguinte: para o analista os objetos coisas não poderiam passar de signos ou temores, conscientes ou inconscientes, em outras palavras, lembranças desses momentos subjetivos a partir dos quais o sujeito os instituiu. (p 129)

Em sentido similar, Lacan (1972 - 1973) rompe com tais tentativas ao atribuir masculino e feminino como conjuntos que se fundam em relação ao posicionamento adotado

diante daquilo que ambos não possuem. A inveja do pênis não se dá por sua realidade enquanto órgão, mas sim enquanto idealização daquilo que ele imaginariamente representa, “é evidente que se trata de uma significação instituída: ‘a coisa’ – seja ela qual for – que a gente não tem” (TOROK, 1964, p. 132).

Deste modo, a inveja do pênis não se dá às mulheres pelo órgão, e sim por se atribuir nele uma representatividade daquilo que elas não possuem, mas que os homens também não. A falta anatômica, por parte das mulheres, do pênis, serve para designar no real do corpo a falta humana, e assim o pênis assume seu caráter imaginário de ser aquilo que se deseja, por se supor que ele poderá suprir. Dessa forma, a inveja do pênis contribui como aquilo que surge no lugar de um desejo recalcado, desejo do alcance do inacessível, posto biologicamente pela distinção anatômica dos corpos.

Disso se trata o ódio e a hostilidade voltada à mãe, ódio que se apresenta na privação do pênis, mas que camufla o ódio da falta, ou seja, ódio e hostilidade legítimos por uma privação real de sua presença e que dão suporte ao ódio e hostilidade irrealis pelo recalque do desejo. Diz Torok (1964):

Quando uma menina diz a Mãe que vive nela: ‘Eu odeio você por causa dessa coisa que você não me deu’ ela diz também: ‘Esse é um ódio legítimo como é evidente a falta dessa coisa. Mas, tenha certeza, eu considero ilegítimo o verdadeiro ódio que vive em mim em razão do recalque que você impõe a meu desejo. (p. 132)

E prossegue:

[...] o sexo que a gente não tem se presta, perfeitamente, à representação do inacessível, já que ele é por natureza estranho às experiências do próprio corpo. É ele, portanto, que simboliza muito bem o interdito que atinge precisamente experiências do corpo com relação à limitação do próprio corpo. (p. 133)

O que nos parece interessante para o nosso estudo são algumas distinções que podemos compreender destes argumentos. A inveja do pênis esta posta no conteúdo imaginário que nele se deposita. Dessa forma, enquanto órgão, o pênis é um objeto coisa que representa algo a mais, algo que a menina volta-se à mãe no sentido de reivindicá-lo, reivindicação que atesta para a manutenção dos privilégios da mãe. É à mãe que lhe será feita uma solicitação no sentido de lhe cobrar uma ausência, o que alude ao controle e a posse, por parte da mãe, desta ausência. Apresenta-se, assim, uma mãe soberana que comanda atos; é para esta mãe, imaginária também, que a menina irá solicitar aquilo que ela não lhe forneceu – o pênis coisa no sentido imaginário que ele comporta.

Torok (1964) irá dizer da mãe anal, uma mãe controladora e dominadora das coisas – do pênis coisa – do qual privou a filha. Seria, então, por receio desta mãe controladora que a filha abriria mão dos seus atos de dominação, inclusive esfínteriana, iniciando-se assim uma relação anal pautada no domínio e posse.

A questão conflituosa da menina com sua mãe se dá sob o conflito com a mãe anal detentora e dominadora dos atos. Quando a menina volta-se ao pai, busca encontrar o objeto de desejo da mãe, retornando à cena então, todos os conflitos existentes. A mãe mais uma vez surge como eminentemente perigosa, uma rival preste a destruir ou que necessita ser destruída frente o desejo da filha.

A relação anal se faz marcante, pois a filha concede inicialmente à mãe o poder de domínio sobre aquilo do qual ela foi privada, o que entendemos como o seu próprio desejo. O desejo aqui, se bem entendemos, é a total presença da mãe: assim parece que o ódio voltado à mãe é justamente por a mãe não se entregar na totalidade à filha. A mãe não lhe entrega o que

ela deseja, entrega, em sua suposição, ao pai. A distinção anatômica ganha relevância, pois a menina irá supor que é o pênis que possibilita a totalidade com o Outro. Assim, a menina justifica seu ódio por sua mãe não se entregar a ela, por uma falha em sua anatomia, falha que recai sobre a mãe por ela ter lhe privado desta parte que captura seu desejo, mas que na realidade inconsciente indica o ódio pela ausência da mãe.

Isto é o que podemos perceber nos dois modos que Darci apresenta sua mãe. De início uma mulher controladora e de difícil convivência, onde podemos entender se tratar de uma fixação da mãe anal. A mãe de Darci não se entrega totalmente ela, é ausente, talvez em demasia, e é sobre isso que recai a queixa de Darci: uma mãe que se controla, não se entregando totalmente, o que Darci enuncia como difícil convivência. Darci revela sua hostilidade em relação à mãe por ela se colocar entre ela e o pai, o que concomitantemente atesta o desejo da mãe se voltar ao pai, assim Darci vai ao encontro do pai, para desde aí encontrar o desejo da mãe negado a ela.

É nesta condição que Darci apresenta sua fixação, uma questão imaginária que encontra no pai o representante fálico. A questão de Darci não está em desejar o desejo do Outro, o que a conduziria por uma dinâmica desejante, posto que o desejo do Outro seja inapreensível, por todos os substitutos do pênis que Freud aponta – fezes, pênis, dinheiro, bebê – mas antes na capturação e obturação da falta o que a conduz a uma fixação imaginária do falo. Darci não é uma mulher fálica, ao contrário, entendemos que Darci é uma mulher que busca ser falo ao desejo do Outro.

6. Tudo é possível, desde que impossível

*Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...
Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,
E assim será possível; mas hoje não...
Não, hoje nada; hoje não posso.
A persistência confusa da minha subjetividade objetiva,
O sono da minha vida real, intercalado,
O cansaço antecipado e infinito,
Um cansaço de mundos para apanhar um elétrico...
Esta espécie de alma... Só depois de amanhã...
Hoje quero preparar-me,
Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...
Ele é que é decisivo.
Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...
Amanhã é o dia dos planos.
Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o mundo;
Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...
Tenho vontade de chorar,
Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...*

*Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.
Só depois de amanhã...
Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana.
Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infância...
Depois de amanhã serei outro,
A minha vida triunfar-se-á,
Todas as minhas qualidades reais de inteligente, lido e prático
Serão convocadas por um edital...
Mas por um edital de amanhã...
Hoje quero dormir, redigirei amanhã...
Por hoje, qual é o espetáculo que me repetiria a infância?
Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,
Que depois de amanhã é que está bem o espetáculo...
Antes, não...*

*Depois de amanhã terei a pose pública que amanhã estudarei. Depois de amanhã serei
finalmente o que hoje não posso nunca ser.
Só depois de amanhã... Tenho sono como o frio de um cão vadio.
Tenho muito sono. Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...
Sim, talvez só depois de amanhã... O porvir... Sim, o porvir...*

(Adiamento. Álvaro de Campos)

É bastante comum, quando se diz da neurose obsessiva, referir-se ao desejo, uma vez que com frequência o paciente obsessivo é posto como aquele que foge da manifestação do próprio desejo. Isso se dá apoiado no intento obsessivo de tamponar a falta tanto do Outro, se colocando como aquilo que lhe supre, como a própria falta, colocando-se como aquilo capaz de suprir o Outro.

Desse modo, podemos dizer que a neurose obsessiva busca uma espécie de imutabilidade da ordem desejante, uma tentativa de estabilidade que evite qualquer desdobramento do desejo. Assim, a regularidade, a constância, a rotina, são atributos valiosos ao paciente obsessivo visto que lhe possibilitam o controle sobre si e sobre o mundo evitando que o desejo se manifeste. Isto é o que nos mostra Darci ao dizer de sua rotina cujo objetivo é domesticar seu interior, conforme ela relata.

Em outro momento, diz de sua desistência do tratamento no instituto do sono, devido ao monitoramento de seu dormir. Darci apresenta sua necessidade de se sentir segura, seu estado de alerta é constante, mas falho, e ela acaba por ser devorada por um urso em uma caverna. A fera selvagem a ela, sempre lhe escapa e lhe faz despertar do sono em sobressalto. Darci inicialmente queixa-se de problemas para atingir o sono profundo, segundo o que ela própria diz. Para além do sono, sua impossibilidade está em atingir e ser atingida, seja no contato com outros, seja na percepção e aceitação dos seus próprios sentimentos. Seu estado de vigília é constante e Darci é uma eterna vigilante de si mesma. Mesmo quando dorme seu sono é interrompido abruptamente com ideias de que há alguém em seu quarto, o que a faz voltar à vigília.

Ao longo de toda sua análise, Darci não relatou um único sonho sequer. Não relatar um sonho não significa necessariamente não ter sonhado, mas significa ao menos uma tentativa de anular sua existência, de negar a ocorrência mesma do sonho. Freud nos demonstra em “A interpretação dos sonhos” (1900) que uma, entre outras funções de um sonho, é a manifestação de um desejo infantil inconsciente, e que durante o sono há um rebaixamento da censura, o que possibilita que um conteúdo inconsciente ultrapasse a barreira da censura e se manifeste na consciência na forma de um sonho.

O conteúdo aparentemente sem sentido, desconexo e irreal de um sonho é justamente o que possibilita ao desejo recalcado um disfarce que burle a censura que se encontra amenizada por ocasião do sono. Entende-se que o relato de Darci de se perder em um deserto, encontrar abrigo numa caverna e acabar devorada por um urso obedece aos mesmos disfarces e deslocamentos de um sonho. Estes disfarces nada mais são que os deslocamentos e as condensações das quais se vale o inconsciente para revestir um conteúdo reprimido e lançá-lo rumo ao consciente na forma de uma produção onírica.

Entretanto, considerando que no inconsciente encontram-se os traços mnêmicos, os representantes ideacionais, os afetos e as representações de coisa, conforme nos ensina Freud, entendemos que o ato mesmo de se relatar um sonho já é um processo defensivo, isto é, o enredo, a história que se inventa são tentativas de elaborações que o eu, palco das defesas, lança mão para dar um corpo, um contexto aceitável, ao conteúdo recalcado no inconsciente que lhe escapa.

Com Darci não é assim que ocorre, sua defesa se mostra muito mais radical, seu não dormir lhe possibilita um estado de excessiva vigilância. Inclino-nos a pensar que Darci evita atingir o sono profundo, pois é neste estágio que a censura menos incide sobre o

inconsciente o deixando mais livre para descarga de conteúdos recalçados. Darci não dorme para evitar sonhar, ou melhor, Darci não dorme para que desejos recalçados no inconsciente não lhe venham assombrar não só a noite, mas também o dia.

A equação de obstruir a manifestação da falta através da supressão do desejo é possível ao obsessivo, pois é no desejo que a falta se manifesta. Todo desejo traz em si um buraco, uma incompletude, uma falta, falta que aquilo desejado visa obturar, completar, saciar. Pode-se dizer que no desejo há sempre um não desejo, um não desejar na tentativa de não fazer emergir a falta que o desejo revela. Neste esquema que se apresenta, entende-se que existe uma falta que produz um desejo por algo que se almeja suprir a falta, ou seja, um objeto visado capaz de suprir a falta. Teríamos, então, uma equação na qual o desejo por um objeto visado se daria na tentativa de anular uma falta já dada. Entretanto, as coisas não se dão simplesmente desta maneira.

Entendemos, com Freud, em “Inibição sintoma e angústia” (1926) e “Ansiedade e vida pulsional” (1933) que a falta, o buraco que o objeto visado tende a suprir, relaciona-se à uma perda, uma separação sofrida pelo indivíduo de seu primeiro objeto de amor. Cada objeto desejado, posterior a esta perda primordial, seria a tentativa, sempre faltosa, de reencontrar este primeiro objeto perdido, este estado mítico de satisfação. O objeto desejado é sempre substituto deste primeiro objeto perdido, percebemos assim, que o objeto visado não é o que origina o desejo, há algo anterior ao desejo que transforma um objeto em um objeto desejado, uma espécie de apetência que produz o desejo, algo que impulsiona o indivíduo ao querer, ao desejar e capacita um objeto como desejável.

Freud nos diz em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) que o objeto é o companheiro da experiência sexual. O companheiro, não a fonte, não a causa, mas sim o

companheiro, algo que está junto. Já em uma carta destinada a Carl Jung, Freud escreve que o objeto não é uma coisa real, no sentido físico, senão uma coisa fantasmática no sentido psíquico. Entende-se que no objeto desejado algo que não é de sua realidade, e sim psíquico àquele que o deseja, o acompanha.

A perda do primeiro objeto de amor produz uma falta jamais suprida, as necessidades subsequentes são representantes desta falta primordial, assim os objetos desejados são representantes deste objeto perdido para sempre. Talvez se possa dizer, como tentativa de exemplo, que a falta primordial produz outras faltas que a representam, estas faltas representativas encontram objetos que as completam momentaneamente, mas à falta originária, esta nunca é suprida. Portanto, o objeto é sempre outro, pois se desloca sempre na busca incessante do objeto criado e perdido.

Aprendemos com Freud que a experiência tida com o primeiro objeto de amor deixará marcas no psiquismo que guiarão, futuramente, uma tentativa de reencontro deste objeto. Entretanto, a perda deste objeto primordial traz em si algo que escapa a qualquer representação. Trata-se de um furo que causa no sujeito um movimento de reencontro do objeto perdido; é desta busca, dada por um furo, que o desejo advém e impõe ao sujeito⁷ um movimento, mas tal busca é por algo que sempre escapa, algo que não encontra representação em qualquer objeto e que não se sacia. Essa parte da satisfação perdida com o objeto primordial, isso que jamais será preenchido com nenhum outro objeto, Freud chamou de *das Ding*.

⁷ O termo sujeito, ao longo do tempo, teve seu significado expandido a tal ponto em que hoje não temos uma definição segura para seu emprego. Sujeito pode ser usado para designar aquele que detém o controle sobre si e suas ações, tornar-se sujeito; mas também pode ter significado totalmente inverso a assumir o sentido de dominado, de estar sujeito a algo ou alguém. Pode, também, ser empregado como sinônimo de indivíduo, ou adquirir relação entre o objetivo e o subjetivo. Neste trabalho empregamos sujeito de modo bastante simples, entendemos sujeito como humano vivo.

Posteriormente em 1959, Lacan virá a trabalhar o conceito de falta em seu “Seminário VII – A ética da psicanálise”, referindo-se ao *das Ding* freudiano como a falta na origem, o vazio por excelência. Lacan demonstra que a falta não será relativa ao objeto primordial, senão a causa: ela está na origem da experiência do desejo. O que Lacan parece dizer é que a perda do objeto de amor não produz o desejo de reencontro, mas que a falta produz o próprio objeto que virá a ser desejado reencontrar. Entendemos assim, que o sujeito não tem um desejo, mas sim que o desejo tem um sujeito. O sujeito do desejo, em outra acepção da terminologia, que diz Lacan, entende-se, sujeitado pelo desejo, o sujeito como a casa do desejo.

Desse modo, entender o neurótico obsessivo como aquele que evita a manifestação do próprio desejo se torna muito pouco esclarecedor e de certo modo simplista. Evitar o desejo é o próprio desejo obsessivo, e assim há manifestação do desejo por uma tentativa de anulação de sua causa.

Isso é o que Darci nos diz quando evita dizer, quando se esquivava toda a vez em que se aproxima o risco do incerto que contém uma abertura. Incerto, pois se trata do Outro, da dúvida e enigma do Outro, deste modo ela se mantém em um circuito fechado, observado por um movimento discursivo elíptico, e esquivo, cuja finalidade está em impedir uma abertura erógena e em si desejante.

Darci não vai ao parque do Ibirapuera, não vai à praia visitar seu primo, e se envolve com homens que não lhe podem corresponder. Suas paixões são impossíveis, seus amores são casados ou homossexuais, e é interessante pensarmos que a impossibilidade está, para Darci, intrínseca na própria origem do desejo. A perda se mostra não como uma abertura ou desdobramento do desejo, mas antes por uma impossibilidade própria do desejo.

Percebe-se, pois, que desse modo há um duplo movimento onde Darci evita correr o risco da assunção da falta, e assim se preserva de ter que se haver com ela. Ou seja, se impondo amores impossíveis desde o início Darci evita uma possível relação, relação onde certamente o risco de não ser o que completa o outro seria evidenciado e, portanto, ela se tornaria faltosa de ser capaz de completar o outro.

Inaceitável para Darci é deixar que o desejo se manifeste enquanto algo que não se completa, que permanece como um buraco, mas como um buraco que causa o desejo por um objeto qualquer, buraco que reveste o objeto como desejável. Dizer que Darci não deseja não é correto, ela deseja ir ao parque, ela deseja um companheiro, mas o que aterroriza Darci é que o desejo não se encerre e que continue a existir um buraco nela e no Outro, por isso ela se impossibilita machucando o joelho ou se apaixonando por homens impossíveis. Um sofrimento atroz, mas que lhe garante a manutenção da ilusão de que há este ideal de completude em algum lugar, o que lhe dá a iludida vantagem da possibilidade futura, ela irá ao parque, mas no ano que vem; ela irá à praia, mas no próximo verão, sempre no futuro, mas um futuro que nunca chega. A ela só resta, como ela mesma diz, matar o tempo enquanto o tempo a enterra.

6.1. A causa e a angústia

Partindo de nossa observação, afirmamos que há desejo em Darci, entretanto ela o manifesta em um movimento de anulação, pois assim evita lidar com a falta. Desse modo, entende-se que na neurose obsessiva o desejo é justamente que ele próprio não apareça, portanto é necessário um passo além que nos leve, na medida do possível, em direção à

origem do desejo, entender o que há em sua causa e que o torna um terror é fundamental a esta altura. Assim, aproximamo-nos daquilo que Lacan disse ser sua única contribuição à psicanálise: há algo anterior ao desejo que o causa, assim existe um objeto causa do desejo, que Lacan denominou objeto pequeno 'a'. Se, aprendemos com Freud que o desejo constitui o humano, com Lacan temos que há um objeto causa do desejo, assim só podemos nos aproximar do objeto 'a' na origem do sujeito. Acreditamos ser o objeto 'a', a causa do desejo, aquilo que Darci não pode se separar.

É, pois, a entrada na linguagem que possibilita que o humano advenha, portanto a linguagem está na origem no sujeito. Tal inserção na linguagem só é possível com a existência de um interlocutor, assim está no texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”. Neste texto de 1949, Lacan aponta que o sujeito apenas reconhece a imagem de si refletida através do olhar de um outro que lhe signifique a imagem refletida como sendo a de si próprio, isto é, o sujeito só se reconhece a partir do olhar do Outro. Entendemos que o processo de constituição psíquica de um ser humano encontra este mesmo mecanismo em acontecimentos muito mais arcaicos, ou seja, o estádio do espelho no rigor de sua formulação nos mostra o reconhecimento e apropriação do corpo, mas o cerne de sua ideia, isto é, a interpretação do sujeito pelo Outro que o significa e assim o sujeito se reconhece, está posto desde o nascimento, e não se restringe, apenas, à fase do espelho propriamente dita.

Esse olhar do Outro, um olhar desejanste que possibilita a libidinização de um corpo tornando-o um indivíduo, opera um recorte, uma distinção da imagem refletida do todo, isto é, o sujeito reconhecido por esse olhar se distingue da totalidade da imagem; disto decorre o reconhecimento do corpo distinguido da totalidade, mas também dividido, recortado, atravessado pelo olhar que o reconhece. Esta é a proposta lacaniana de divisão do sujeito.

Deste investimento libidinal, conferido sob o olhar do Outro, uma parte da libido não passa pela imagem refletida, decorrendo, assim, um resto. Resto que se dá de uma operação entre o Outro e o sujeito: uma parte da libido não passa pela imagem refletida uma vez que aí se situa o desejo do Outro, não é possível apreender o desejo do Outro, falta um *quantum* e esse resto representa esta falta, este resto é o objeto 'a'. Assim, o objeto 'a' está nesse lugar de resto, como “aquilo que sobrevive da operação de divisão do campo do Outro pela presença do sujeito” (LACAN, 1962-63, p. 243).

O objeto 'a' sendo um resto dessa operação entre o sujeito e o Outro não pertence, tampouco, nem a um, nem ao Outro, está entre ambos. Podemos pensar na placenta, como exemplo, pois não pertence nem a mãe, nem ao feto, ela existe a um por causa do outro. Dessa forma o objeto 'a' é parte do sujeito, parte do Outro, pois nele está posto o enigma do seu desejo. Assim entendemos o temor de Darci, pois para acatar os desígnios do desejo é necessário que anterior a isso se acate o buraco, de si, e o que parece ser pior para ela, acatar o buraco do Outro.

Dissemos que há no desejo algo da ordem de uma apetência, que torna um objeto desejável, nesta apetência encontra-se o objeto 'a' que por um lado causa o desejo por um objeto, e por outro, representa a especulação do desejo do Outro em relação a si.

Sendo uma apetência, o objeto 'a' pode ser entendido também como uma reserva libidinal, uma parte da libido que não passa pela imagem virtual e permanece no corpo como algo pulsante. Esta reserva permite que não haja o esvaziamento libidinal na demanda do Outro, o que decorre em importantes desdobramentos. Evitando o esvaziamento na demanda do Outro, esta reserva possibilita manter a alteridade do Outro, sua diferença, mas também

cria um enigma acerca do Outro no sentido de não revelar qual o seu desejo, assim cria-se a crucial questão: o que o Outro quer de mim?

Assim entendemos que o desejo é sempre com o Outro, o que nos falta é sempre do lado do Outro, por isso o objeto é sempre outro; o desejo não se sacia porque sua causa não está somente do lado do sujeito, mas também relacionado ao enigma indecifrável do desejo do Outro. Diz Lacan em seu “Seminário X – A angústia” “ao persuadir o outro de que ele tem algo que pode nos completar, nós nos garantimos de poder continuar a desconhecer precisamente aquilo que nos falta” (p. 128).

Vimos que o objeto ‘a’ se refere a um resto da operação de divisão do sujeito, mas em sendo parte do sujeito e parte do Outro, uma vez que garante sua alteridade representando o enigma de seu desejo. O objeto ‘a’ também encerra em si a angústia, pois ela se dá justamente neste enigma de não se saber do desejo do Outro, ou seja, o resto libidinal, esta reserva psíquica que garante constituir o objeto como desejado, atesta a falta que estrutura o sujeito, a falta do Outro, que produz a angústia e crava a questão: o que quer o Outro de mim? A angústia é o afeto desta não resposta, resultado daquilo que o sujeito imagina ser o desejo do Outro acerca de si.

No momento de da virada entre o investimento no outro (desejo) e a retração narcísica (identificação), a angústia comparece como índice de que nem tudo no campo dos investimentos se desdobra em identificação. Este resto não incorporável no eu, esse resíduo de investimento narcísico, isso que não entra na imagem especular é postulado por Lacan como sendo causa da angústia. (COMARÚ, M., 1995, p. 11)

Assim, entendemos que na neurose obsessiva a tentativa é, para além de evitar o desejo, recalcar a angústia que surge juntamente com o desejo e com sua própria causa.

Angústia, pois o desejo se dá juntamente com o Outro, sempre desconhecido e enigmático. Entretanto, a angústia não significa uma qualidade do sentimento, uma emoção, ou tampouco uma inibição ou impedimento. A angústia é antes um afeto. Lacan é bastante claro neste sentido quando na página 23 de seu livro 10, o seminário sobre a angústia, diz: “Que é a angústia? Afastamos a ideia de que seja uma emoção. Para introduzi-la, direi que ela é um afeto”.

Como afeto, portanto, não há recalque sobre a angústia; o recalque não se dá sobre o afeto, mas sim sobre o significante que o representa, conforme nos mostra Colette Soler⁸:

E Lacan lembra um grande bê-á-bá da psicanálise sobre o afeto, que nos não esquecemos, mas que manejamos em geral muito mal – eu falo dos analistas, a partir disto que uvimos deles mesmos: o afeto, os afetos em geral, especificamente a angústia, não são recalcados; aquilo que é recalcado são os significantes. É uma tese freudiana. A única diferença com Lacan é que lá onde Freud fala do recalçamento, das representações ou dos representantes da representação – ele tem, portanto, um outro vocabulário, representação e representante da representação -, Lacan tentou desenvolver e trazer a luz de um modo muito convincente a ideia de que estamos lidando com significantes, acrescentando que um significante não é necessariamente uma palavra. (p. 24, 25)

Tomar a angústia como um afeto significa não entrar em uma psicologia que trate do afetivo, das emoções e que se restrinja ao sentir e ao querer. Assim, a angústia não é tomada por Lacan como uma emoção, ou qualidade do sentimento, mas algo fundamental na constituição do humano e tendo sua representatividade através da ordem de uma perturbação.

Entendemos tal perturbação como aquilo relacionado ao enigma do Outro, ou seja, uma perturbação causada pelo Outro que nos escapa justamente pelo inapreensível de seu

⁸ Texto extraído de seu Seminário no ano de 2006 – 2007 e recentemente publicado na Coleção Pathos da editora Escuta sob o título: “Seminário de leitura de texto. Ano 2006-2007. Seminário A angústia de Jacques Lacan”.

desejo. Desse modo, a angústia está intimamente relacionada ao enigma do desejo do Outro. Lacan aponta a dimensão do Outro como lugar significativo para a definição de angústia, pois o vínculo da angústia ao desejo do Outro está relacionada ao fato de que a angústia é a própria portadora deste enigma junto ao sujeito.

Assim, estando à angústia como afeto oriundo do enigma do desejo do Outro, ela é aquilo que dele se provoca no vivente, ou seja, a angústia é aquilo que aparece no lugar impossível de apreender o desejo do Outro. Deste modo, sendo o objeto 'a' a causa do desejo, representado como um resto pertencente ao sujeito daquilo que se especula querer o Outro, a angústia encontra neste objeto seu próprio objeto. Logo a causação do desejo é a própria manifestação da angústia.

A tentativa do sujeito de estabelecer um corpo, isto é, de estabelecer um objeto, neste sentido o objeto especulado, faz surgir algo no lugar da falta: é isto que produz a angústia, quando algo surge no lugar onde nada deveria aparecer. Entendemos que a angústia se dá quando uma falsa demanda engendra uma resposta obturante que não preserva esse vazio, causa do desejo, uma obturação que nada tem a ver com o conteúdo da demanda em si, visto que o objeto é sempre outro, e é nesta aparição falaciosa que surge a perturbação em que a angústia se manifesta.

É isso que notamos em Darci, mas não é isso que ela nos diz. Notamos isso pela sua tentativa de manter uma distância que evite a constatação, ou melhor, a aparição da perturbação de seu contato com o outro. Tentamos dizer com isso que não é possível escapar da angústia; entretanto, há um modo particular que cada sujeito lida com ela, isto é, um modo como um sujeito a experimenta e dela se defende. Em Darci, sua defesa se dá numa espécie de desprezo, de desqualificação do desejo; notamos isso quando ela se refere à cidade litorânea

dizendo que não é mais a mesma, antes era melhor, ou também quando ela diz que se interessa em uma atividade realizada no parque, mas que tal atividade se encerrará, então, qual a razão em ir ao parque?

Empecilhos, interditos, impossibilidades, entendemos que assim Darci se defende da angústia, o que por outro lado a impede de fluir numa dinâmica desejante e por vezes prazerosa.

Unheimlich consagra Freud (1919) “é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e a muito familiar” (p. 238). Adiante, neste mesmo texto cujo título é “O estranho”, aponta o seguinte:

O que mais interessa neste longo excerto é descobrir que entre os seus diferentes matizes de significado a palavra *heimlich* exibe um que é idêntico ao seu oposto, *unheimlich* [...].

Em geral, somos lembrados que a palavra *heimlich* não deixa de ser ambígua, mas pertence a dois conjuntos de ideias que, sem serem contraditórias, ainda assim são muito diferentes: por um lado significa o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora da vista. (p 242, 243)

Interessante notar que esta ambivalência que observa Freud acerca do *heimlich* nos remete a um texto inicial de sua obra, em seu “Projeto para uma psicologia científica” (1895), onde o desamparo primordial é posto dividido. O desenvolvimento dado na relação do sujeito com o primeiro objeto de amor se mostra também ambivalente, e Freud apresenta esta divisão em duas partes: uma delas refere-se a uma face acolhedora e amistosa do objeto, outra, porém, se apresenta hostil, estranha, pois não se deixa apreender na totalidade.

Deste modo, entendemos que o *heimlich*, o estranho, se dá entre o amparo proporcionado pelo objeto, e a impossibilidade de apreendê-lo na totalidade, ou seja, seu

enigma. Esta ambiguidade clarifica que a angústia não se relaciona a perda do objeto primordial, mas sim com seu amparo, pois nele algo enigmático diz respeito ao Outro. Neste sentido, entende-se com Lacan, que a perda do objeto não se relaciona com sua ausência, e sim à sua presença que porta um enigma. Darci diz se sentir estranha, como se seus desejos fossem proibidos, e esta estranheza em Darci a remete a um lugar de há muito tempo conhecido, lugar da impossibilidade, da desqualificação, falaremos disso quando tratarmos do erotismo anal.

Se há sempre algo da dúvida na demanda primitiva, esta incerteza preserva o lugar do desejo. Darci tenta não duvidar, transforma o desejo em demanda: ela sai às compras de uma série de objetos ‘necessários’ para sua ida ao parque, para que este encontro com o Outro (parque) seja controlado em sua incerteza (choverá, ou terá sol?), algo além de si mesma, inapreensível, dúvida que não cessa, assim ela se machuca não vai ao parque, e desqualifica o desejo, mas consegue a contrabando uma satisfação de supor controlar o desejo, tornando-o demanda. Dessa forma, ela retorna ao lugar já conhecido da impossibilidade.

O desejo está manifestado em Darci, entretanto, o tocante daquilo que dele é inapreensível é, para ela, insustentável. A angústia que está relacionada a este inapreensível do desejo o transforma em demanda, ações que visam satisfazer o desejo, mas também anular aquilo que dele é inapreensível, parcela do enigma do Outro na constituição da causa do desejo, do objeto ‘a’. O parque ou a cidade litorânea não lhe oferecem, ou não são mais como já foram, um lugar conhecido, satisfatório, mas antes, que a ela foi impedido satisfazer-se deles.

Portanto, a angústia não é sem objeto, o que não significa dizer que ela tem um objeto. O objeto que se trata na angústia é esse objeto que é apenas um lugar, que tem um estatuto

especial de causa do desejo: o objeto 'a', e é isso que Darci nos comprova: se machucar, dizer que a cidade praiana é violenta, se apaixonar por um homem casado, são maneiras que dão, para Darci, um contorno, uma explicação para sua angústia, angústia que surge quando ela não consegue absorver a totalidade do desejo.

Lacan em seu "Seminário XX – A Angústia" (1962-1963) realiza uma inversão naquilo que Freud trata em "Inibição, sintoma e angústia" (1926). Freud diz neste texto que a angústia é sinal da perda do objeto; para Lacan ela se torna a intervenção do objeto 'a', e se manifesta na relação do sujeito com este objeto. São várias as maneiras com que Darci se defende da angústia, mas todas se dão no sentido de controlar o objeto 'a', de não aceitá-lo em sua parcela de alteridade, alheio a si e não na totalidade de sua posse.

A angústia apresenta à função da falta. A angústia introduz a função da falta, no sentido de que ela é, para a psicanálise, radical. A relação com o Outro está neste ponto de vazio de inapreensível, ponto que não pode ser significado por se tratar de um buraco. A angústia, compreendida como manifestação daquilo que é do desejo do Outro ganha importância com Lacan, pois ela se mostra como aquilo que surge no sujeito, mas diz respeito ao Outro, deste modo se refere à especulação que o sujeito tem acerca do Outro, assim, trata-se da especulação do sujeito acerca do desejo. A relação com o Outro para Darci, além de inacessível, se mostra violenta e surge inesperadamente para devorá-la, tal qual o urso ou a impressão de alguém em seu quarto à noite, seja no parque, na praia e até em sua tentativa de se refugiar em um deserto, deserto desejante onde tudo permanece a salvo da vida.

Quando, por razões de resistência, de defesa e de outros mecanismos de anulação do objeto, o objeto desaparece, permanece o que dele pode restar, a direção para o seu lugar, lugar de onde ele, a partir de então, se ausenta... Quando atingimos este

ponto, a angústia é o último modo, modo radical, sob o qual o sujeito continua a sustentar, mesmo que de uma maneira insustentável, a relação com o desejo.(LACAN, 1992, p. 353)

O sujeito não é, se assim podemos dizer, reconhecido ou desconhecido pelo Outro, o Outro o interroga naquilo que dele se faz enigma, trazendo desta forma, uma causa ao sujeito. Esta é a raiz da causa como causa do desejo e não como objeto do desejo. O único modo de romper este aprisionamento é se render a ele, o desejo, como diz Lacan, é o remédio contra angústia.

Remédio que Darci não toma, ela se aprisiona em transformar esta causa em demanda, em ação que pede controle e domínio: entendemos assim ela controlar seu dia não deixando que nada lhe escape, se preparar para o passeio no parque, mas também dominar o Outro, pescar, caçar com o pai, e, até mesmo, mantendo uma comunicação mental com seu pai, o que entendemos ser uma demanda dirigida à mãe; ela, Darci, domina o pai, que se insere como desejo da mãe.

Para compreendermos isso em Darci é necessário observarmos as transformações ocorridas em seu discurso em relação aos seus pais. Inicialmente, o pai foi dito como um pai agradável e amistoso, e sua mãe uma mulher, para ela, de difícil convivência. Entretanto, seu discurso se modificou ao longo da análise, o pai se transforma em uma figura severa e autoritária, e a mãe em uma mulher carinhosa. Assim, a identificação de Darci com o pai se refere em dominar o desejo da mãe. Uma articulação edípica cercada pelo ódio e hostilidade em relação à mãe, a isso se refere a analidade, a mãe anal e à identificação imaginária de Darci com o falo.

Encerramos este capítulo entendendo a angústia como um afeto que se mostra pulsante, que se desloca dos significantes recalcados restando à deriva. Dessa forma, não é possível fugir a angústia, ela se faz um afeto fundamental do humano, ela é o que resulta da divisão do sujeito, divisão entre o desejo e o gozo. Nesse sentido é fácil cometer o erro de compreender a angústia como não tendo um objeto, há objeto na angústia sendo ele o próprio objeto 'a'.

6.2. O controle e a erótica

*Custava-lhe esforço aquela decência tranqüila,
aquela face calma - nervosa,
no cansaço da noite maldormida,
da luta inglória
contra o desejo em brasa do seu ventre.
Por fora água parada,
por dentro uma fogueira acesa.
(Jorge Amado)*

Estarmos em contato com Darci, sempre nos remeteu nos relacionarmos com o controle. Esta era a ideia que sempre ficava como pano de fundo em todos os atendimentos, de um lado ela evitando e se esquivando, nisso que chamei de movimento elíptico; de outro o clínico insistindo em quebrar essa ordem circular. Pensando, posteriormente, travávamos uma espécie de batalha transferencial, ela retendo e o clínico almejando a expulsão disso que ela retinha.

Não é difícil perceber os conteúdos anais envolvidos nestes atendimentos; aliás, o erotismo anal está justamente aí especificado: no controle, na retenção e na expulsão. Diante

disso nada mais adequado nos voltarmos a este ponto, tão especial e participante das organizações obsessivas. Transpor a maneira com a qual a criança se relaciona com as fezes para um modo de se relacionar consigo mesmo e com os outros na vida adulta representou, mais uma vez, alvo de inúmeras críticas à psicanálise. Freud foi o corajoso mestre que inicialmente deu atenção a tudo aquilo que os outros não atentavam.

A sexualidade infantil e as zonas erógenas pré-genitais foram discutidas a partir dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, texto freudiano de 1905. Neste trabalho Freud considera a existência da zona erógena anal e, conseqüentemente, há uma erótica relacionada a esta zona. Muitos são os aspectos levantados por Freud, entretanto evidenciaremos apenas alguns deles: o controle, a dádiva, a expulsão e a retenção. Acreditamos serem estes os principais aspectos do erotismo anal relacionado à neurose obsessiva.

Em 1908, Freud publica um pequeno texto denominado “Caráter e erotismo anal” onde ele irá alinhar a importância do erotismo anal na constituição do caráter. O raciocínio desenvolvido por Freud nos mostra que na neurose obsessiva há uma regressão da libido para a fase anal do desenvolvimento libidinal, fase onde os componentes instintivos anais e sádicos agem com preponderância. Isso porque inicialmente a criança encontra prazer no ato de defecar. Neste sentido acrescenta Karl Abraham⁹ (1920):

O método primitivo de evacuação da criança coloca toda a superfície de suas nádegas e extremidades inferiores em contato

⁹ Falecido prematuramente aos 48 anos de idade Karl Abraham proporcionou uma curta, porém intensa e importante contribuição à psicanálise. Nascido na Alemanha em 1877 formou-se em medicina em Freiburg, vindo a especializar-se como médico psiquiatra no hospital de Burghölzli de Zurique onde conheceu Carl Gustav Jung que o levou até Freud em 1907. A partir de então passa a integrar o seleto Círculo de Viena, sendo um dos principais personagens da psicanálise alemã. Abraham também fundou a Sociedade Psicanalítica de Berlim, da qual foi presidente até seus últimos dias de vida.

Suas contribuições se baseiam primordialmente nas fases pré-genitais do desenvolvimento da libido. Debruçando-se sobre os escritos iniciais de Freud acerca das fases oral, anal e genital, Abraham propõe as subdivisões da fase oral e anal, entrelaçando-as com a clínica da melancolia e da neurose obsessiva. A amplitude de seus apontamentos é tamanha que influenciaram o próprio Freud fazendo-o incorporar suas ideias às suas.

com a urina e as fezes. Este contato parece desagradável e mesmo repulsivo para os adultos, cujas repressões os afastaram da reação infantil a esses processos. Eles não podem apreciar as fontes de prazer que a libido do bebê pode obter quando o jato de urina morna sobre a pele e o contato com a massa tépida das fezes produzem sensações agradáveis. (p. 176)

Além da satisfação corpórea do contato com estes produtos, há ainda outra fonte de satisfação. Uma satisfação narcísica no sentido da criança produzir sua própria satisfação, isto é, uma satisfação psíquica do ato que nos remete ao poder da realização. Assim, trata-se de uma satisfação narcísica, pois é a própria criança que realiza sua própria satisfação.

Satisfação narcísica que prontamente será abalada pelos hábitos de higiene impostos pelos pais de acordo com as condutas culturais. Há, então, um dano narcísico sofrido pela criança; o sentimento de auto-satisfação é substituído pela gratificação obtida, como por exemplo, no elogio recebido dos pais por ser uma boa criança e fazer cocô no peniquinho.

Prontamente a criança compreende isso, mas compreende também que ela possui algo dotado de valor, algo que ela pode: entregar, reter, entregar no lugar e hora errados ou certos, enfim ela possui algo com o qual pode jogar. Estamos no limiar de transposição do narcisismo primário para o narcisismo secundário, da realização auto-erótica para as relações de objeto, portanto momento determinante no desenvolvimento libidinal.

Abraham (1924) foi o primeiro a atentar a isso e propôs uma divisão da fase sádico-anal em dois estágios, baseando-se na oposição do comportamento em relação ao objeto. Assim haveria um primeiro estágio ligado à evacuação e destruição do objeto – objeto aqui entendido como o Outro – e outro estágio em relação à expulsão, neste segundo estágio o erotismo estaria ligado à retenção, e a pulsão sádica ao controle e posse do objeto.

A passagem de um a outro estágio constitui para Abraham um momento crucial do desenvolvimento da libido. Entendemos que no modo como as crianças e os adultos se relacionam com este primeiro produto infantil balizará todas as futuras relações de objeto da criança, pois neste estágio encontramos a passagem do narcisismo primário para o secundário, e a passagem do auto erotismo para as relações de objeto.

A importância deste estágio se encontra nas exigências culturais impostas pelos pais no sentido de impor a criança o controle dos esfíncteres, a valorização dada socialmente aos primeiros produtos infantis, ou seja, nas primeiras formas de relação da criança com o mundo. Entretanto, para que isso ocorra a contento é necessária uma preparação infantil, isto é, a criança precisa estar pronta e segura para este passo decisivo do auto erotismo em direção às relações de objeto. Diz Abraham (1921)

Esta preparação psicológica só surge quando a criança começa a transferir para objetos (sua mãe, etc.) os sentimentos que originalmente se acham ligados ao narcisismo. Quando a criança adquire essa capacidade, ela se torna limpa 'pelo amor' dessa pessoa. Se a limpeza é exigida cedo demais, irá adquirir o hábito através do medo. Sua resistência interior persistirá e a libido continuará numa fixação narcísica tenaz; resultará disso uma perturbação permanente na capacidade de amar. (p. 178)

A partir destas observações, Karl Abraham iniciará um profundo e detalhado estudo sobre os possíveis desdobramentos desta fase na vida adulta, relacionando-os com a neurose, psicose e melancolia. Apesar de extremamente interessante, não é possível neste trabalho percorrer o caminho de Abraham, contudo compreendemos sua importância e almejamos por mais contribuições teóricas e clínicas a respeito, inclusive acreditamos ser profundamente

importante um resgate a Karl Abraham, figura importantíssima no desenvolvimento inicial da psicanálise e que ficou praticamente esquecida nos estudos posteriores¹⁰.

O intento deste capítulo é articular o controle exercido pela paciente, isto já foi tratado quando falamos do desejo na neurose obsessiva. Entretanto, entendemos poder encontrar um caminho fecundo observando o controle e o desejo dentro de uma perspectiva em relação à fase anal. Assim, nos afastaremos de Abraham, entretanto manteremos sempre que possível um retorno às suas ideias.

É muito difícil na clínica conseguirmos alcançar o cocô, pois é muito difícil, na vida adulta atribuímos algum valor a este produto, ele é desconsiderado e desqualificado, e quando alcançado é tratado como algo sujo e nojento. Importante para analistas, pois nesta relação está posta uma condição especial no contato com o Outro. Entretanto, podemos observar na clínica a relação que um sujeito mantém com seus produtos e com o meio, pois desta forma podemos inferir acerca de sua passagem pela fase anal e, assim, considerar as fixações que nela residem. Assim, Freud (1917) aponta que:

O erotismo anal encontra uma aplicação narcísica na realização do desafio, que constitui uma importante reação por parte do ego contra as exigências feitas por outras pessoas. O interesse pelas fezes é transportado, de início para um interesse pela dádiva e, depois, para o interesse pelo dinheiro. Nas meninas, a descoberta do pênis dá origem a uma inveja desse órgão, que depois se transformará em desejo por um homem, como possuidor do pênis. Ainda antes disso, o desejo de um pênis foi convertido no desejo por um bebê, ou este último tomou o lugar do primeiro. Uma analogia orgânica entre pênis e bebê é expressa pela existência de um símbolo comum a ambos. Um desejo racional conduz, então,

¹⁰ Acerca das contribuições de Karl Abraham referente à fase anal consultar: “Contribuições à teoria do caráter anal (1924) *in* Teoria psicanalítica da libido. Rio de Janeiro: Imago, 1970. E também: “A valorização narcísica dos processos excretórios nos sonhos e na neurose” *in* Obsessiva Neurose. Berlinck, M. T. (org.). São Paulo: Escuta, 2005.

do desejo por um bebê ao desejo por um homem: já avaliamos a importância dessa transformação instintual. (p. 140)

Darci nos diz como ela vivenciou a expectativa em seus produtos e suas consequências e uma possível desvalorização que deles desencadeia. Ela se mostra uma pessoa constipada, com pouca circulação social, solteira, sem filhos, sem amigos. Ela é fugidia em relação ao desejo, anula o seu, imobilizando o Outro. Mas não podemos perceber nela uma criança assim, ao contrário, o que vemos é uma criança entregue ao Outro. Ela se diz uma criança feliz, onde encontrava com amigos no sítio de seus pais e divertiam-se bastante.

O desejo obsessivo, na verdade, não é concebível em sua instância nem em seu mecanismo a não ser pelo fato de se situar como suplência do que é impossível, isto é, no lugar dele. Em resumo, como todo neurótico, o obsessivo já alcançou o estágio fálico, mas dada sua impossibilidade de satisfazer o nível desse estágio, sobrevém seu próprio desejo, o *a* excrementício, o *a* como causa do desejo de reter. Se eu quiser realmente ligar sua função a tudo o que disse sobre as relações do desejo com a inibição, eu preferiria chamar esse *a* de rolha. (LACAN, 2005, p. 348)

Propormos pensarmos a questão anal do seguinte modo: a criança vivencia que os adultos pedem seus produtos, quase imploram por ele. Assim, a criança se considera detentora de algo extremamente valioso que ela produziu, é possuidora de um valor especial. Quando ela entrega, isso que para ela é sua produção valorosa, os adultos desconsideram jogam fora e ainda atribuem um valor negativo aquilo.

Entendemos que o infantil em Darci assim vivenciou a fase anal. Seus produtos sempre foram desconsiderados, ela se entrega ao desejo paterno, vai pescar caçar e tenta realizar tudo aquilo que seu pai deseja, o retorno é, para ela, sua incapacidade, seu pai a desqualifica, diz que o que ela realiza não vale. Também se coloca com prazer naquilo que a

mãe deseja, deixa-se pintar vestir tal qual uma boneca, e não obtém assim um olhar de aprovação, seu pai não lhe nota nessas condições e passa por ela. Há, posteriormente, sempre testes com seus amigos homens, testes que o pai lhes impõe para desqualificá-los e permitir-lhes estar com Darci, lugar do desejo e da desqualificação aos olhos desse pai.

Criança desejada, aos seus olhos, criança exigida além dos seus limites. Darci vivencia uma perda devastadora, a perda do reconhecimento paterno. Para ela o pai a reconhecia em sua capacidade produtiva, a chamava para suas atividades, mas ela não foi capaz de honrar esse reconhecimento, tendo sido des-reconhecida devido a sua incapacidade de sustentar este lugar de reconhecimento. Sua culpa, sua incapacidade. Alfredo Jerusalinsky¹¹ (1999) escreve um lindo texto sobre Camile Claudel argumentando sobre a neurose obsessiva feminina, diz Alfredo algo impressionante em relação à similaridade que encontramos em Darci:

Mas está aqui colocada a questão fundamental da neurose obsessiva. A neurose obsessiva não consiste na ausência ou na carência do reconhecimento. Na neurose obsessiva o sujeito tem um reconhecimento, mas, para sustentá-lo, ele tem que pagar um preço extraordinariamente alto e nunca está seguro de poder sustentar esse reconhecimento passo a passo na sua vida. O drama do sujeito consiste precisamente em que ele tem o reconhecimento, mas se encontra em risco permanente de perdê-lo.

[...] Quer dizer, um grande aparente amor, um grande reconhecimento do pai, que não é precisamente do signo do amor. Poder-se-ia dizer que não é um amor desinteressado do pai, é um amor que tem um preço [...] (p. 30 -31)

Darci se reconhece neste des-reconhecimento paterno, está em dívida quanto a ele, pois não foi capaz de sustentá-lo. Dívida impagável onde o pai encontra os dividendos na chegada do filho homem; ele, o filho, irá acompanhá-lo no lugar de seu desejo, já não mais Darci, ela fica devedora e a aposta paterna segue em seu irmão. Entendemos que talvez sua

¹¹ Texto publicado na Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA, 1999; Vol. 17.

única tentativa em encontrar outro lugar significativo tenha sido o concubinato com um homem casado. Lugar do pecado aos olhos do pai, da desvalorização e do impossível, Darci, em sua busca por um lugar encontra o lugar já de outrora conhecido, o retorno do recalcado consagrado por Freud como *unheimlich*. Aos seus olhos, vitória amarga do pai e mais uma certificação da má qualidade de seus produtos, de seu desejo. Significativo notar que em certa medida ela luta em permanecer de posse deste desejo. Seu irmão caçula, aquele com quem segue a aposta paterna é de posse de Darci, ele mora com ela.

Se lhe é impossível permanecer no lugar do desejo, ela o toma para si, um modo de anular o desejo do Outro e possuir aquilo que o Outro deseja. Morar com o desejo do pai, uma característica anal onde ela toma posse, não lhe entrega por assim dizer, isso que o pai deseja (ou a mãe enquanto desejante do pai), assim entendemos o irmão morar com Darci.

Darci ao vivenciar a perda do reconhecimento em sua capacidade de produzir, imobiliza sua produção, uma mulher estagnada que se aprisiona e aprisiona no insustentável lugar do domínio do desejo do Outro. Seu controle, uma característica sádico anal de posse, mas que apresenta uma condição defensiva diante deste Outro, posse daquilo que o Outro deseja, mas também controle sobre o ódio que sente por perder seu lugar privilegiado no desejo do Outro.

É um modo peculiar de Darci, como suas defesas se mostram, e é necessário sempre voltarmos ao caso, e voltando a ele percebemos sempre algo de importante valor. Notamos que seu discurso em relação aos pais se modifica, o pai outrora contado como uma pessoa aprazível e amistosa ao seu desejo se torna severo e autoritário, a mãe por sua vez passa de uma mulher invasiva e de difícil trato para uma mulher cordial e amorosa, mas um tanto

transparente. Acreditamos que o modo inicial com que Darci se refere a eles é um modo que esconde e a defende.

Já dissemos que a neurose obsessiva encontra com maestria a lacuna no desejo do Outro para ali se alojar, acreditamos que Darci encontra este hiato no desejo materno, hiato suturado pela mãe em seu se calar diante da severidade do pai. Desse modo, Darci se volta ao pai, mas não em uma posição de encontrar nele aquilo que a mãe lhe privou, o que seria uma volta ao pai no sentido de sanar uma falha narcísica em si, mas sim em sentido de controlar e se apossar daquilo que ela crê suturar o hiato do desejo de sua mãe. O que entendemos ser determinante para compreender Darci como uma neurótica obsessiva é o fato de perceber o fracasso do pai, e a partir daí tentar encontrar um traço que o represente como fálico. Entendemos que ela busca no pai, não aquilo de que ela é privada, mas sim daquilo que a mãe é privada, para neste sentido restituí-la e sanar a dívida do pai.

Não entendemos que Darci se volta ao pai para encontrar nele o pênis que a mãe não lhe deu, iniciando assim o deslizamento para os substitutos fálicos que Freud comenta. A questão que percebemos não se passa neste sentido, mas que Darci se volta para o pai para encontrar, e controlar, rivalizando-se com ele, os atributos que fazem dele o pai. Darci se coloca como uma ladra do pai, ladra daquilo que o homem enquanto pai simboliza. Darci vai de encontro ao pai imaginário para tentar roubar dele sua posição simbólica diante do desejo da mãe.

Esta parece ser a questão que a neurose obsessiva na mulher nos coloca, ela se falicisa, não no sentido de encontrar um substituto fálico, mas numa identificação fálica. Queremos dizer que na mulher obsessiva parece não haver um deslizamento através de substitutos fálicos, sejam eles na equação freudiana fezes, pênis, dinheiro, bebês etc., mas sim uma

fixação no próprio atributo fálico. Darci se torna o pai, o pai imaginário, e se porta como ele: ereta e ativa ela se veste e age de forma a ser aquilo que faz do pai um embaixador do pai fálico.

Se não é possível a Darci sustentar o posicionamento no lugar imaginário do desejo paterno, ela o encarna e toma sua aparência. Veste-se, se porta e se comporta de acordo com este posicionamento imaginário; Darci é *country*, uma *cowgirl* na aparência, mas uma mulher que tenta desesperadamente obter um sustento fálico.

Ao contrário da histérica que denuncia a impotência do mestre em lhe dar um significante que a defina como mulher, a obsessiva não denuncia, procura e acha um assento fálico, quer bancando o 'homem da casa'[...] quer encarnando a mãe [...] Porém a clínica nos mostra que o recurso mais habitual das mulheres obsessivas é o de se prenderem à palavra do homem que lhes diz 'tu és minha mulher'. (RIBEIRO, 2005, p. 401)

A questão que está implicada é, segundo acreditamos, não ser necessariamente a mulher de um homem, isto também, mas o de se prender, para se encontrar, na palavra de um homem, o fundamental à neurótica obsessiva é encontrar um lugar de ser o falo, um lugar que lhe assegure um assento fálico. No caso de Darci não é na posição de mulher que ela acredita encontrar, mas na de filha. Seu pai lhe diz: tu és minha filha, e para isso deve se portar de tal forma. Este é o significante que captura Darci, e por ele ela se escravizará, tornando-se aquilo que lhe confere este lugar, lugar da dívida paterna em se mostrar fálico, e falacioso, em relação à mãe, mas ao mesmo tempo se aprisionando nele.

Não há espaço para Darci ser outra, ela não pode ser nada, além de buscar este traço fálico, para restituir a mãe e sanar a dívida do pai. Disso, que lhe é conferido por este significante, entendemos como se a ela fosse dito: para se inserir nesta filiação você terá que

ocupar este, e nenhum outro lugar. Lugar caro de se sustentar. Darci, mesmo se amasiando com outro homem não ocupa outro lugar, está com ele no lugar da outra, posição que o seu pai ataca, mas entendemos que atacaria qualquer posição que não fosse aquela determinada por ele. Assim, Darci se posiciona, com seu amasio, e em todos os campos de sua vida, em um não se posicionar, pois o preço por estar em outra posição é o de perder este lugar significativo de uma origem.

Aqui se começa a ver, parece-me, por que a questão do reconhecimento na neurose obsessiva adquire este peso. Precisamente porque o traço unário que é fundante do sujeito, traço que marca a possibilidade de que o sujeito recolha alguma imagem de si que venha a se repetir ao longo de sua história, na qual ele possa reconhecer-se e que fará, desde o ponto de vista significativo, o estilo de sua produção e de seu engate no discurso social está dado em hipoteca na neurose obsessiva. Isso quer dizer que ele está outorgado, este significativo filiatório, que é o traço unário, que depois se transforma em significativo de reconhecimento, mas que primordialmente é um traço filiatório entra na estirpe desse sujeito, à qual ele é filiado de um modo condicional. (JERUSALINSKY,1999, p. 31 - 32)

Entretanto, entendemos que Darci, ao longo de sua análise, vislumbra a possibilidade de se situar de modo diferente, ao menos ela esboça uma articulação que compreendemos ser em torno de outra posição. Há um momento muito particular e interessante que antecede à mudança de seu pai em seu discurso, um momento onde suas roupas mudam, seu comportamento muda, para logo em seguida o discurso acerca da figura paterna também mudar.

Darci dizia estar se experimentando, entendemos se tratar exatamente disso: experimentava outra posição. Isso se deu logo após o episódio de sua falta injustificada a análise, e sua concomitante irritação com o clínico por este relacionar a falta com as falhas dela e dos outros, e lhe cobrar monetariamente por esta falta, ou seja, instituir um valor

simbólico à falha. A irritação de Darci foi tanta que ela perde, pela primeira vez, o controle. Explode e manda o clínico à merda, lugar do produto e da desqualificação. Acreditamos que cobrar a falta de Darci tenha sido a qualificação e o reconhecimento de seu produto, e da produção que em análise se dava. Parece que neste momento Darci se autorizou a produzir, mas produzir o quê? Darci não sabe, o clínico tampouco, então ela se experimenta.

Darci caminha, mas lhe é custoso caminhar ao lado do não sabido, ela apenas caminha. E é por este caminhar que o pai se torna outro, o pai amado e afável se transforma no pai cruel e autoritário, alvo das críticas e do ódio de Darci. Autorizada a criticar e odiar o pai, ela se permite experimentar outra posição, vai a bailes, encontros com amigos, aulas de dança, enfim consegue se movimentar um tanto mais livre da prisão identificatória que mantinha com o falo.

São interessantes dois aspectos deste momento especial; um deles se refere na dificuldade de Darci em se situar diante do buraco do Outro e de si mesma. Aceitar a proximidade do outro é aceitar em si um buraco sobre o qual se cairá o desejo do outro, entretanto, Darci não sabe o que fazer. Jerusalinsky (1995) aponta que “a neurótica obsessiva tem que fazer uma obra de exceção” (p.35). Estamos inclinados a pensar que a obra de exceção que a neurótica obsessiva tem que fazer é a A mulher, a mulher mítica em equivalência ao Pai fálico do mito, mas voltaremos a esse ponto posteriormente.

Jerusalinsky (1995) prossegue dizendo:

Ela tem que fazer uma obra de exceção, não tem que atrair com seu corpo, pintando-o, sublinhando seus buracos com batom para mostrar que este buraco é o melhor lugar para o falo do outro. A mulher neurótica obsessiva não está nessa posição. Mas, de repente, ela descobre essa técnica que ela não compreende muito bem não compreende o que fazem essas mulheres sublinhando buracos, mas que têm certo sucesso na vida e começa a copiar, do lado externo: pinta-se e se veste um pouco melhor, numa tentativa

de achar uma solução histérica que, por outro lado, é-lhe totalmente alheia e incompreensível, e que, por isso, assume nela uma dimensão ridícula. (p. 35)

Desse modo, compreendemos com facilidade a dificuldade de Darci em articular em si uma aceitação da feminilidade tal qual manifestada no imaginário social. Suas críticas as misses parecem ser uma crítica às mulheres que, de modo geral, buscam nas equações freudianas os substitutos do falo a elas privado. O borrado de seu batom, seu andar desajeitado quando de saltos altos, seu desconforto vestindo saias, também se dão em igual sentido. O intento de Darci é, para ela, muito maior, e seu desejo é constituir, encontrar exceção, algo que se sobressaia e lhe dê o traço fálico que viria sanar a dívida paterna frente ao desejo do Outro.

Pode-se pensar em uma possível histericização em Darci neste momento, mas, e aqui encontramos seu desfecho trágico, isso se dá fora da cena, na surdina e fora dos holofotes que a histérica sempre busca. Ela se inscreve em aulas de yoga e acaba, finalmente, por ir ao parque, entretanto ela comunica isso na ausência dela e do analista. Relembrando, Darci falta em duas sessões e justifica suas faltas com as aulas de yoga e sua ida ao parque, entretanto ela diz isso à secretária eletrônica, não diretamente ao seu analista; em cena ela nunca disse nada sobre isso. Entendemos que ela executa neste ato uma produção, contudo, imobiliza o outro (no caso o analista) ao apresentar sua produção fora do campo do Outro e, assim, evitar o que dele pode vir enquanto aprovação ou desaprovação.

É neste interim que Darci volta novamente a perder o sono e acordar sobressaltada, o Outro inapreensível, posto ser a alteridade, ressurgue ameaçador. Ela consegue fugir do olhar do analista, mas não consegue fugir de sua dívida impagável. Começar a circular de modo mais livre numa demanda do desejo a lança de imediato à sua dívida, herança do pai homem,

frente ao Outro e ao pai imaginário. Nesta movimentação ressurgem a ameaça dela perder seu lugar, sempre condicional, de filiação, pois suporia abandonar a busca pela sustentação daquilo que, para ela, lhe permite reconhecer-se, ou seja, a busca pelo traço fálico que colocaria as coisas no seu devido lugar, o pai com a sua dívida sanada e a mãe completa.

O que é belo neste momento, e que acreditamos ter sido o único ganho de Darci em análise, é que pela primeira vez, talvez até em toda sua vida, ela não recua. Ela não vai ao psiquiatra para que este lhe receite remédios para dormir, ela insiste neste novo movimento, mas quão custoso lhe é. Para insistir neste intento, Darci tem que deslocar para a análise, e para seu analista, este lugar de reconhecimento, ela passa a elogiar o clínico e atribuir a ele sua maior circulação. Seus atos, que segundo ela lhes são fáceis, mas que, ao contrário sabemos o quão custoso lhe é, comprar brincos por impulso, chamar amigos para sair, são os produtos os quais ela oferece ao analista para que este lhe atribua um valor, ou seja, para que o analista dê forma ao disforme que o paciente apresenta.

Um pedido que impõe ao analista o dilema transferencial do qual já nos referimos. Um pedido de Darci para que o analista lhe indique como ser, um pedido delicado que aponta o cair do neutro. Trata-se da necessidade de um estímulo, de algo que fomente a brotação de seu desejo, ou trata-se de capturar o desejo do analista transformando-o em demanda, ou seja, um significante que lhe indique um assento fálico? Questão que impõe ao analista uma aposta cujo resultado somente depois se saberá. Ao clínico, neste caso, coube um distanciar-se, na tentativa de não indicar a Darci um lugar, talvez isto para ela tenha sido o insustentável em sua análise, mas, ao certo, não saberemos.

Acreditamos que caso contrário, caso acatássemos o pedido de Darci pela análise e pelo clínico, se daria seu sacrifício de abandonar seu lugar de reconhecimento, abandono de um lugar para criar outro igual, transformar o desejo do analista, de autorização do vazio, para

uma demanda que ela suporia ser do analista em relação a ela. Uma atuação um pouco mais histérica é verdade, mas na qual notamos o mesmo velho movimento de Darci, encontrar um desejo no Outro, para reconhecer seu buraco e ali se alojar como desejo deste Outro.

Entretanto é neste momento surge na vida de Darci um homem com o qual ela irá se relacionar, um homem sem nome. Questionamos qual o lugar deste homem, uma vez que ele é posto por Darci sem registro, sem um lugar significativo. É quando Darci retorna, para não mudar mais, às suas vestimentas *country*. Não tivemos a oportunidade de apreender com Darci o lugar pertencente a este homem frente ao seu desejo, a análise se interrompeu antes disso, contudo podemos perceber uma Darci talvez diferente.

Este homem sem registro e significância, parece, a princípio, ser aquele que trará à Darci um apaziguamento de sua busca pelo registro e pela significância. Um despojamento na rigidez e dureza de Darci. Este homem tem sim uma importância significativa à Darci, seja ele o lugar da fragilidade, da maleabilidade e, o mais importante, o lugar da permissão e da aceitação.

Com ele, Darci pode desfrutar de não necessitar ser, desse modo ela se permite e se ‘aceita’ em não ser, ela pode desejar agradá-lo com sua casa bonita, e com uma macarronada, conforme ela nos diz, mas pode aceitar as falhar em sua produção e salgar demais a macarronada; Darci encontra o humor como alternativa, uma saída amorosa da falha, da falta, em si mesma e no Outro. O mais importante é que talvez este homem aceite Darci como ela é, aceite sua casa bonita, mas talvez ordenada demais e desfrute de sua macarronada, seja ela salgada ou não. Entendemos que este homem fornece à Darci um sustento fálico, justamente em acatar o traço fálico de Darci, pois aceita ela ser *cowgril*, mas que lhe possibilita ser assim a partir de outra posição.

Talvez essa possibilidade não tenha passado de uma expectativa de uma aposta do clínico, talvez uma posição insustentável para Darci, posição que lhe exige além de seus limites. Não sabemos o desfecho desta relação de Darci com este homem, mas sabemos da fúria de Darci na possibilidade de perder seu ideal fálico, seu pai sofre um AVC que lhe impõe um risco de morte. Darci retorna ao consultório tomada de imensa e intensa fúria e culpa o clínico por ela ter se rebelado contra o pai, por ela tê-lo desautorizado.

Um momento decisivo para Darci, assim entendemos esta fatalidade ocorrida com seu pai. Que caminho tomar, abandonar sua vida em São Paulo, seu homem sem registro e retornar à casa do pai, ou abrir mão do pai e seguir seu caminho de sua vida incerto e inseguro? Dúvida que Darci não consegue responder e se enfurece. Darci diz que irá retornar, irá receber a herança do pai, herança de sua dívida e de seu fracasso que sua iminente morte atesta. Herança de ser, em sua suposição, o objeto do Outro. Darci não deixa brecha em sua decisão, é irreduzível. Anula o seu desejo, o de seu homem sem registro e também o de seu analista. Dura, se mantém ereta e intocável, o Pai morto ressuscita no pai morrendo, ressuscitando com ele o lugar imaginário que Darci busca dominar, mas que é dominada por ele.

Contudo, em sua fúria e em seu discurso de retorno e impossibilidade escapa de Darci mais um produto, aliás, escapa também sua dúvida; Darci se põe em dúvida, uma dúvida digna e legítima, mas mais importante enquanto dúvida para esta mulher tão certa de sua impossibilidade. Darci vai embora irreduzível em seu abandono do desejo e de si mesma, mas deixa escapar seus óculos, ela os esquece com o analista. Um importante produto que deixa como marca de um elo, uma ligação com outro lugar, um lugar onde Darci tenha encontrado a possibilidade de talvez outra possibilidade.

Darci se distancia, mas mantém a proximidade, telefona informando que não se mudou, telefona dizendo querer retomar a análise, telefona dizendo estar se organizando para marcar um horário. Acreditamos que Darci esteja mesmo se organizando, organizando algo que beneficemente a desorganizou, que abalou a existência de um lugar inabalável e por tanto insustentável. Seus óculos estão no consultório, demarcando um lugar de autorização de suas produções, Darci sabe disso, portanto, como dissemos, o clínico e seus óculos estão lhe aguardando.

7. Conclusões

Como concluir um trabalho? Sempre fica um chamamento para algo a mais, talvez um objeto 'a' nos impelindo a desejar mais, a gozar mais. Um gozo a mais? Talvez a tentativa, sempre impossível, do completo. De escrever um texto que alcance todas as possibilidades. Um texto para o Outro? Talvez. Mas um desejo de que o nosso produto texto tenha valor ao Outro. Qual valor? Enigma... entregamos ao Outro. O tempo, enfim, surge como fálico e impõe um fechamento. É imperativo encerrar. Encerramos, com uma sensação prazerosa de realizar o que foi possível dentro das limitações impostas. Um gozo fálico, sim, mas também a eterna sensação de incompletude.

Mais ainda, como concluir um trabalho que objetivou tratar do humano? Falar da subjetividade é estar sempre diante do inédito; assim, nosso produto nada mais é do que uma versão daquilo que se produziu de um encontro clínico. Uma paciente, um analista, um encontro. Qualquer alteração disso pressupõe de imediato outro caso, outra vivência e, portanto, outra possibilidade de experiência. Tratamos deste encontro, no que se resume do que dele o analista se afetou. O *Pathos* do analista e sua possível transformação em um discurso (uma dissertação de mestrado), uma Psicopatologia (discurso sobre o *Pathos* psíquico), Fundamental na existência possível deste discurso. Fundamental ao humano.

Para além do mais ainda, como encerrar um trabalho sobre a neurose obsessiva e a mulher, se ambos nos pedem incessantemente isso? Por um lado à mulher como sendo uma posição de não inserção total na castração, restando algo de ilimitado o que configura um conjunto aberto sem algo que o especifique. Por outro a neurose obsessiva clamando obstinada e sofridamente pela não existência do desejo, em si e no Outro, numa tentativa de anulação da distinção.

Neurose obsessiva, neurose da obturação, neurose por um saber a mais que retire do Outro sua condição fundamental de enigma. Neurose pelo fechamento do conjunto na totalidade, reencontro do objeto de satisfação, retorno ao período anterior a Era glacial, estado pré-humano, portanto mítico.

De outro lado a mulher, ponto de interrogação para Freud, ponto de aforismos para Lacan. Mulher, que do seu lado falta; falta que aponta em seu corpo sua incompletude, a catástrofe do humano, mas que sustenta um imaginário que afirma a possibilidade, falaciosa, da obturação desta falta, seja dos homens ou das mulheres. Mulher que não encontra, e pede, um significante que lhe especifique um lugar, seja como a histérica denunciando a existência de lugar nenhum, seja como a obsessiva acatando e se escravizando naquilo que ela supõe significante, mas de qualquer forma um pedido de que algo limite o gozo e comporte, e suporte, este mais gozar, gozo suplementar que mantém sem especificidade significante este gozo que a suga na dimensão do Outro.

Mulher neurótica obsessiva, uma conjunção trágica. Conjunção que une dois sintomas que podem caminhar aliados rumo à destruição. Isto porque a neurose obsessiva encontra a todo instante a exceção que lhe faz lembrar a castração, e assim à neurose obsessiva atestaria sempre a existência deste Um fora da castração, seja ele o pai mítico. A mulher obsessiva não encontra este Um fora da castração, pois algo dela escapa à própria castração, deste modo é necessário que ela crie o pai sob o qual irá rivalizar e se submeter. Na ausência do ideal mítico “A mulher” se impõe uma abstração que abre a possibilidade de uma suposição, deste modo à mulher obsessiva elege qualquer significante suposto fálico sob o qual irá rivalizar.

Acreditamos que a neurose obsessiva na mulher impõe a necessidade da criação da exceção. A carência desta figura mítica “A mulher” total que limitaria o gozo da mulher,

dando um escopo a este gozo suplementar e conseqüentemente uma especificidade do seu conjunto, a sua não existência que torna a neurose obsessiva na mulher em algo trágico, pois a mulher obsessiva não encontra em seu conjunto com quem ou com o que rivalizar, nem o que pode ser ou não ser desejável.

Estamos apontando uma hipótese que não foi possível trabalhar neste texto, talvez em pesquisa futura possamos ir a fundo nesta temática. Levantamos a questão que talvez a neurose obsessiva lance a mulher numa tentativa dela própria se constituir como a exceção, ser “A mulher” mítica, aquela que daria um corpo a este gozo suplementar, o qual as mulheres vivenciam embora dele não saibam dizer. Mas ser “A mulher” para outra mulher, mas não uma mulher qualquer, para mãe, seu Outro primordial, desse modo ela daria um corpo e um limite encerrando nela o desejo do Outro, o que é o desejo obsessivo. Deixamos a proposta em aberto.

Contudo, concluímos que a mulher obsessiva, assim com o homem obsessivo, tende a se colocar como objeto de desejo do Outro; no caso da mulher esse desejo implica numa tragédia, pois ela irá se identificar não com o ideal, uma vez que não há “A mulher”, mas sim com o imaginário do que ela supõe ser o objeto do desejo do Outro. Uma mulher obsessiva não é fálica, ela se identifica com tudo àquilo que ela supõe ser fálico para o Outro, o que para ela lhe asseguraria um lugar no desejo do Outro. Uma mulher neurótica obsessiva necessita encontrar um suporte fálico, para então encontrar nele aquilo que ela supõe ser o desejo do Outro. Neste sentido entendemos que a mulher obsessiva tem que, antes de tudo, fazer o pai, isto é, constituir a imagem do objeto de desejo do Outro, para então, e somente depois disso, poder confrontá-lo.

Referências Bibliográficas

ABRAHAM, K. (1920). A valorização narcísica dos processos excretórios nos sonhos e na neurose. In: Berlinck, M. T. (Org.). *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta, 2005.

_____. (1924). Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais. In: *Teoria psicanalítica da libido*. 6. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____. (1921). Contribuições à teoria do caráter anal. In: Berlinck, M. T. (Org.). *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta, 2005.

AULAGNIER, P. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

_____. *Um intérprete em busca de sentido - II*. São Paulo: Escuta, 1990.

_____. Observações sobre a estrutura psicótica. In: KATZ, S. C. (org.). *Psicose: uma leitura psicanalítica*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 1992.

BERLINCK, M. T. *Obsessiva Neurose*. São Paulo: Escuta, 2005.

_____. O método clínico - 2. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 10, n. 4. Dez. 2007.

_____. O que é Psicopatologia Fundamental. In: *Psicopatologia Fundamental*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2008.

_____. Catástrofe e representação. Notas para uma teoria geral da Psicopatologia Fundamental. In: *Psicopatologia Fundamental*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2008.

_____. Autismo: paradigma do aparelho psíquico. In: *Psicopatologia Fundamental*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2008.

_____. O método clínico - 3. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 191-194, jun. 2008.

_____. Método clínico e conflito de interesses. *Rev. Latinoamericana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, p.633-635, dez. 2009

_____. A noção de subjetividade na Psicopatologia Fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 551-557, dez. 2010.

BLEICHMAR, H. *Introdução ao estudo das perversões*. Teoria do Édipo em Freud e Lacan. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984

CECCARELI, P. R. A construção da masculinidade. *Revista Percurso*, São Paulo, v. 19, p. 49-56. 1998.

_____. (Org.). *Diferenças Sexuais*. São Paulo: Escuta 1999.

COMARÚ, M. *Notas sobre a concepção lacaniana da angústia*. *Papéis*, n. 1, 1995.

DOR, J. *O pai e sua função em psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERRAZ, C. F. O primado masculino em xeque. *Revista Percurso*. São Paulo, v. 40, p. 40-53, 2008.

FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. VII.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. VII.

_____. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. IX.

_____. (1913). Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XIII.

_____. (1915). *Neurose de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1916). O caminho das formações dos sintomas (1916). Conferências introdutórias sobre psicanálise n. XXIII. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XVI.

_____. (1919). O estranho. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XVII.

_____. (1923). A organização sexual infantil . In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XIX.

_____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XIX.

_____. (1925). Algumas consequências psíquicas sobre a diferença anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XIX.

_____. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XX.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XXI.

_____. (1931). A sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XXI.

_____. (1933). Angústia e vida instintual. Novas conferências introdutórias. Conferência n. XXXII. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XXII.

_____. (1933). Feminilidade. Novas conferências introdutórias. Conferência n. XXXIII. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. XXII.

JERUSALINSKY, A. Manual de instruções para refazer o pai a cada instante. In: *A necessidade da neurose obsessiva*. Porto Alegre: APPOA, 2003.

_____. Camille Claudel: uma neurose obsessiva feminina. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA*, Porto Alegre, v. 17, p. 26-36, nov. 1999.

KHEL, R. M. *Os deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. (1949). O estádio de espelho. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1959-1960). *O seminário. Livro VII. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. (1962-1963). *O seminário. Livro X. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1972-1973). *O seminário. Livro XX. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1975-1976). *O seminário. Livro XXIII. O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LECLEIRE, S. *O corpo erógeno. Uma introdução à teoria do complexo de Édipo*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 1992.

MANNONI, O. *Um espanto tão intenso: a vergonha, o riso, a morte*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

MELMAN, C. *A neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2004.

NASIO, D. *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

PERSON, E.; OVESEY, L. Teorias psicanalíticas de identidade de gênero. In: CECCARELLI, P. R. (Org.). *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta, 1999.

PERES, U. T. Notas sobre a neurose obsessiva em Freud e Lacan. In: BERLINCK, M. T. (Org.). *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta, 2005.

RIBEIRO, M. A. C. A mulher obsessiva entre a tragédia e o humor. In: BERLINCK, M. T. (Org.). *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta, 2005.

SOLER, C. *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007. Seminário A Angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta, 2012.

TOROK, M. (1964). A significação da “Inveja do pênis” na mulher. In: ABRAHAM, N.; TOROK, M. (Orgs.). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.